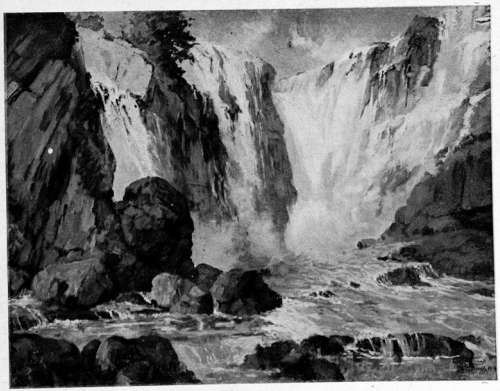
ANNO II — NS. 16-17 JULHO E AGOSTO DE 1926

REVISTA DO ENSINO

ORGAM OFFICIAL
DA DIRECTORIA DA INSTRUCÇÃO



BELLO HORIZONTE
ESTADO DE MINAS GERAES
BRASIL

SUMMARIO

Os grandes nomes da pedagogia: D. Bosco.— Os tests applicados ao julgamento das qualidades moraes.— As lições de optimismo nas escolas.— Para despertar, na escola, a iniciativa, o senso da responsabilidade e as attitudes generosas.— *Emilia Truran:* Como devemos iniciar o ensino do desenho.— *Vitalia Campos:* Lição de arithmetica.— Os alumnos formando uma pequena tribu indigena...— A educação do sentimento nacional pelo estudo da geographia.— Aula de geometria.— A actividade espiritual.— Meios praticos de mal educar as crianças.— Educação physica.— *Guerino Casasanta:* Oxygenio do coração.— *Lucio José dos Santos:* A mentira egoistica.— Disciplina e diligencia.— A jardinagem nas escolas.— O ensino da historia no curso primario.— *Maria Rita Burnier:* Lição de lingua patria.— Exploração do valle do Amazonas num hydroplano.— *Maria Luisa de Almeida Cunha:* Educação da vontade.— *Zelia Rabello:* O ensino da leitura e escripta aos retardados.— *Elvira Brandão:* Algumas palavras sobre a leitura silenciosa.— Presidente Mello Vianna.— *Djalma Andrade:* Escola Maternal. — O Brasil e a conquista do ar. — Aula de hygiene. — Os livros para as nossas creanças.— O escotismo e os escoteiros.— *Aurea Queiroga:* O Estado de Minas Geraes.— O ensino por meio da pintura.— Pela belleza da raça.— Os exercicios sensoriaes.— *Branca de Carvalho Vasconcellos:* O canto nas escolas. — Jardim da infancia. — O ar atmospherico. — A vingança do Tucano. — A onça e o jaboty. — O que dizem as outras revistas. — *Guerra Junqueiro:* O jantar de bébé. — *Bemvinda de Carvalho:* Brasil — Recursos naturaes. — Como a noite appareceu, segundo a lenda tupy. — O mentiroso arrependido.

REVISTA DO ENSINO

ORGAM OFFICIAL
DA DIRECTORIA DA INSTRUCÇÃO

ANNO II | Bello Horizonte, Julho e Agosto de 1926 | NUMS. 16 e 17

OS GRANDES NOMES DA PEDAGOGIA

D. BOSCO

D. João Bosco nasceu a 16 de Agosto de 1815, em Becchi, perto de Castelnovo d'Asti. A sua mãe, que ficara viuva muito cedo, era uma mulher de grande piedade, cheia do verdadeiro espirito de sacrificio e de trabalho. Com extremas difficuldades, criou ella o seu filho, que se destinou ao sacerdocio.

O joven presbytero entregou-se dedicadamente á cura d'almas nas prisões. Ensinando e doutrinando jovens criminosos, adquiriu a convicção de que muitos delles, a maior parte talvez, haviam resvalado pela estrada do crime, menos por maldade que por leviandade e ignorancia. Concebeu desde então o designio de pôr-se a serviço da mocidade, para prevenir-lhe as quedas de preferencia a regeneral-a depois, como tarefa mais util ao moço e á sociedade.

Inesperado impulso para realisação do seu intento, deu-lhe o conhecimento que travou com um jovem de quinze annos, completamente analphabeto, que foi a pedir-lhe instrucção. Começou D. Bosco a ensinar a esse jovem e a outros companheiros que o mesmo lhe foi trazendo. Dava-lhes aulas no seu quarto, depois na Egreja e depois ainda em barracões de madeira.

A essa fundação deu elle o nome de «Oratorio de S. Francisco de Sales». Estava ahi o nucleo de onde devia sahir a Congregação Salesiana, fundada por D. Bosco, e cuja regra foi approvada por Pio IX em 1859.

Quando morreu o santo fundador, em 1888, contava a Congregação 250 estabelecimentos de ensino, oratorios, seminarios etc. com 300.000 alumnos, em diversas partes do mundo.

No Estado de Minas, dirigem os Filhos de D. Bosco excellentes estabelecimentos de ensino.

Ensinar é facil; difficil é educar. Para educar é preciso não violar as leis naturaes do desenvolvimento physico e mental da creança. Mas, a educação não pode deixar de ter um objectivo; ella só pode ser feita em vista de um resultado a obter, de um ideal a attingir.

Em Pedagogia, pois, si a Psychologia infantil é um elemento importantissimo, não pode, entretanto, deixar de haver idéas normativas fundamentaes, de que procedam os meios e methodos. Tudo está em que sejam aquella Psychologia bem comprehendida e estas normas bem formuladas.

Admittindo um destino sobrenatural, préza D. Bosco acima de tudo a pratica dos Sacramentos. O Catholicismo encerra já, em si, toda uma Pedagogia. Isso, porém, não basta, porque ha uma outra face da questão, que se não deve nem pode esquecer.

O principio fundamental da Pedagogia de D. Bosco é o chamado *systema preventivo*. O educador deve evitar que a creança commetta uma falta, prevenir o mal, velar e admoestar. Porque?

1º A creança previamente admoestada não soffre humilhação com a falta commettida nem se irrita contra a reprehensão.

2º Acontece frequentemente que uma creança commette uma falta e recebe o castigo, sem ter pensado na primeira e sem haver, portanto, merecido o segundo. Tivesse uma voz amiga aconselhado aquella creança ou alguem velado sufficientemente sobre ella, e provavelmente não seria commettida a falta.

3º O methodo de castigos, o systema repressivo pode impedir a desordem, mas não conseguirá com facilidade melhorar os culpados. Facilmente esquece a creança os castigos dos seus paes, difficilmente os dos seus mestres. O systema preventivo, ao contrario, torna o alumno amigo do educador, porque nelle vê um bemfeitor, que o admoesta, que lhe quer bem, que o premune contra o dissabor, o castigo e a humilhação.

Essa vigilancia, porém, não deve ter o caracter policial, nem admittir a delação, mas exercer-se paternalmente, de modo que jamais se julgue a creança nem vigiada nem abandonada, mas constantemente fortificada contra a falta pela companhia, pelo exemplo, pelo trabalho, pelos exercicios. No systema preventivo, deve o educador conquistar o cora-

ção do seu alumno; conseguido esse resultado, pode obter tudo mais.

No systema preventivo, a vigilancia e os conselhos poem a creança na impossibilidade de commetter a falta. No systema repressivo, a falta não é impedida; é castigada. A's mais das vezes, a creança irrita-se contra o castigo e só tem um desejo, o de sacudir o jugo.

Analogo ao systema de D. Bosco é o de Brownlee, empregado com grande successo nos Estados Unidos, recentemente.

D. Bosco quer para os seus alumnos toda a liberdade. Que brinquem, saltem, gritem e façam tudo que na sua edade é permittido fazer. Alegria, intensa alegria deve reinar sempre entre elles. Essa alegria sadia é a melhor prova; ella é, ao mesmo tempo, um symptoma e um estimulo do bem.

Taes são, em ligeira synthese, as ideas fundamentaes de D. Bosco, em materia de educação. Sobre ellas emittiu Lombroso a sua opinião, com estas palavras: Os estabelecimentos salesianos constituem uma força vigorosa e genialmente organizada para a prevenção do crime; são os unicos que existem na Italia.

Os tests applicados ao julgamento das qualidades moraes

Os recentes trabalhos sobre o assumpto.

TEM sido muitas vezes reprovado o methodo dos tests por só se referir ás funcções intellectuaes, e não se preoccupar com as qualidades moraes que são consideradas mais importantes; pois para que serve a mais viva intelligencia, si não se applica a acções bôas e si não se tem a vontade de fazer os esforços que ella exige?

Si não possuimos ainda bons tests de moralidade e de caracter, não é que sua importancia nos tenha escapado, mas por serem extremamente difficeis de elaborar. Falta-nos espaço para entrar aqui no estudo d'esta questão. Desejamos apenas assignalar o seu logar por um ou dois exemplos. Para o resto limitamo-nos a indicar os trabalhos recentes sobre este assumpto. (1).

MENTIRAS A CLASSIFICAR (Descaudres)

Trata-se de saber até que ponto a creança é capaz de discernir a gravidade de uma acção má. Dão-se á creança, escriptas cada uma em um papel separado, as seguintes narrações:

A.—Encontrou-se um tinteiro derramado na classe. «Quem fez isto?» indaga o professor. João, que não gosta de accusar seus camaradas, responde que não sabe de nada, apesar de haver testemunhado o accidente.

B.—Um menino, cujos paes não são ricos, se gaba continuamente de todos os bellos moveis que ha em sua casa, de todas as bôas cousas que come, de todos os magnificos brinquedos que o seu pae lhe compra.

C.—Paulo quebrou uma chicara. Elle se cala, quando accusam seu irmão, que havia ficado só no quarto, de haver commettido esse estouvamento.

Para saber qual é a ordem de gravidade objectiva dessas tres mentiras, é preciso fazel-as classificar por adultos. E' o que fez M. Bovet (1) obtendo a seguinte escala: C—mais grave do que B, B—mais grave que A.

Encontrar-se-ão outros exemplos no trabalho original.

ACTOS DE CRUELDADE A CLASSIFICAR (2)

I—João amarra uma pedra ao pescoço de um cão, para difficultar seus movimentos, e o atira dentro d'agua.

II—Um gato dorme socegadamente. Chega João e lhe puxa a cauda.

---

(1)—Fernald, The defective delinquent class differenciating test, Am J. of Insanity, avril, 1912. Jocobshn, Uber die Fernalds che Methode. Leipzig, 1920. Sander, Die experimentelle Gesinnungsprufung, Z. angew. Ps. XVII, 1920, Pressey, A group scale for investingating the emotion, J. abn. Ps., avril 1921. Downey, Individual Wil—temperament test, Inst. Carnepie, 1919, etc.

(1) Bovet. Test de jugement moral, Intermid. des Eudc., janv. 1914.

(2) Sarkissof et Junod, Intermid. de Edc., juin 1917.

«O problema do ensino no Brasil somente póde ser resolvido por intensa e vigorosa campanha, em que haja collaboração viva de todas as energias nacionaes». — Palavras da ultima mensagem do sr. presidente Mello Vianna.

III—João vae apanhar rouxinóes. Elle pega um, fura-lhe os olhos e o mette na gaiola.

IV- Um pobre cavallo velho carrega com difficuldade uma carga pesada. João se approxima e se aproveita de ninguem o estar vendo, para bater no pobre animal.

V—Uma mosca está sobre a mesa. João colloca um copo sobre ella e prende-a por alguns instantes.

A estalonagem mostrou que II e V de uma parte, I e IV de outra, são praticamente equivalentes. As classificações obtidas são: III (o mais grave), I, IV, II, V.

Uma creança que perceber a differença entre IV e II dará prova de julgamento moral mais fino que aquelle que se limitar a observar as grandes differenças III — II, III — V.

ACTOS DE FURTO A CLASSIFICAR

I—Jacques acha um lapis na classe e toma para si.

II—Jacques tira o lapis de um companheiro em sua carteira.

III—Jacques encontra um lapis na rua e toma para si.

IV—Jacques vê um companheiro deixar cahir um lapis. Elle o apanha e toma para si.

V—Jacques, apoderando-se da chave da gaveta de seu companheiro, abre-a e tira um lapis.

Ordem de gravidade: V, II, IV, I, III, — Pela unanimidade dos julgamentos, V foi considerado mais grave que II, e II mais grave que I.

As lições de optimismo nas escolas

Como a professora póde provocar no alumno a confiança e o enthusiasmo. E' necessario nunca desilludil-o da victoria do seu esforço.

A REVISTA americana *Normal Instructor* insere num dos seus numeros excellente pagina sobre a necessidade, que se impõe á professora, de fazer florescer, entre os alumnos, uma corajosa e optimista idéa da vida, sem receios inuteis e desanimos fataes.

Um grande numero de estudos experimentaes, dentro e fóra dos laboratorios de psychologia, têm provado que uma pessoa de qualquer idade, porém especialmente, joven, estará muito mais apta para resolver os problemas que enfrenta, si tiver confiança em si, do que si acreditar que elles a derrotarão.

A idéa da derrota, (os psychologos têm provado e pessoas observadoras têm notado) é desastrosa para quem precisa encarar qualquer situação que exija o uso completo de todas as faculdades e poderes.

Quem se considera vencido já está vencido.

Emquanto a pessoa tem confiança que será bem succedida em luctas de qualquer especie, todas as suas faculdades physicas e moraes trabalham juntas, em harmonia, até ao limite de suas forças, afim de *alcançar o exito*. A crença de que se póde vencer uma difficuldade de qualquer genero, opera como uma tremenda força impulsora, emquanto, de outro lado, a convicção de que se póde mallograr, age como um deprimente sobre todo o organismo—physico, moral e intellectual.

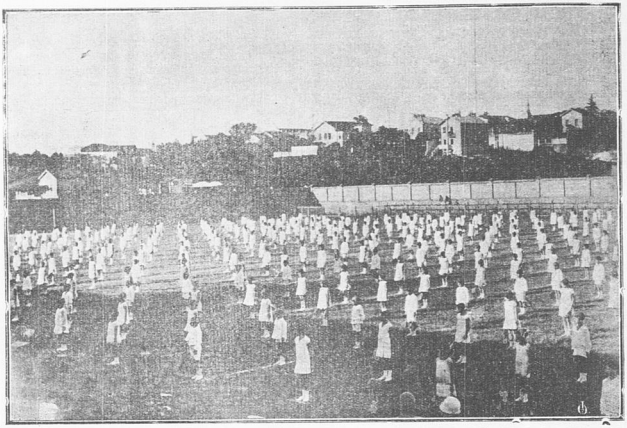
Far-se-á, neste artigo, uma applicação particular do principio em questão.

Em uma escola que o inspector estava visitando, recentemente, ouviu uma professora ordenar a um alumno que fosse ao quadro negro resolver um problema um tanto complicado. O menino trabalhava na sua tarefa, emquanto seus companheiros estudavam outra cousa. Quando terminou, havia um erro na conta. Então, a professora lhe disse: "Não esperava que resolvesse o problema sem commetter algum erro. Você é incapaz de evitar os erros. Estou quasi considerando-o como um caso perdido". O menino foi para o seu logar sem que se dissesse mais nada.

* * *

Talvez não haja resultado mal algum deste methodo da professora para castigar o alumno; mas ha mais probabilidades de que tenha prejudicado o alumno.

Si elle achou que a professora tinha razão e não se offendeu profundamente com o que disse-lhe, certamente ficará tolhido, pois a idéa de que não póde trabalhar com correcção começará a ficar estabelecida em seu espirito. Não poderia ter-se tornado mais habil, tendo a convicção de que é incapaz de qualquer cousa. Si, ao contrario, tivesse dito comsigo mesmo: "Tenho a certeza de que posso ac



EXERCICIOS DE GYMNASTICA SUECA PELOS ALUMNOS DOS GRUPOS ESCOLARES «BARÃO DO RIO BRANCO» E «AFFONSO PENNA».

correcto e sei-o-ei, apezar do que a professora disse de mim; sei que posso trabalhar como qualquer outro e hei de conseguil-o",—neste caso, seria estimulado em vez de abatido. Porém, onde um alumno teria reagido deste modo, quarenta e nove succumbiriam á condemnação da professora, em vez de resistir e vencer interiormente.

Como deveria proceder a professora para ajudar esse alumno a corrigir-se de seu defeito? Antes de mais nada, não devia ter lhe suggerido que elle era um caso perdido. Em seguida, não devia ter dito que esperava que elle errasse; um bom meio de obter-se incorrecção ou mau procedimento, é dizer aos alumnos que se espera isto delles.

A professora devia ter guiado o alumno no seu problema, ponto por ponto, até que o erro fosse focalizado e sua causa descoberta. Então, deveria dizer: "Agora você póde evitar os erros. Na proxima vez, poderá fazer deste modo e não se perturbará. Sei que é capaz de trabalhar direito e estou certa que, de outra vez, mostrar-me-á um trabalho perfeito".

* * *

Si a professora soubesse, por experiencia anterior com este alumno, que elle commettia erros porque não se esforçava para evital-os, ou era indifferente á sua tarefa, ou queria mostrar-lhe que não se importava de proceder bem ou mal, e si ella acreditasse que o alumno ficaria estimulado com um tratamento rigoroso, então devia infligir-lhe um castigo sufficiente, de modo a obrigal-o a esmerar-se o mais possivel; porém, a penalidade deveria ser baseada na affirmação da professora de que o alumno poderia trabalhar com aproveitamento si se applicasse seriamente e, caso não o fizesse, soffreria as consequencias.

Deve haver algum methodo melhor de proceder; porém, o ponto principal é que deve ser dada ao alumno a idéa de que póde trabalhar até a altura de um modelo e assim deve proceder. A idea de que provavelmente elle ha de errar ou de que é incapaz de fazer tão bem como os outros, deve ser evitada.

Ha situações na escola, nas quaes é possivel prejudicar muito os alumnos, fazendo-lhes acreditar que são incapazes ou inferiores. Não ha muito tempo, o auctor deste artigo ouviu uma professora criticar um alumno que commettera faltas ao recitar uns versos. Ella disse ao menino que elle não poderia nunca recitar nada direito, porque era "incapaz".

Podia-se esperar que fizesse confusão, porque não tinha "nenhuma intelligencia"? Na realidade,

o alumno errou porque estava embaraçado e confuso, e deste modo, suas faculdades mentaes não funccionavam de modo normal. A declaração da professora de que elle nunca seria bem succedido, contribuia para fixar no seu espirito a idéa de incompetencia, de maneira que, todas as vezes que elle se imaginava naquella situação, via-se errando e então, certamente erraria.

* * *

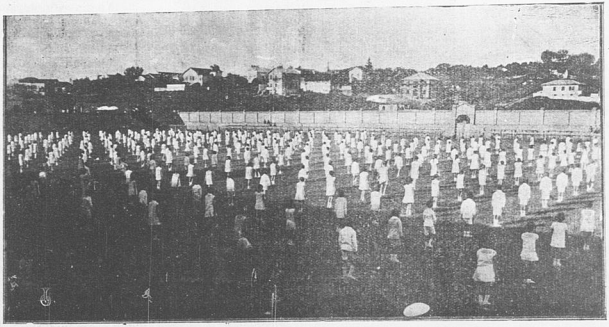
Si se puder observar o que se passa no espirito de uma pessoa na hora em que acredita no seu fracasso, descobrir-se-á que todas as suas idéas e sentimentos se referem ao insuccesso. Naturalmente, só poderá advir um desastre de tal attitude mental. Si a creança, na hora de recitar, pudesse banir a idéa de errar e acreditasse que seria capaz de recitar sem fazer uma pausa, merecendo, assim, os applausos de seus companheiros, teria ficado esperançosa e confiante, e seu pensamento e suas capacidades physicas cooperariam para garantir-lhe o exito.

Este assumpto é de suprema importancia em toda escola. Toda psychologia moderna tende a acreditar que o que se faz ou se póde fazer na idade madura é determinado de um modo mais ou menos vasto pelas experiencias da infancia e da mocidade, mesmo que estas experiencias tenham sido apparentemente esquecidas. Si as idéas de incompetencia, inhabilidade, indignidade e inferioridade forem gravadas na infancia e na mocidade, fatalmente exercerão influencia na vida do adulto. Si pudessemos ver o que se passa na consciencia de um adulto que é timido, desageitado, deficiente ou, de qualquer modo, delinquente, encontrariamos exemplos operando alli para determinar a presente condição do individuo em harmonia com as idéas e o sentimento a respeito de si proprio estabelecidas na infancia e na mocidade. Que significa isto para a professora ? Significa que deve estabelecer na consciencia do alumno a idéa de que póde realizar tudo quanto emprehende tão bem como os outros de sua edade: que não é inferior aos outros no physico, na habilidade, nem em cousa alguma. Porém, o leitor póde dizer: "Mas alguns alumnos são inferiores aos outros". Sim, porém, tornar-se-ão ainda mais, si forem constantemente lembrados disto.

Não está provado que uma pessoa de poucas qualidades nativas não possa attingir uma alta posição.

Talvez algumas professoras perguntem si é moralmente correcto fazer um alumno acreditar que será bem succedido e que poderá alcançar posição elevada, quando as probabilidades são contra elle; mas parece que se deve dar ao alumno a melhor concepção de si proprio, de modo que use todas as faculdades que possúe no seu mais alto gráu; e não póde deixar de ser mal feito incutir a idéa de inferioridade em qualquer pessoa, especialmente em uma criança que, provavelmente, ficará prejudicada para o resto da vida.

E' de 117 contos de réis a somma total dos auxilios votados em 1926, pelas Camaras Municipaes para as caixas escolares do Estado.



OUTRO ASPECTO DOS EXERCICIOS DE GYMNASTICA SUECA PELOS ALUMNOS DOS GRUPOS «BARÃO DO RIO BRANCO» E «AFFONSO PENNA», NO STADIUM DO AMERICA.

Para despertar, na escola, a iniciativa, o senso da responsabilidade e as attitudes generosas

Como os alumnos, praticando a bondade para com os animaes, organisam uma serie de projectos, que são, afinal, lições bellas e uteis.

COMO os alumnos da escola mostrassem grande affeição pelos animaes domesticos, a professora resolveu—suggeriu-nos esta pagina a revista americana «Normal Instructor and Primarg Plans»—fazer-lhes uma surpresa e, num dia de aula, chegou á escola trazendo grande cesta coberta. Quando levantou a tampa surgiram as cabeças de dois coelhos brancos e roliços.

«Que lindos!» exclamaram as crianças. «São para nós?»

«Sim»—respondeu a professora «Como vocês tratam bem dos animaes, trouxe-lhes estes.

Collocou os coelhos no chão, e as crianças começaram a organizar projectos a respeito delles. Rodearam os bichos, fazendo exclamações a respeito de suas habilidades, do modo engraçado de ficarem em pé nas patas trazeiras, de pularem e de se enroscarem como bolas.

Dahi a pouco, os coelhos foram recolhidos á cesta, e as crianças examinaram seriamente o primeiro problema, que se apresentou ao seu espirito:

Problema 1 — Que especie de casa deviam ter os coelhos?

Joanna lembrou-se logo de um caixote; João offereceu-se para trazel-o e assim o fez, nesse mesmo dia.

Os coelhos foram collocados nelle, mas, algum tempo depois, não pareciam tão espertos e felizes como no dia em que chegaram.

As crianças repararam isto e concordaram que os bichos precisavam de mais espaço para brincar. «O caixote está muito escuro»—disseram.

Por isso fizeram um quadrado cercado de taboas e cêpos para que os coelhos podessem ter mais luz e liberdade. Estes, porém, não se contentaram com isto: pularam por cima da cêrca e ficaram andando pela sala toda.

Não podiam, entretanto, ter tanta liberdade. As crianças resolveram, então, collocal-os num tablado de areia. Foi uma solução acertada sob muitos pontos de vista. Era hygienica, porque a areia podia ser facilmente renovada, a folha de zinco limpa e as crianças podiam distrahir-se observando os coelhos. Comtudo, elles não tinham logar bom para dormir.

Pedro trouxe um caixotinho que collocou numa das extremidades do tablado de areia, para servir de casa. Surge agora:

Problema 2—Qual é a alimentação de que os coelhos precisam?

Este problema não podia esperar pela solução do primeiro. Pequena attenção immediata. João sabia que esses bichos comem cenouras, e Maria tinha ouvido dizer que elles gostam de alface.

ALIMENTANDO OS COELHOS

Problema 3—Como e onde arranjar alimento?

No dia seguinte, muitas crianças trouxeram alface e cenouras para os coelhos.

Joanna contou que, uma vez, ella tinha um que a obrigou por ter comido muito legume. «Que é que elles podem comer, então?» perguntou João.

«Aveia», disse Joanna. «Mamãe falou que um pouco de aveia e um pouco de legume lhes fará bem.»

«Então vamos comprar aveia» disse João.

As crianças concordaram com isto, mas lembraram-se de que não tinham dinheiro.

«Eu lhes emprestarei», disse a professora.

João acceitou, dizendo: «Papae falou que é perfeitamente correcto pedir dinheiro emprestado, quando se tem o cuidado de restituil-o.»

Com esse dinheiro compraram a aveia num armazem da vizinhança.

Problema 4—Como pagar o emprestimo.

Isto foi resolvido pelo projecto do Concerto de Radio descripto mais adiante.

Problema 5—Como alimentar os coelhos regular e sufficientemente, e como supprl-os de agua limpa e fresca.

As crianças traziam grande quantidade de legumes, mas, irregularmente, de maneira que havia outra difficuldade a vencer. Resolveram nomear uma commissão que se responsabilizasse pela alimentação dos coelhos.

Escolheram João, Joanna e Henrique para servirem na primeira semana e esses ficaram, pois, constituindo a commissão de alimentação.

Serviram cuidadosamente e com regularidade, até serem escolhidos seus successores.

Foi nomeada outra commissão para fornecer uma vasilha rasa e para canserval-a limpa e cheia d'agua fresca, organizando assim a *commissão para dar de beber*, composta de Pedro, Branca e Jerry.

Problema 6 — Como cuidar da limpesa dos coelhos:

As crianças verificaram logo que, si quizessem conservar o tablado de areia limpo e livre de mau cheiro, a areia devia ser renovada e o fôrro de zinco lavado.

Para este trabalho foi escolhida uma commissão sanitaria, a chamada *Commissão de limpesa*: Maria, Henrique e Carlos.

Os membros desta commissão não só cuidaram de suas obrigações, como rivalizaram uns com os outros no cumprimento das mesmas.

Havia palestras frequentes para estimular o senso da responsabilidade no cumprimento dos deveres, e nellas elogiavam-se os que trabalhavam bem.

Problema 7 — Procurar um nome adequado para cada coelho e que fosse do agrado das crianças.

CRIANÇAS OBSERVANDO OS COELHOS

Para resolver este problema, foram suggeridos, votados e escriptos no quadro negro os seguintes nomes:

«Para um dos coelhos — Bola de neve, Saltador, Veloz.

Para outro: Orelha comprida, Rabo de algodão, Arlequim.

Problema 8—Como dividir esse prazer entre todas as crianças.

Ellas apreciaram tanto os coelhos que resolveram mostral-os aos outros meninos, e lembraram-se de convidar os alumnos do Jardim da Infancia para vel-os.

Escreveram e mandaram para elles uma carta nesse sentido e os outros responderam agradecendo e acceitando o convite.

E o dia da visita foi um dia de alegria para todos.

Resumo

Em resumo, surgiram neste projecto e foram resolvidos os seguintes problemas:

Problema 1—Como arranjar uma habitação adequada aos coelhos.

Problema 2—Qual o alimento de que elles precisam?

Problema 3—Como e onde arranjar alimento.

Problema 4—Como pagar o emprestimo.

Problema 5—Como regular a alimentação dos coelhos.

Problema 6—Como conservar limpa a sua morada.

Problema 7—Escolher nomes para os coelhos.

Problema 8—Como dividir o divertimento entre todos.

Os *assumptos tratados neste projecto* foram:

1—O plano da habitaçãopara os coelhos.

2—Discussão sobre sua alimentação.

3—Sobre hygiene.

4—Sobre o meio de arranjar o dinheiro necessario.

5—Procura de nomes para os coelhos.

6 — Escolha das commissões.

7—Deveres impostos a cada commissão.

8—Convite aos alumnos do Jardim da Infancia.

O trabalho manual que este projecto proporcionou:

1—Fazer a casa para os coelhos.

2—Pôr etiquetas nas caixas dos alimentos.

3—Fazer cadernos de notas sobre elles.

Como resultado, este projecto procura desenvolver os seguintes habitos e atttitudes:

1—Diligencia em cuidar dos coelhos.

2 — Regularidade em fazel-o.

3—Habito de resolver a criança as suas proprias difficuldades.

4—Desenvolvimento do senso da responsabilidade.

5—Cooperação mutua.

6—Bondade e consideração para com os animaes domesticos.

7—Respeito pela habilidade mostrada pelos companheiros.

8—Altruismo, com a divisão do prazer com os collegas.

O PROJECTO DE CONCERTO DE RADIO

As crianças suggeriram, pois, como vimos, muitos meios de obter dinheiro para pagar o emprestimo feito para a compra do alimento dos coe-

O RADIO FEITO PELAS CRIANÇAS

lhos. F[illegible]nante, propuzeram um concerto de Radio. Esta i[illegible]éa foi acceita promptamente por causa do interesse geral que ha pelo assumpto, agora tão palpitante.

Os problemas que tiveram então de resolver foram estes:

Problema 1—Como construir o radio?

A discussão deu como resultado construirem uma estação de irradiação com uma caixa de papelão vasia e um rôlo de papel grosso. As antenas foram feitas com dois paus em cruz e um arame.

Problema 2—Como obter os apparelhos para ouvir.

Estes foram feitos com circulos cortados no papel de desenho e ligados com um barbante.

Fizeram um apparelho para cada criança.

Problema 3 — Quanto deviam cobrar para cobrir a divida?

Concordaram que um tostão de entrada seria o sufficiente e prepararam bilhetes assim:

Concerto de Radio— 1.° de Julho, 1926—Entrada: $100.

Problema 4—Como organizar o programma?

As crianças escolheram algumas cousas que tinham aprendido em aula, taes como recitativos, cançonetas e historias e escreveram o programma no quadro negro.

Problema 5—Como annunciar o concerto?

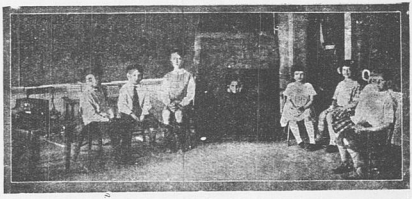
As crianças se exercitaram escrevendo muitas vezes:

Concerto de Radio em beneficio dos coelhos —$100 a entrada.

E os que tinham letra melhor fizeram os cartazes.

No dia 1.° de julho, todas as crianças pagaram um tostão á hora da entrada e receberam um apparelho para ouvir.

Logo que se sentaram o programma foi executado com satisfacção geral e, com este brinquedo, aprenderam muitas cousas uteis.



OUVINDO O CONCERTO DE RADIO

«Não deve ser frio o trabalho dos inspectores regionaes do ensino. Com enthusiasmo, o inspector realisa obra de levantamento da sua propria missão e, em vez de deixar a impressão de que é pequena ou apagada a sua tarefa, dá-lhe ao contrario linhas luminosas, tornando-a mais alta e mais nobre».

Como devemos iniciar o ensino do desenho

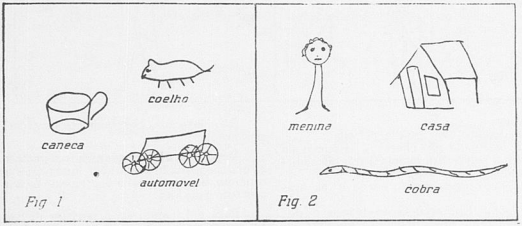
Desenho espontaneo, livre e de imaginação.

EMILIA TRURAN

PRIMEIRO E SEGUNDO ANNOS

DEVEMOS iniciar o ensino de desenho, aproveitando a aptidão natural das creanças para a representação graphica dos objectos que as cercam e as interessam.

A principio farão umas garatujas, assim como na aula de linguagem as suas phrases são simples, ingenuas e erradas, o que é muito natural.



Revelam n'aquelles simples rabiscos a capacidade de observação e creação, o que muito contribuirá para o professor conduzil-s nessa disciplina tão util á vida.

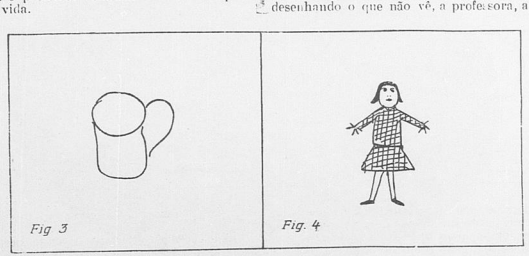
No fim de alguns minutos estarão com o papel cheio (Fig. 1 e 2).

Perguntará então, a professora, o que tentaram representar, escrevendo em baixo as respostas.

A professora annotará ao lado os erros mais graves e si o alumno nos exercicios seguintes apresentar os mesmos erros, deverá mostrar-lhe o objecto para que elle proprio o corrija.

Na fig. 1, por exemplo, a criança desenhou as partes invisiveis do automovel e da caneca. Si nos exercicios successivos commetter o mesmo erro, desenhando o que não vê, a professora, apresentando uma caneca perguntará: Você está vendo todas as partes da caneca?

— Estou.



Nas primeiras aulas, deverá deixar os alumnos em plena liberdade para desenharem o que quizerem.

— Vou passar o dedo minimo em todas as linhas. Quando não enxergar a ponta do dedo avise-me.

— Não estou vendo.

— Pois bem. Vae prestar attenção até que o veja de novo.

— Prompto, estou vendo.

— Então, não vê esta parte, logo não póde desenhal-a, não é verdade?

manhã em sua casa, uma aula de gymnastica, um brinquedo com os companheiros, etc. (Figs. 5 e 6).

Com estes exercicios ficará a professora a par das necessidades dos alumnos, que, ingenuamente, fazem a representação do que se passa em casa.

Pela fig. 5, por exemplo, a professora pode fazer um juizo sobre as condições materiaes do alumno.

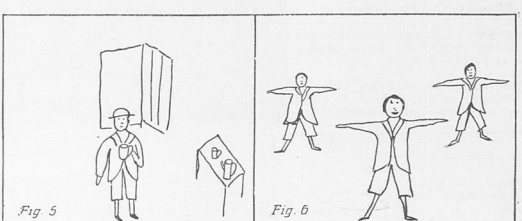


Fig. 5 Fig. 6

— E' mesmo.

— Agora, desenhe uma caneca perfeita.

Na fig. 2, o alumno não observou as partes da figura humana; a professora chamará um dos collegas para modelo.

— Esqueci-me de desenhar o corpo e os braços.

— Muito bem! Esqueceu-se do tronco e dos braços. Faça então um novo desenho. (Fig. 3 e 4).

Não devemos, nem podemos exigir da criança, perfeição.

Depois de alguns exercicios a professora contará uma pequena historia em que o assumpto seja concreto, e mandará que as crianças façam a representação graphica.

Para o 1.° anno as historietas devem ser de 2 e 3 scenas e as do 2.° de 2 a 4. (Fig. 7 e 8).

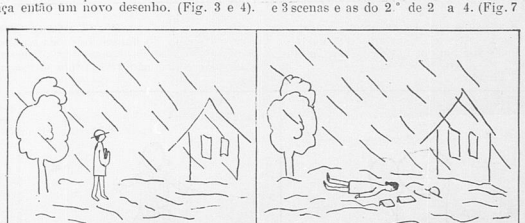


Fig. 7 Fig 8

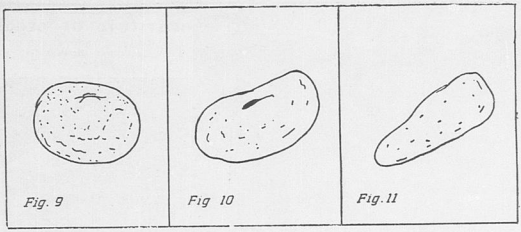
Apezar de ainda ter observações a fazer nas figuras 3 e 4, convem deixar de as fazer, pelo menos durante algum tempo, para que o alumno não desanime, julgando-se sem geito como até aqui tem acontecido.

A professora dará tambem aos alumnos liberdade de representar qualquer scena que lhes seja commum, como, por exemplo: o movimento pela

OBSERVAÇÃO NATURAL

Nos exercicios anteriores tivemos occasião de fazer algumas observações.

Apresentemos agora um objecto, por exemplo: uma laranja até que as crianças tenham conhecimento de sua forma, em seguida a occultemos para que a reproduzam de memoria. (Fig. 9, 10 e 11).



Para o 2.° anno dá-se o tempo necessario para que a reproduzam, depois será apresentada novamente para que notem as deformações, de accordo com as observações feitas no 1.° anno.

Como acontece com as outras disciplinas, alguns terão reproduzido regularmente, outros com algumas deformações e outros completamente deformados. Isto se dá devido á capacidade de attenção, vontade, mentalidade e idade de cada um.

Para com os primeiros devemos ter palavras de elogios, para os segundos tambem e finalmente para os terceiros algumas palavras de animação lhes farão muito bem.

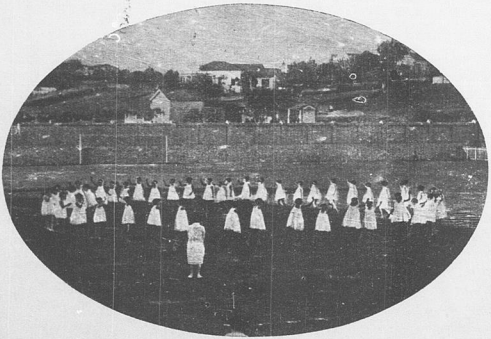
As melhores formas, isto é, as que devem ser apresentadas em 1.° logar são: esphericas, ovoides, elypsoides, conicas, cylindricas ou suas variações.

Não devem ser apresentadas como modelos figuras geometricas de papelão, mas sim formas vivas ou manufacturadas.

Poderão em seguida colorir os desenhos feitos.

NOTA—Com o ensino de desenho obteremos um poderoso auxilio em todas as disciplinas.

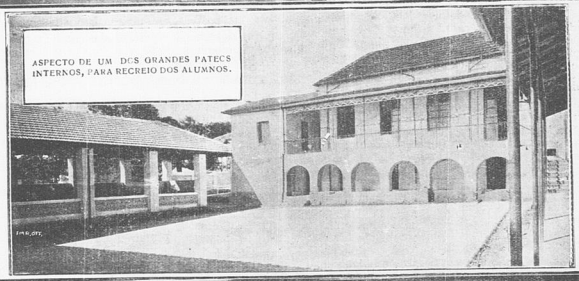
A professora não deve desenhar no quadro, mas si o fizer deverá logo apagar.



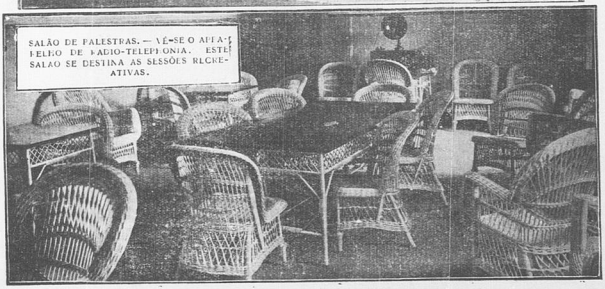
BELLO INSTANTANEO DA FESTA REALIZADA NO STADIUM DO AVERICA PELOS GRUPOS «AFFONSO PENNA» E «BARÃO DO RIO BRANCO»

INSTITUTO DE CEGOS

FACHADA DO EDIFICIO, Á RUA GUARANY, ESQUINA TUPINAMBÁS, NA CAPITAL.



ASPECTO DE UM DOS GRANDES PATEOS INTERNOS, PARA RECREIO DOS ALUMNOS.



SALÃO DE PALESTRAS. — VÊ-SE O APPARELHO DE RADIO-TELEFONIA. ESTE SALÃO SE DESTINA ÁS SESSÕES RECREATIVAS.

Lição de arithmetica

Como se ensina essa disciplina, prendendo a attenção da creança.

VITALIA CAMPOS

Exercicios de divisão oral, sobre quantidades concretas, entrando noções sobre as fracções

$$\frac{1}{2}, \frac{1}{3}, \frac{1}{4}, \frac{1}{5} \text{ etc. até } \frac{1}{10}.$$

(DO PROGRAMMA DO 2.° ANNO)

A' FRENTE da classe, a professora collocará o 1.° quadro destinado ao ensino intuitivo da Arithmetica, da collecção de quadros organizados pelos professores: Arnaldo de Oliveira Barreto, Marianno de Oliveira e Ramon Roca Dordal

P—Vamos conversar um pouco sobre o que vêem naquella folha.—Está vendo alguma cousa, Amelia?

A—Estou, sim, senhora.

P—Que vê você?

A—Vejo charutos. (*)

P—São todos do mesmo tamanho?

A—Não, senhora.

P—Quantos charutos grandes ha ali, Eurico?

A—Ha tres charutos grandes.

P—Estão todos inteiros ou ha algum partido?

A—Ha um partido.

P—Em quantos pedaços está partido um dos charutos grandes Pedro?

A—Está partido em tres pedaços.

P—Esses pedaços, Mario, são todos do mesmo tamanho?

A—Não, Senhora.

P—Como posso falar então? Posso dizer que o charuto está dividido em tres partes eguaes?

A—Não, senhora. Pode falar que está partido em tres pedaços desiguaes.

P—Muito bem. E os outros charutos, Nicanor, estão inteiros ou partidos?

A—Estão inteiros.

P—Observem agora o que lhes vou mostrar (virando a folha verso do quadro XXIV). Está aqui uma laranja. Reparem quantos traços pretos estão dividindo a laranja.

(*Signaes da classe*)

Pale, Octavio.

A—Estou vendo cinco traços.

P—Em quantas partes eguaes ou desiguaes, elles dividem a laranja?

A—Dividem a laranja em cinco partes iguaes.

P—Por que são iguaes?

A—Porque são todos do mesmo tamanho.

P—E' isto mesmo. O charuto está divida em partes desiguaes; mas a laranja, não. As partes são todas do mesmo tamanho, são todas iguaes.

E você André, está vendo os cinco pedaços iguaes dentro do pratinho?

A—Estou, sim, senhora.

P.—E, dentro dos outros pratinhos, quantos pedaços iguaes da laranja está vendo?

A—Estou vendo quatro pedaços iguaes num prato e tres, em outro.

P—Pois bem. São todos pedaços desta laranja (mostra). Si você ajuntar estes cinco pedaços (mostra) que é que voce terá, José?

A—Terei a laranja toda.

P—Muito bem. E si você reunir os tres pedaços iguaes, Eugenio, quantos faltam para ter a laranja inteira?

A—Faltam dois pedaços.

P—E si você ajuntar os quatro pedaços iguaes, Alvaro, quantos faltam para ter a laranja toda, ?

A—Falta um pedaço.

P.—Muito bem. A cada um destes pedaços (mostra) vocês darão o nome de quinta parte da laranja. De sorte que aqui (mostra cada parte) está uma quinta parte da laranja; aqui, outra quinta parte da laranja; aqui, outra; aqui, outra.

Vocês, até então, conheciam quinta parte das cousas ou objectos inteiros. Agora vão ficar sabendo que, si dividirmos um objecto ou uma cousa só, qualquer, em partes eguaes, cada parte é pedaço e se chama fracção. O objecto ou a cousa dividido em partes iguaes tem o nome de unidade. Assim, no nosso, caso, qual será a unidade, Francisca.

A—E'. .

P—Qual é a cousa que se vê alli partida em cinco pedaços eguaes.

A—E' a laranja.

P Pois então! Qual é a unidade, no nosso caso!

A—E' a laranja.

P—E' isto mesmo. E cada pedaço que nome recebe?

A—Cada pedaço recebe o nome de fracção.

(Deve o professor escrever, no quadro, a palavra fracção, afim de que o alumno a pronuncie bem e apprenda a sua graphia).

P—Então, Arthur, o que é fracção?

---

* Aproveite o professor a opportunidade e dê aos alumnos uma aula de moral, conversando com elles sobre o fumo e suas terriveis consequencias no organismo.

A—(Sem saber responder)
P—E' uma cousa inteira?
A—Não, senhora.
P—Si não é inteira, que é então?
A—E' um pedaço.
P—Diga-me então, agora, o que é fracção.
A—Fracção é um pedaço
P—Perfeitamente. Fracção é um pedaço, mas é um pedaço qualquer? Compare o pedaço da laranja com o do charuto. Ambos são pedaços. E eu posso falar que um daquelles pedaços é uma fracção do charuto?
A—Não, senhora.
P—Por que?
A.—Porque os pedaços do charuto não são eguaes.
P—Muito bem. Ganhou dez na sua resposta. Para ser fracção é preciso que os pedaços do objecto ou da cousa dividida sejam todos iguaes.
Bem. Como se chama cada parte da laranja, si ella está dividida em cinco partes eguaes? Diga, Celia.
A—Chama-se um quinto.
P—De sorte que cada pedaço que vocês vêm aqui (mostra) é uma fracção da laranja ou um quinto da laranja.
Vou escrever um quinto, para vocês verem, no quadro (dirigindo-se para este e não se esquecendo de dar 1.° o traço de fracção, para depois escrever os termos da mesma)

$$\frac{1}{5}$$

Vamos vêr quantos pedaços ou quantos quintos da laranja estão neste prato (aponta para o prato dos tres pedaços). Fale, Elzira.
A—Estão ahi tres quintos.
P—Quantos pedaços ou quantos quintos faltam para se formar a laranja toda?
A—(Respondendo, sem a menor hesitação, porque estão á vista os pedaços em que se divide a laranja, em outro prato). Faltam dois quintos.
P—Vae escrever dois quintos no quadro
A—(Com o giz na mão, sem saber o que deve escrever).
P—Dê primeiro um tracinho bem feito, para separar os numeros que você vae escrever.
(O alumno obedece).
Quantos pedaços você vê neste prato? (mostra o de tres pedaços).
A—Vejo tres pedaços.
P—Então, escreva, acima do traço feito, o n.° de pedaços vistos por você.
(Depois de executado a ordem).
A laranja toda quantos pedaços iguaes tem?
A—Tem cinco pedaços iguaes.
P—Escreva agora esse n.°, abaixo do traço e leia o que escreveu.
A—Tres quintos.
P—Mostre-me o prato, onde se acham quatro quintos.
A—(Apontando para o prato de quatro pedaços).
P—Escreva quatro quintos no quadro, não se esquecendo de dar primeiro o traço de separação dos dois numeros da fracção.
(O alumno obedece).
P—Pode assentar-se.
Essa observação tem por fim evitar que, mais tarde, ao effectuar as operações sobre fracções, o alumno dê os traços de separação dos termos fraccionarios, sem corresponderem com os signaes de egualdade, de somma, de subtracção, etc.
P—Você tendo $\frac{4}{5}$ de laranja, quantos quintos faltam para ter a laranja toda, Licinia?
A—Falta... (suppondo-se um alumno que pouco ou mesmo nada aproveitou da explicação).
P—Vae mostrar-me o pratinho, onde cinco pedaços iguaes ou $\frac{5}{5}$.
(A alumna obedece).
P—Como se chama cada um desses pedaços?
A—Chama-se um quinto.
P—Mostre-me agora o pratinho de quatro pedaços iguaes ou $\frac{4}{5}$.
(A alumna obedece).

UMA POSIÇÃO DE GYMNASTICA SUECA PELOS ALUMNOS DOS GRUPOS ESCOLARES «BARÃO DO RIO BRANCO» E «AFFONSO PENNA».

P—Si você ajuntar os cinco pedaços iguaes ou os $\frac{5}{5}$ que é que você terá?

A—Terei a laranja toda.

P—E si você reunir estes quatro pedaços iguaes (mostra), quantos pedaços ficam faltando para ter a laranja toda?

A—Falta um pedaço.

P—E' isto mesmo. Falta um pedaço; mas esse pedaço você já o baptisou com o nome de que?

A—De um quinto.

P—Logo você tendo $\frac{4}{5}$ de laranja, quantos quintos lhe faltam para ter a laranja toda?

A—Falta-me $\frac{1}{5}$.

P—Muito bem. Pode assentar-se.

Vai a Annita mostrar-me outra laranja dividida em seis partes iguaes pelas riscos pretos.

A—(Mostrando a primeira laranja do quadro 2, da mesma folha). E' esta.

P—Mostre, contando, as partes iguaes dessa laranja.

A—Uma, duas, tres, quatro, cinco e seis.

P—O que?

A—Partes da laranja.

P—E' isto mesmo. Mas fale: seis partes iguaes da laranja.

(O alumno repete a phrase).

Vamos vêr quem se recorda das lições passadas:

Quando dividimos as cousas ou os objectos em seis partes iguaes, cada parte que nome tem, Eurico?

A—Cada parte tem o nome de sexta parte.

P—Pois bem. A laranja está dividida em seis partes iguaes. Que nome deverá receber cada parte?

A—Cada parte deverá receber o nome de sexta parte tambem.

P—Perfeitamente. Recebe o nome de sexta parte ou um sexto.

Como vêm, os pedaços iguaes recebem o mesmo nome das partes iguaes em que se dividem as cousas ou os objectos. O nome de cada pedaço depende apenas do numero de pedaços iguaes em que se divide uma coisa ou um objecto qualquer.

Vai escrever $\frac{1}{6}$ no quadro e pode assentar-se.

(O alumno obedece).

P—Vamos suppôr que a laranja dividida em seis pedaços iguaes estejam em suas mãos e que você tire $\frac{2}{6}$ para um dos seus collegas. Quantos pedaços ou quantos sextos ainda ficam para você?

A—Fico com $\frac{4}{6}$.

P—E, si dos $\frac{6}{6}$ ou da laranja toda, eu tirar tres pedaços ou $\frac{3}{6}$, quantos ficam?

A—Ficam $\frac{3}{6}$.

P—E' isto mesmo. Observem todos que parte da laranja eu posso formar com $\frac{3}{6}$ ou os tres pedaços eguaes.

(Signaes da classe),

Fale, Ondina.

A—Os tres pedaços iguaes formam a metade da laranja.

P—Está certo. Mas, em vez de você falar pedaços iguaes, poderá falar de outro modo. Qual é?

A—Tres sextos.

P—Perfeitamente. Então, Antonio, si eu lhe der a metade de uma laranja e a João, tres sextos da mesma laranja, quem receberá maior porção?

A—E' a mesma coisa.

P—E' isto mesmo. Cada um recebeu a mesma porção da laranja.

Vae a Ambrosina mostrar-me as laranjas que estão riscadas ao meio, naquelle mesmo quadro.

(A alumna obedece).

P—As partes nessas laranjas que nome recebem?

A—Recebem o nome de meio.

P—Si eu passar um traço preto (mostrando com o lapis o que deseja fazer) pelo meio deste traço da laranja, em sentido vertical, cada laranja quantos pedaços teria? Fale, Maura.

A—Cada laranja teria quatro pedaços.

P—Então a laranja ficaria dividida em quatro pedaços iguaes. Que nome receberá cada pedaço, Bellinha?

A—Cada parte receberia o nome de um quarto.

O alumno responde sem a menor hesitação, desde que tenha assimilado bem as lições anteriores, de que depende esta, com a differença apenas de não se tratar agora de numeros inteiros.

P—E si a laranja fosse dividida em sete pedaços eguaes? Como se chamaria cada parte?

A—Cada parte teria o nome de setima parte ou $\frac{1}{7}$ da laranja.

P—E si a dividissimos em oito pedaços iguaes, que nome receberia cada pedaço?

A—Cada pedaço receberia o nome de oitava parte ou $\frac{1}{8}$ da laranja.

P—Si fosse dividida em nove partes iguaes?

A—Cada parte era $\frac{1}{9}$ da laranja.

P—E si a divisão da laranja fosse em dez pedaços iguaes, que nome teria cada pedaço?

A—Cada pedaço teria o nome de $\frac{1}{10}$ da laranja.

P—Perfeitamente. Agora vão dar nome a cada pedaço deste quadro (aponta para o quadro 4, da mesma folha.

Que nome você dá a este pedaço, Joel? Mostra o pedaço que representa $\frac{1}{2}$).

A—Um meio.
P—Escreva, no quadro, um meio.
(O alumno obedece).
E a estes dois pedaços (mostra) que estão á direita do pedaço denominado meio, Jorge?
A...
P—Observe bem que você responde. Veja: você ajuntando estes dois pedaços (mostra os dois pedaços (mostra os dois quartos) que é que você tem?
A—Um meio.
P—Muito bem. De quantos meios de laranja você precisa para formar uma inteira?
A—Preciso de dois meios.
P—Cada meio quantos pedaços deste (mostra $\frac{1}{4}$) tem?
A—Tem dois pedaços.
P—Então quantos pedaços deste (mostra $\frac{1}{4}$) você precisa para formar a laranja inteira?
A—Preciso de quatro pedaços.
P—Que nome você deve dar a cada pedaço, si você já sabe que a laranja está dividida em quatro partes iguaes?
A—Cada pedaço tem o nome de $\frac{1}{4}$.
P—Então quantos quartos vê ahi?
A—Vejo $\frac{2}{4}$
P—Escreva $\frac{2}{4}$ no quadro.
(O alumno executa a ordem).
P—Vamos observar as fracções escriptas, no quadro, começando pela que Jorge escreveu. O n. que elle escreveu primeiro nos conta que elle viu dois pedaços iguaes da laranja e o que escreveu depois, que a laranja estava dividida em quatro partes iguaes.
Não é isto mesmo, Paulo?
A—E', sim, senhora.
P—E as outras fracções que estão no quadro, tambem nos mostram o n. de pedaços iguaes da laranja e as partes em que ella está dividida, Olga?
A—Mostram, sim, senhora.
P—Então vocês poderão agora descobrir, pela fracção, que eu escrever no quadro, em quantos pedaços iguaes uma cousa ou um objecto foi dividido e o n. de pedaços iguaes separados ou tomados. Assim: Vou escrever quatro setimos de uma maçã. (Depois de fazel-o, no quadro) Quem saberá dizer-me qual é a unidade nesse caso, em quantas partes iguaes ella está dividida e quantas partes ou quantos pedaços iguaes foram tomados, sem vel-a.

(Signaes da classe).
Fale, Arthur.
A—A unidade é a maçã.
P—Fale em quantas partes iguaes ella foi dividida e quantos pedaços iguaes se tomaram della.
A—Ella foi dividida em sete partes iguaes e foram tomadas quatro dessas partes.
P—Porque você disse que a maçã tem sete partes iguaes, se você não a viu?
A—Porque esse numero debaixo do quadro é sete.
P—Muito bem. E quantos pedaços iguaes foram separados, Altina?
A—Foram separados quatro pedaços iguaes.
P—Quem lhe contou isto? Você não está vendo os pedaços!...
A—Porque é quatro o numero que está escripto, acima de sete.
P—E' isto mesmo. Vocês vêm então que os proprios numeros da fracção nos falam qual é o n. de pedaços iguaes em que foi dividida qualquer cousa — a unidade — e quantos pedaços se tomaram ou se separaram dessa unidade.
Pois bem. Ao numero que nos conta quantos pedaços iguaes foram tomados da unidade, vocês darão o nome de numerador; ao que nos diz o numero de pedaços iguaes em que a cousa, o objecto ou a unidade, como devem falar, foi dividida — denominador.
(Escrevam-se as duas palavras, no quadro.
Vocês agora vão ler os numeradores e os denominadores das fracções que eu escrever no quadro. (Dirigindo-se para este) $\frac{3}{8}$, $\frac{4}{9}$, $\frac{2}{10}$.
Leia os numeradores, Eulina.
A—Tres quatro, dois.
P—Leia os denominadores, Alvarina.
A—Oito, nove, dez.
P—Leia a 1.ª fracção, Francisco.
A—Tres oitavos.
P—Quantos pedaços iguaes são tres oitavos?
A—São tres pedaços iguaes.
P—Em quantos pedaços iguaes a unidade foi dividida nesse caso?
A—Em oito partes iguaes.
P—Então, você tendo tres oitavos, quantos pedaços ou quantos oitavos faltam para ter a unidade inteira?
A—Faltam cinco oitavos.
P—Por que?
A—Porque o objecto inteiro tem oito pedaços iguaes. Eu já tenho tres; para oito, faltam cinco.
P—Muito bem. Leia a 2.ª fracção, Rosa.
A—Quatro nonos.
P—Quantos pedaços eguaes são quatro nonos.

Estão matriculados nos cursos primarios do Estado, pela estatistica de 1926, 314.584 alumnos, não se tendo apurado os mappas de cerca de 300 escolas particulares e municipaes, que não chegaram a tempo.

A—São quatro pedaços iguaes.

P—E a unidade toda quantos pedaços iguaes tem?

A—Tem nove pedaços iguaes.

P—Como se chama cada um desses pedaços?

A—Chama-se um nono.

P—Então, você, tendo quatro nonos de uma pera, quantos nonos faltam para ter a pera inteira?

A—Falta cinco nonos.

P—Diga: Faltam-me cinco nonos.

Leia a 3.ª fracção, Joaquim.

A—Dois decimos.

P—Que quer dizer isto? Sem ninguem lhe falar, você saberá dizer em quantos pedaços iguaes a unidade foi dividida e quantos pedaços iguaes esta fracção representa?

A—Sei, sim, senhora.

P—Então fale.

A—Dois decimos são dois pedaços iguaes.

P—Sim. Falou só quantos pedaços foram tomados da unidade; mas não ficamos sabendo em quantos pedaços iguaes essa unidade foi dividida.

A—Em dez pedaços iguaes.

P—E' isto mesmo; mas diga tudo de uma vez.

A—Dois decimos são dois pedaços iguaes. A unidade toda tem dez pedaços iguaes.

P—Si você comprar $\frac{2}{10}$ de queijo, quantos decimos lhe faltam para você ficar com o queijo todo?

A—Faltam-me oito decimos.

P—E' mais ou menos queijo do que tem você?

A—E' mais.

P—Porque?

A—Porque dois decimos são dois pedaços iguaes e oito decimos são oito pedaços iguaes.

P—Si cada decimo de queijo custa $300, quanto deverá custar o queijo todo?

A—O queijo todo custará 3$000.

P—Por que?

A—(Sem saber da explicação)

P—Si um decimo custa $300, $\frac{2}{10}$ custarão mais ou menos?

A—Mais.

P—Quantas vezes mais?

A—Duas vezes mais,

P—E tres decimos?

A—Tres vezes mais.

P—E dez decimos?

A—Dez vezes mais.

P—Ou $300 × 10 = 3$000 (fazendo a indicação, no quadro).

No dia seguinte, para reforçar os conhecimentos dados, o professor mandará que classifiquem os outros pedaços de laranja, da mesma folha da lição, deixando que os alumnos, por si mesmos, descubram o nome que deverão dar a este ou aquelle pedaço. Deverá o professor apenas guiar a observação e o raciocinio de seus alumnos.

Em seguida, fará applicação do que ensinou em problemas oraes, mais ou menos como os que se seguem:

Um quarto de queijo custa $700. Qual será o preço do queijo inteiro?

Um quinto de bolo foi vendido por $200. Por quanto foi vendido todo o bolo?

Paulo vendeu $\frac{2}{3}$ de uma maçã por $800. Qual foi o preço da maçã toda.

Quanto deverá ter custado um pão de Lót, si $\frac{3}{9}$ foram comprados por $300?

$\frac{3}{4}$ de um metro de fita custaram 1$200. Qual será o preço de um metro de fita da mesma qualidade?

Como estes, muitos outros poderão ser dados, conseguindo o professor que seus alumnos apprendam a raciocinar e se desenvolvam no calculo mental sobre multiplicações, divisão e multiplicação combinada, conforme exige o programma de ensino.

O professor que não tiver ainda, em sua escola, collecção de quadros para o ensino intuitivo da linguagem e Arithmetica, poderá dar a mesma lição, lançando mão de uma folha de papel ou de uma fructa qualquer, que lhe facilite a explicação.

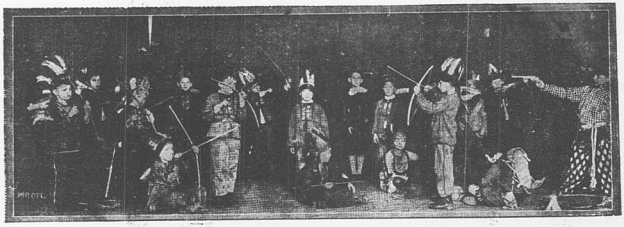
A contribuição das Camaras Municipaes do Estado para a manutenção das escolas primarias attingiu, em 1924, á somma de 736 contos de réis e, em 1925, subiu a 1506 contos. Em 1926, porém, esse algarismo foi a 1690 contos de réis.

Os alumnos formando uma pequena tribu indigena...

Os indios e as suas regras de hygiene. — Curioso projecto escolar.

COM os indios, nossos antepassados, poderemos apprender muitas cousas, entre as quaes excellentes regras de hygiene. O seguinte projecto, tirado de uma revista americana e escripto por Bertha L. Sivope, directora da Educação Physica, em Cleveland, Estados Unidos, póde ser adaptado ás nossas escolas. Com o auxilio intelligente da professora, poderão organizar uma pequena tribu as proprias crianças confeccionando suas vestimentas, cocáres, utensilios de gêsso e suas armas, de accôrdo com o que tiverem aprendido em aula a respeito da vida dos indios.

Será uma bôa occasião para desenvolver a actividade das crianças e estimular-lhes a curiosidade de adquirir novos conhecimentos.



AS PROPRIAS CRIANÇAS PODERÃO ORGANIZAR UMA PEQUENA TRIBU...

Os assumptos que se relacionam com este projecto ãos:

Estudo do vernaculo

Escrever alguma historia sobre a vida dos indios.
Fazer um relatorio deste projecto.
Apprender de cór algum poema indigena.
Descrever o cerimonial dos indios.
Dramatizar algum episodio conhecido da vida delles.

Arithmetica

Medir o material para construir arcos e flechas.
Problemas de addição e subtração.

Arte

Fazer tigellas de gêsso.
Enfeital-as e pintal-as.
Fazer e colorir os cocáres.
Fazer e enfeitar arcos e flechas.
Combinar e misturar as côres.
Fazer fantasias de papel *crépon*.

Musica

Canticos dos indios.
Gritos de guerra.
Signaes de perigo.

Educacção physica

Liberdade nos brinquedos.
Danças indigenas.

Vida social e hygiene

Ha muitos factos na vida simples dessa raça que são adaptaveis ao ensino de hygiene.

Vido ao ar livre

Esse povo vivia quasi exclusivamente ao ar livre. As crianças apprendiam, desde cedo, a nadar, correr como veados, trepar nas arvores, pescar, caçar e conhecer a linguagem dos passaros e os habitos dos animaes. Como resultado deste modo de vi-

da, desconheciam, por completo, os resfriamentos e eram muito mais robustos do que nós que vivemos dentro de casa.

Seguindo o exemplo dos indios, devemos fazer qualquer exercicio ao ar livre, todos os dias. Não é possivel dormir ao relento como elles faziam; mas, ao menos, tenhamos nossos quartos bem ventilados.

Respirar pela bocca

As mães indias tinham muito cuidado para que os filhos não se acostumassem a respirar pela bocca.

Algumas vezes, ellas amarravam, debaixo do queixo das crianças, tiras de couro atadas ao alto da cabeça, para impedir que respirassem viciadamente.

Si respirarmos pela bocca, os germens que infestam as cidades introduzem-se, directamente, em nossas gargantas e pulmões, onde podem alojar-se e causar serias molestias. Por conseguinte, apprendam com os indios a respirar pelo nariz e não pela bocca.

Respirar profundamente

Os indios eram peritos na arte de respirar profundamente. Os jovens da tribu, que eram bons corredores, desenvolviam muito a capacidade dos pulmões. A occasião propria para desenvolver e augmentar esta capacidade e os musculos do coração, é emquanto somos moços.

Correr, nadar, trepar e outros *sports* activos concorrem para isso.

Os indios não vestiam roupas que impedissem os movimentos e respiravam profundamente, enchendo completamente os pulmões de ar. Por isto, eram sadios e vigorosos.

Modo de dormir

No verão, os indios sempre dormiam ao ar livre e muitas tribus procediam de igual maneira, mesmo no inverno, sem se importarem com os rigores do frio. Si nós dormissemos ao ar livre e passassemos mais tempo fóra de casa, gosaríamos tambem melhor saude.

Ha uma grande differença entre o ar que respiramos dentro de casa e fóra della, por isto deveriamos ficar o mais possivel ao ar livre, em todas as occasiões.

Dieta

Os indios no seu estado primitivo, eram obrigados a ter uma dieta comparativamente simples, com uma escolha muito restricta de alimentos e, necessariamente, ás refeições eram extremamente frugaes.

Entretanto, os indios eram robustos, vigorosos e sadios. Frequentemente, comemos demais e muita variedade. Os indios alimentavam-se principalmente de milho, feijão aboboras, melões, fructas e sementes agrestes e da carne que podiam obter na caça.

Todavia, entre a raça vermelha a dyspepsia era uma molestia quasi desconhecida e supportavam valentemente os trabalhos e as fadigas.

Por conseguinte, as licções de hygiene que podemos aprender com os indios, são:

1—Que é bom para a saude viver a fazer exercicios ao ar livre.

2—Que respiramos muito superficialmente e que deveriamos, como os indios, fazel-o profundamente para sermos sadios.

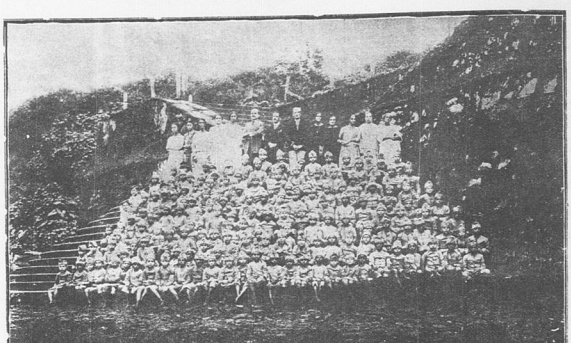
3—Que dormir ao ar livre ou com as janellas abertas augmenta nossa resistencia contra os resfriamentos e diminue nossa susceptibilidade para muitas doenças.

4—Que a vida moderna é, geralmente, variada demais e que uma volta a um genero de vida mais simples nos conduziria a uma existencia melhor e mais productiva.

5—Que se deve usar roupas frouxas e simples que não nos impeçam a circulação e permittam a liberdade de movimentos.

Seguindo esses preceitos, que nos vêm de tão longe, poderemos assegurar a estabilidade de uma saude vigorosa e perfeita.

«Comprehendendo que a educação do cego deve fazer delle um elemento autonomo na vida, fiz incluir no regulamento disposições que tornam o Instituto, na opinião de um dos seus julgadores, casa á altura das mais modernas da America do Norte» — Palavras da mensagem do sr. presidente Mello Vianna.



GRUPO ESCOLAR DO SERRO. GRUPO DE ALUMNOS EM PITTORESCA EXCURSÃO ESCOLAR.

A educação do sentimento nacional pelo estudo da geographia*

O amor á aldeia, á provincia e á nação em que nascemos (escreve o professor cubano Aldo Ravina), eis os factores primarios, preciosissimos, para serem focalizados e estudados. Isto, porque, pertencendo á categoria dos sentimentos sociaes desinteressados, contêm em si mesmos a mais pronunciada espontaneidade e uma natural inclinação que se poderia chamar imitativa. Este amor natural une por um lado o homem á terra onde nasceu, onde lhe descançam os mortos queridos, e vivem as recordações de sua familia, e por outro lado o prende á região em que esplendem as cidades de cujas bellezas muitos vezes ouviu falar e onde habita o povo que comsigo tem mais affinidade pelo sentimento e pelas caracteristicas espirituaes. Este amor alimenta naturalmente o conhecimento da patria, quando predomina a consciencia de que a patria contém em si a cidade natal, a provincia natal.

O amor da patria e a consciencia da nacionalidade, não obstante possuirem um fim distincto, encontram-se unidos no affecto que se consagra á terra natal e á provincia de origem.

Um segundo sentimento que, despertado pelo conhecimento geographico, fortalece a consciencia e o orgulho da nacionalidade é um sentimento esthetico.

Este sentimento suggerido pela belleza natural é um factor que universalmente se associa á representação do paiz natal e que naturalmente reforça o amor ao mesmo. E quanto maior não seria si, desde as bellezas locaes dos bosques, das terras cultivadas e das paisagens, se chegasse á representação imaginaria das infinitas bellezas da provincia inteira e do grande paiz que a geographia póde revelar. As bellezas artisticas das cidades, as maravilhas das metropoles, dos grandes portos, as bahias encantadoras, se unem numa unica impressão luminosa da patria a que pertencem. E estas bellezas são nossas, são do nosso povo, são thesouros nossos, nossas joias: a admiração e o orgulho de possuil-as robustecem o amor da patria.

Um terceiro aspecto deste ensino é o sentimento utilitario, por meio do qual cada um de nós se acerca das cousas de que depende seu desenvolvimento e sua propria importancia.

O conhecimento preciso e scientifico da terra, de seus productos, de suas industrias, de seus mercados, de suas relações commerciaes e tambem de suas deficiencias em parallelo com o estrangeiro impulsiona a vontade para a acção, a conquista, a expansão, o progresso e o florescimento de todas as energias nacionaes. Essas energias, focalisadas, educionadas e analysadas pelo estudo geographico, alimentam a actividade volitiva, cuja fina idade culminante e historica é a realisação de si mesma.

Aula de geometria

Noções de parallelepipedo e rectangulo.

PROFESSORA—(Na aula anterior a professora deu noção de cubo e quadrado e os alumnos construiram de papel cartolina um pequene cubo).

O que fizemos na aula passada?

Alumno—Fizemos um cubo de papel.

P—Justamente. Como foi feito o cubo?

A—Desenhamos seis quadrados eguaes.

P—E o cubo ficou prompto desenhando os seis quadrados?

A—Não senhora, cortámos e depois collámos.

P—Quantas faces tem o cubo?

A—Tem seis.

P—Muito bem. Vou agora mostrar um outro corpo que tem tambem seis faces. (Mostra uma barra de sabão).

E' um cubo?

A—Não.

P—Porque?

A—Porque as faces não são eguaes.

P—Muito bem. Cada face tem quatro lados e quatro angulos rectos, mas não são quadrados, porque?

A—Porque os lados não são eguaes.

P—E' isso mesmo. Aos corpos que têm essa forma damos o nome de parallelepipedos. (Fig. 1)

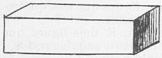


FIG. 1

Dê-me exemplos de objectos que sejam parallelepipedos.

A—A borracha de pau.

P—Justamente. Vejam se descobrem um outro aqui na sala. (Como foi dito na 1.ª lição a professora deverá procurar utilisar dos objectos da sala).

A—O armario sem os pés.

P—Muito bem. Estou muito contente com vocês. (Deve elogiar para estimular). Qual de vocês é capaz de contar as faces do armario?

Conte, Waldemar.

A—Uma na frente outra atraz, duas; uma de lado outra do outro, quatro; uma em cima outra em baixo, seis.

P—Parabens! Contou muito bem. Você contou duas a duas as faces, porque?

A—E' porque as faces são eguaes duas a duas.

P—Waldemar merece um premio, o que vou lhe dar com a forma de parallelepipedo. Qual será? Ajudem-me a escolher.

A—Uma caixa para guardar os lapis.

P—Sim. Está muito bom um estojo para lapis.

O parallelepipedo quantas arestas tem?

A—(Depois de olhar muito a barra de sabão). Tem tambem doze.

P—Você disse: «tambem doze» porque?

A—Porque o cubo tem doze.

P—Bem. As arestas são todas desiguaes?

A—Não. As quatro para cima são eguaes, as quatro de comprido tambem e as quatro para traz são tambem eguaes.

P—Isso mesmo, são eguaes quatro a quatro: as quatro que representam a altura, comprimento e a largura do parallelepipedo.

As faces do parallelepipedo, então, não são quadradas?

A—Não.

P—Porque?

A—Porque os lados não são eguas.

P—Muito bem. As faces do parallelepipedos são rectangulos.

Qual a differença entre quadrado e rectangulo?

A—No quadrado os lados são todos eguaes e no rectangulo não.

P—Os lados do rectangulo são eguaes e parallelos dois a dois.

Vamos construir de papel um parallelepipedo?

A—Vamos.

P—O que devemos fazer?

A—Seis rectangulos eguaes dois a dois.

P—(Devido ás lições anteriores e ás de desenho o alumno já observa melhor o que se lhe apresenta).

Vou então desenhar no quadro um rectangulo que seja a base do parallelepipedo. (Fig. 2) Devo fazer outro egual ligado?

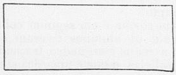


FIG. 2

A—Não, o outro egual está em cima.

P—Sim, está opposto.

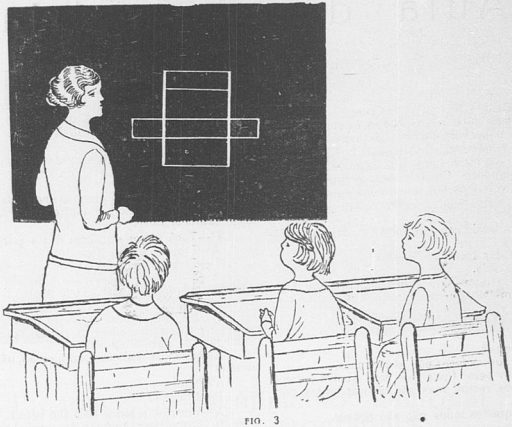


FIG. 3

Vou então construir os outros rectangulos (Fig. 3) (A professora constroe no quadro, mas deve fazer com que os alumnos observem o objecto e digam qual a face a construir).

Cada um de vocês vae construir em seu papel um parallelepipedo com as seguintes dimensões; comprimento 8 cm., largura 5 cm. e altura 4 cm.

A—O rectangulo da base tem um lado com 8 cm. e o outro com 5 cm.?

P—Justamente.

A—No outro rectangulo um lado mede 4 cm., não é?

P—E' isso mesmo.

A—Estou acabando, só faltam os rectangulos pequenos.

P—Logo que terminarem fiquem na posição.

Vamos agora marcar as beiradinhas para podermos collar. (Fig. 4).

A—Prompto.

P—Podem cortar e em seguida collar.

(Nesta aula os alumnos tiveram occasião de exercitar com a regua e esquadro traçando perpendiculares e parallelas, o que é uma das maiores difficuldades que encontramos não só no curso primario mas tambem no secundario, devido á falta de exercicio).

A construcção das figuras é de grande vantagem porque interessa mais a creança e faz com que ella retenha a explicação dada.

Vocês já conhecem o quadrado?

A—Já.

P—O que é quadrado?

A—E' uma figura que tem quatro lados iguaes e quatro angulos rectos.

P—Muito bem. E' uma figura que tem quatro rectas eguaes, e quatro angulos rectos.

O rectangulo o que é?

A—O rectangulo é uma figura plana que tem quatro lados eguaes dois a dois e quatro angulos rectos.

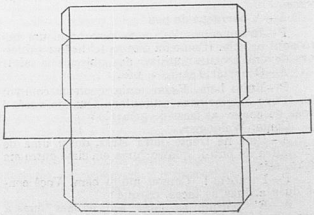


FIG. 4

P—Já conhecem então o quadrado e rectangulo muito bem?

A—Conhecemos.

P—Vou traçar um quadrado, um rectangulo e outras figuras de quatro lados no quadro. (Fig. 5, 6, 7, 8 e 9).

A figura 7 é um rectangulo?

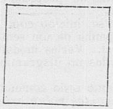


FIG. 5

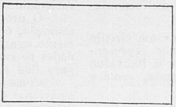


FIG. 6

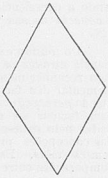


FIG. 8

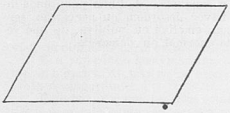


FIG. 7

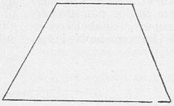


FIG. 9

A—Não, senhora.

P—Porque? Os lados não são eguaes dois a dois?

A—São: mas os angulos não são rectos.

P—Muito bem. Os lados oppostos continuam a ser parallelos e eguaes mas os angulos são eguaes dois a dois. A essa figura damos o nome de parallelogrammo.

A—A figura 8 é tambem um parallelogrammo.

P—E', mas qual a differença que você nota entre um e outro?

A—(Depois de medir os lados). Na figura 8 os lados são eguaes.

A—Muito bem. A esse parallelogrammo que tem os lados eguaes damos o nome de losango. Já viram um losango?

A—Já. Na bandeira nacional.

P—Justamente. Na bandeira nacional temos um rectangulo verde e no centro desse um losango amarello.

A figura 9, como estão vendo, tem dois lados parallelos e dois não parallelos. A essa figura damos o nome de trapezio. Os dois lados parallelos chamam-se bases. Todas as figuras formadas por quatro lados chamam-se quadrilateros. Ha alguns quadrilateros que têm nomes especiaes como os que acabamos de mencionar.

Cada um de vocês vae chegar á casa e desenhar os quadrilateros que têm nomes especiaes.

A—Quaes são?

P—Não sabe?

A—Eu sei: o quadrado, o rectangulo, o parallelogrammo e o trapezio.

P—E' isso mesmo. Quero um desenho muito bem feito.

De janeiro de 1925 até 31 de maio do corrente anno foram distribuidas pelos grupos e escolas do Estado 12608 carteiras.

A actividade espiritual

Interessante diagramma

Na revista americana «Manual of Psychiatry» fomos encontrar este interessante diagramma explicativo do espirito, indicando o modo das actividades psychicas.

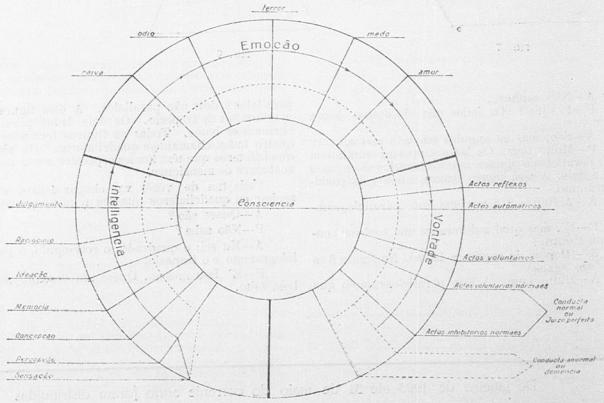
A mentalidade é representada por um circulo dentro do qual existe um outro menor representando a consciencia, para mostrar que o individuo é *conscio* de sua existencia e que pensa, sente e age.

Do mundo exterior é transportado para a consciencia atravez os nervos afferentes um *estimulo* cujo reconhecimento constitue a *sensação*, o mais elementar dos factos psychicos. A sensação conduz á *percepção*. As percepções se multiplicam para formar as *conscepções*. Estas são conservadas pelo processo da *memoria*. Da comparação das concepções presentes com as dos passado nascem as *idéas*. Estas se agrupam, estabelecem-se comparações entre ellas e se formam novas idéas. Este processo de grupar e comparar idéas constitue o *raciocinio* Como resultado do processo de raciocinio se forma o julgamento.

O processo de pensar, que se iniciou com a sensação, é continuo e se acompanha de um sentimento agradavel ou desagradavel. Varias modalidades de *emoções* são mencionadas no diagramma para fins de illustração.

Como resultado do pensamento e do conteúdo emocional do espirito, surgem os *actos voluntarios* definidos e *inhibitorios*. A acção de um individuo em relação ao meio que o cerca se denomina *conducta*.

O diagramma mostra que os processos de pensar, sentir e querer são connexos e continuos, desde o primeiro elo — a sensação — até o ultimo, de que resulta a conducta. A linha pontilhada indica que pode haver desordem ou perversão sensitiva, intellectual, emotiva ou volitiva, de que resulta a conducta anormal ou demencia.



Escheme da vida psychica

Meios praticos de mal educar as crianças

Flagrante descripção de scenas communs no seio duma familia — Como os paes devem agir — Os castigos não cumpridos, as promessas enganadoras, as reprehensões sem intelligencia . . .

(TRADUCÇÃO)

EIS AQUI UMA PAGINA DE VIVA REALIDADE:

——

I — PROMETTER E NÃO CUMPRIR.

«Si tomares a sopa, diz a mamãe, eu te comprarei uma bella boneca que fecha os olhos».

«Si voltas depressa, filhinho, papae te dará uma linda bicycleta de tres rodas».

«Si déres o recado de mamãe, ganharás de presente uma bella espingardinha».

Ora, a filhinha attingiu a maioridade sem ter visto a ponta do nariz da boneca de olhos fechados.

E o rapazinho aos vinte annos ainda não montou a bicycleta de tres rodas nem atirou com a famosa espingardinha.

E ambos, a quem os paes começaram a mentir desde pequeninos, aprenderam a não fazer caso das advertencias paternas: conselhos, recommendações, ameaças, tudo enganos... como as promessas.

Cumpri, então, vossa promessa ou não promettaes jamais.

II—ENGANAR SEMPRE.

«Dá-me tua penna, meu pequeno, que vou pintar-te bonitos desenhos».

A creança obedece promptamente.

«Agora, não t'a darei mais, meu malandro». (!)

—«Foste bomzinho esta manhã, Carlinhos, vamos ao cinema».

Saltos de alegria, mudança de roupas, partida precipitada: passa-se pelo cinema e pára-se *no gabinete do dentista.*

—«Hum! prova como é gostoso»; «caldinho de abacaxi», diz-se á creança approximando-se-lhe dos labios uma poção amarga. Ella, enganada, toma alegremente o copo, mas logo repelle com raiva a bebida repugnante.

Paes e mães, continuae mais algum tempo neste jogo de enganos e tereis uma geração de sêres irritados e desconfiados que não darão credito á menor de nossas palavras

Não mintaes nunca, si quereis que as voças palavras mereçam fé.

III— REPREHENDER SEM CESSAR.

«Fica quieto, deixa de coçar a cabeça!...

«Tira o dedo do nariz!...

«Não fales tanto!...

«Não vás cahir!...

«Olha onde pisas!...

«Não andes tão depressa!...

«Anda mais devagar!...

«Pisa direito!...»

Finalmente o creança não move com um dedo, não se mexe, sem que á direita e á esquerda a solicitude materna a cerque com um grito ou a contrarie.

E' a melhor receita para elouquecer uma creança, a não ser que ella continue a fazer o que quer, sem prestar mais attenção aos clamores maternos.

IV—AMEAÇAR E NÃO PUNIR.

«Não brinques com phosphoro, meu amor; é perigoso».

Cinco minutos depois:

«Já não te disse que não brinques com phosphoros... si continuas, ficarás preso ..».

Dez minutos após:

«Não comprehendeste? E' a segunda vez que te digo para não brincares com phosphoros.. vou puxar-lhe as orelhas...»

No fim de um quarto de hora:

Ouve bem: si não páras com isso immediatamente, ficarás sem sobremesa ao jantar!

Meia hora depois, com máu humor:

«Meu Deus! que menino insupportavel! Largas ou não, esse brinquedo? Já te disse vinte vezes a mesma cousa. Estupido como uma porta. Si mexes mais com phosphoros dou-te uma sóva».

Ao fim de uma hora, mamãe se levanta zangada.

«Vou já dar-te umas palmadas...»

mas não bate.

Conclusão—foi-se a caixa de phosphoros; uma hora de ameaças inuteis.

Resultado—Nullo.: A creança recolhe os phosphoros queimados. Não ficou presa. Não levou puchões de orelha. Terá a sobremesa de costume e não apanhou a sóva!...

Emfim... descobriu-se o meio de desenvolver os instinctos de um teimoso — ameaçar e não cumprir é sempre mentir...

Educação physica

Ao lado da saude moral deve existir a saude physica — e essa só se consegue pela gymnastica bem orientada.

QUANTO mais intensa se torna a vida intellectual de um povo tanto mais necessario será augmentar-lhe a força de resistencia.

Como estabelecer o equilibrio entre o corpo e o espirito?

—Um povo prospéra quando sabe assegurar sua saúde intellectual e physica.

Nossas escolas, que empregam todos os esforços para o desenvolvimento intellectual do alumno, não poderão descuidar de seu desenvolvimento physico. A hygiene e a educação physica devem estar intimamente ligadas, dando em resultado — uma, a saúde, e outra, o poder muscular.

O jogo gymnastico é a mais natural forma de exercicio. Consorcia os movimentos simples ás attitudes naturaes, de mais facil execução, na pratica pelos exercitandos. Não ha nos jogos movimentos novos, como temos dito: ha apenas o aperfeiçoamento de movimentos que já lhes eram familiares.

As crianças que se dedicarem aos jogos escolares, terão superioridade, quer physica, quer moral, sobre os companheiros que tenham desprezado essa disciplina. Seu valor, como exercicio, é incontestavel. Os jogos contribuem para a educação da vontade, da vista, da memoria, destróem o sentimento tão natural do medo, ante o perigo, alem de suggerir ao espirito — decisão, energia, observação, dominio sobre si mesmo, alegria, cordialidade, enthusiasmo, honestidade, sentimento da honra e da justiça!

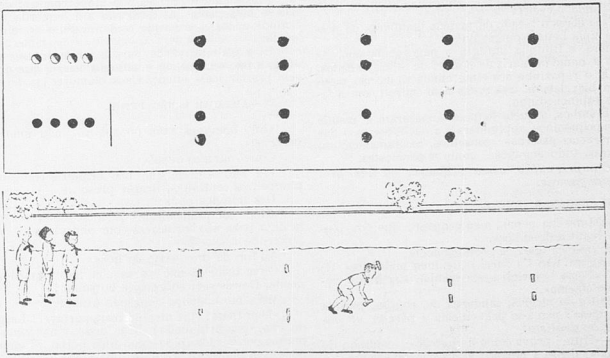


FIG. 1 — UMA PARTIDA EM ACTIVIDADE.

Nos jogos gymnasticos, cuja orientação vamos dando, a criança vê, não uma disciplina escolar, porém uma derivação de prazer dentro de suas obrigações diuturnas, de valor extraordinario como

exercicio physico. São variantes da serie «Jogos do Cylindro».

I) Material — 10 cylindros para cada partida.

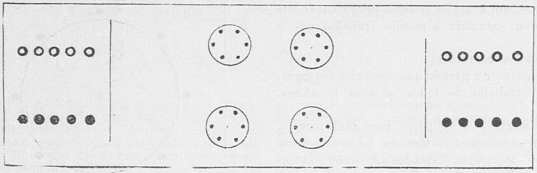


FIG. 2

Regra — De um lado do pateo formam-se os alumnos em columnas. Extendem-se pelo solo, 10 cylindros para cada partido, colloca-os 2 a 2, a igual distancia.

Dado o signal, o primeiro menino de cada partido corre, indo separar os cylindros, por meio de uma distensão lateral dos braços. Feito isso, volta indo tocar á mão do segundo, este partirá immediatamente, indo collocar os cylindros na posição em que se encontravam.

E assim se continuará.

O partido que, em primeiro logar, terminar o trabalho de todos os seus jogadores, será o vencedor. (FIG. 1)

II) Material—6 a 8 cylindros para cada partido.

Regra — De um lado do pateo formam-se os alumnos em columnas. Traçam-se, no solo, dois circulos para cada partido, obedecendo a orientação do graphico.

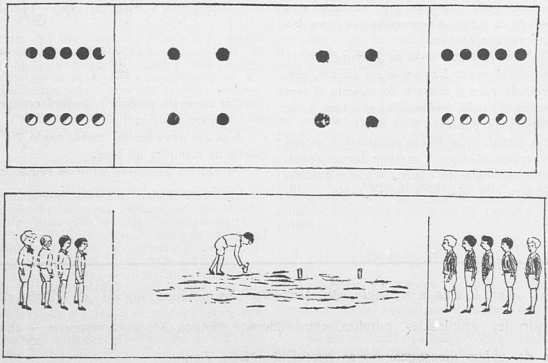


FIG. 3

Dado o signal, o primeiro alumno de cada partido corre, indo mudar os cylindros, um a um, para o circulo que estiver vasio.

Feito isso, irá se formar do lado opposto, emquanto que o segundo menino partirá, indo tornar os cylindros, um a um, á posição primitiva. O terceiro menino executará o mesmo trabalho que o primeiro.

E assim se continuará.

Será vencedor o partido que, em primeiro logar, terminar o trabalho de todos os seus jogadores. (FIG. 2).

III) Material — 4 cylindros para cada partido.

Regra—As turmas dividem-se, metade para cada extremo do campo, formados em linha Extentendem-se pelo solo 4 cylindros, a igual distancia.

Dado o signal, o primeiro jogador de cada partido corre, apanhando os cylindros e indo entregal-os ao companheiro de sua turma, que estiver do lado opposto. Este, recebendo os cylindros, irá collocal-os novamente, nos logares em que se achavam. (FIG. 3).

E, assim por deante, até correr o ultimo jogador.

A turma que, em primeiro logar, terminar a corrida de todos os seus jogadores, será a vencedora.

Entre os jogos gymnasticos de grande effeito sobre o organismo, está o da *petéca*, já conhecido pelas crianças. Para que este jogo produza seus effeitos beneficos, torna-se necessario que o professor procure regulamental-o.

Uma de suas variantes vê-se na gravura (FIG. 4).

Regra—Os alumnos formam-se em circulo, com a frente voltada para o interior do mesmo. O centro será occupado pelo professor que, a essa hora, não é senão um companheiro mais habil.

Dado o signal, o professor remetterá a *petéca* para os alumnos. O que a receber deverá devolvel-a immediatamente ao centro, tendo o cuidado de impedir que ella caia. Si a deixar cahir, o alumno sahirá do jogo, continuando o professor em actividade com os demais. O jogador deverá altear a petéca o mais possivel.

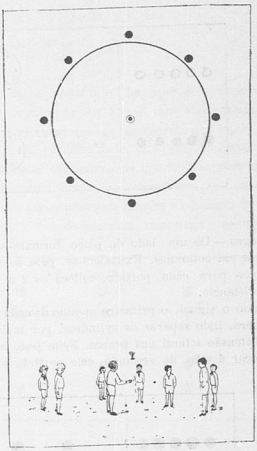


FIG. 4

Em logar do professor, poderá occupar o centro o alumno mais agil.

A petéca deve ser de couro, tendo 7 a 8 centimetros de diametro na base.

Os ultimos jogadores serão os vencedores.

Continuaremos no proximo numero.

«A familia e a escola são elementos harmonicos, ambos creadores, precisando ter affinidades estreitas, entendimentos mutuos, ideaes communs». — Palavras da ultima mensagem do sr. presidente Mello Vianna.

Oxygenio do coração

O culto da verdade e a pratica da sinceridade nas escolas

GUERINO CASASANTA

A SINCERIDADE — disse Mantegazza — é o oxygenio do coração. Nas suas contracções, o orgão physico das faculdades intellectuaes sente-se alliviado, porque esse delicioso oxygenio o robustece e vivifica. Entrando na corrente circulatoria, como um gerador benefico de forças, crêa no homem um estado especial, uma disposição favoravel para comprehender e sentir as bellezas da vida.

A alma, que se patenteia nos gestos, e que não consome a existencia na enscenação de attitudes, nem na preparação de effeitos, nem a inculcar sentimentos que não possue, vive, é bem de ver, uma vida mais agradavel e mais livre.

A coragem moral de nos apresentarmos sob o nosso verdadeiro e inconfundivel aspecto, é uma virtude muito rara.

Quando o exercito dos persas se approximava das Thermopylas, vieram dizer a Leonidas, general dos Sparciatas, que as hostes inimigas eram tão numerosas que as suas flexas escureciam o sol.

— Melhor — disse Leonidas — combateremos á sombra !

Colombo foi um exemplo vivissimo de sinceridade enthusiastica e de coragem indomavel. E todas as conquistas humanas, desde o uso da primeira pedra, até as modernas conquistas do ar, todas as descobertas scientificas nos largos céus, ou nos profundos mares, são aspectos dessa força maravilhosa que vence montanhas, a fé excellente que póde ser condensada na sinceridade e na coragem.

A CORAGEM NA ESCOLA

E' muito verdadeiro o asserto que diz: os mortos governam os vivos. Vamos sempre buscar entre elles os exemplos de que necessitamos para comprovar nossas asseverações. O culto da coragem, entre os antigos, foi uma cousa real e grandiosa. A antiguidade oriental, que comprehende a China, o Japão, a India, a Persia, a Arabia, a Judéa na historia da Pedagogia, mostra que, apesar dos rudimentares systemas educativos, esses povos usavam variados exercicios physicos. E' innegavel que a pratica de taes exercicios era apontada a desenvolver, na creança, o destemor ao perigo e o habito da coragem.

Na antiguidade occidental temos Sparta, onde as creanças eram submettidas ás mais duras provações e onde se preparavam homens fortes para as luctas e para as guerras. Essa educação infiltrava nos moços uma coragem formidavel. Nestas condições «o covarde passava uma existencia peor do que a morte; si era casado, suas filhas não achavam marido; si era solteiro, não podia casar-se: mas a covardia, nesse systema de educação era, entre elles, um caso pathologico».

E, no fundo, tudo indica que os povos e os legisladores tiveram em mira a formação de homens fortes, corajosos, sinceros.

Assim sendo, e sabendo-se que a educação consiste em preparar o individuo para a existencia, cumpre que se «tonifique o systema nervoso das creanças, estimule a vitalidade, de forma a desenvolver nellas a impressão, a consciencia, a confiança de sua força».

AS MINHAS JOIAS

A mãe dos Gracchos, com uma infinita delicadeza, chamava de joias a seus filhinhos.

Pedras de purissimo quilate, as creanças devem ser tidas como verdadeiras joias. Que os artifices da divina obra da educação infantil, vão lapidando essa gemma preciosa com a pratica da verdade e, sobretudo, com o exercicio da sinceridade, que é a alma do dever.

Crear é de poucos, diz Mantegazza; repetir é de muitos. Fazer o que é justo, da maneira mais justa; evitar os equivocos, as dissimulações, os rodeios, as exaggerações, o disfarce, a apparencia de conformidade enganosa, a subtileza e as infinitas formas de esconder a verdade. E' preciso repetir sempre e continuamente os factos e os exemplos que deixem na consciencia da creança a impressindivel necessidade de amar a verdade e a sinceridade.

TRANSPARENCIA MORAL

A tempestade uivava. O mar, revolto, parecia querer despedaçar as frageis náus, que oscillavam nas suas aguas medonhas. O capitão do navio estava aterrado.

— De que tens tu medo ? — disse-lhe Cesar — a tua barca leva Cesar !

A consciencia nitida da coragem, arrasta os outros. O forte é uma inspiração para os fracos. O forte, diz a Sagrada Escriptura, é como o rio:

faz o seu proprio caminho. A luta contra a mentira, contra o medo de dizer a verdade, contra o temor da opinião alheia, deve começar desde cedo. A nossa coragem entra em prova a todo momento.

O mundo, diz Marden, despreza o homem novo que tem sempre o ar de querer desculpar-se de ter praticado o crime de ter nascido.

Corre, pois, aos professores e aos paes a inadiavel obrigação de prepararem convenientemente a infancia para as lutas da vida.

A alma sincera possue essa bellissima «transparencia moral» que é a sinceridade — o encanto das sociedades e o oxygenio precioso do coração humano.

Em commemoração do centenario da morte de Pestalozzi (1827-1927), prepara-se na Suissa uma edição critica das suas obras, com a contribuição de eminentes pedagogos suissos e allemães.

A mentira egoistica

O que se deve fazer, para evital-a, em casa e na escola.

LUCIO JOSÉ DOS SANTOS

ESTUDAMOS aqui a mentira na escola, tendo já examinado algumas especies — *phantasista*, *pithologica* e *heroica* (*). Resta-nos a peior de todas, a *mentira egoistica*.

Essa especie de mentira é o refugio contra as situações penosas e desagradaveis. A preoccupação constante do goso e o pavor do sacrificio, tão caracteristicos dos tempos actuaes, já se vem revelando desde a escola. Na perspectiva do goso e do sacrificio, a criança mente para alcançar um e fugir ao outro. Essa tendencia vem, aliás, da casa paterna. Muitos paes fazem ás crianças todas as vontades e não poupam esforços para evitar-lhes qualquer desagrado. Sentem-se felizes em verem sempre alegres, sempre satisfeitas nas suas exigencias as crianças; e julgam que não ha prazer maior nem mais puro, acreditando mesmo que a satisfação dos paes dá a medida do cumprimento dos seus deveres para com os filhos.

Erro grave é esse. Pomos fóra de cogitação os paes verdugos dos filhos, brutaes e espancadores. Deve-se, porém, reconhecer que o numero destes é muito menor do que geralmente se acredita. Vemos muitas vezes um pae ou mãe, que parece possuido da mais violenta colera contra o filho, tendo-se mesmo a impressão de que o vae esganar. Puro engano! E' talvez um pae que, para não bater o filho, está a exaggerar a sua irritação.

Não digo que seja isso sempre louvavel; mas affirmo que, para julgar devidamente as relações no seio da familia, é preciso um conhecimento mais intimo do lar.

Não se irá suppor um modelo o pae que é visto na rua a empanturrar de balas o filho, nem acreditar que seja um ferrabraz, aquelle que se teve a opportunidade de surprehender a praticar o dever de castigar o filho.

E' fóra de duvida, porém, que depende essencialmente dos paes fomentar ou extirpar essa tendencia das crianças para a mentira.

Vê-se muitas vezes um pae a rir, possuido de grande goso, deante de uma insupportavel macriação do seu filho, e que, entretanto, dahi a pouco o castigará ou pelo menos o reprehenderá irritado, si desastrada mas involuntariamente quebrar um copo ou uma chicara.

Castigar uma criança que perquirida ou por sua propria iniciativa se denuncia auctora de um desatino, é encaminhal-a para a mentira. Que bello effeito não produzirão no espirito infantil, num caso desses, algumas palavras de conselho relativamente á falta commettida, mas de animação e elogio quanto a nobre coragem de dizer a verdade, quaesquer que sejam as consequencias!

Evidentemente, a criança que, pela sua experiencia, apprende a escapar ao castigo pela mentira, está segura da impunidade e deante de nada mais recúa.

(*) Seguimos então, em parte, os ensinamentos de Förster: *Schule und Character*.

FESTA DA BONECA NA ESCOLA INFANTIL DELFIM MOREIRA (CAPITAL) — PHOTOGRAPHIA NO MOMENTO EM QUE SE REALIZAVA A MERENDA, QUE É, AFINAL, O «BANQUETE DA BONECA».

A prevenção contra a mentira egoistica deve, pois, começar no proprio lar. Na escola, porém, encontra ella vasto campo de alimentação, sendo necessarios da parte dos mestres, muito criterio e vigilancia

Muitos maus habitos só se pódem corrigir mediante o esforço para alcançar habitos contrarios áquelles. Uma pessôa sem o habito de esquecer objectos no bonde. Para lembrar-se, faz todos os esforços em vão. Põe um pedaço de papel na gondola do relogio ou na botoeira do casaco, mas esquece-se de olhar o lembrete e de levar o objecto. Poderá, entretanto acostumar-se a não collocar objecto algum sobre o banco, conservando nas mãos o que leva. Contou-me uma pessoa que perdeu o habito de esquecer objectos nos carros de estrada de ferro, adquirindo o de contar os volumes que traz comsigo, ao embarcar e ao desembarcar.

Um amigo meu tinha o pessimo habito, que muito o contristava, de esquecer desabotoadas as calças. Aconselhei-o a adquirir o habito de abotoal-as de baixo para cima. E acabou-se.

A mentira egoistica começará por ser uma maldade, e será então mais facil de corrigir. Acabará, entretanto, em tornar-se um mau habito, sendo mais difficil a cura.

Para combater a mentira egoistica devem inspirar-se á criança os sentimentos contrarios — de nobresa e de coragem. E' preciso levar-lhe a convicção de que dizer sempre a verdade é uma prova de força e de superioridade. Só os timidos, os fracos e os incapazes se refugiam na mentira, para escaparem ás consequencias de seus actos, fazendo muitas vezes com que venham a soffrer collegas innocentes.

E' absolutamente indispensavel da parte do educador, uma grande elevação de vistas, um tino e criterio que, infelizmente não são muito communs. Tambem as exhortações, elogios e appellos frequentes, se tornam facilmente inuteis, perdendo o valor. O resultado, pois, depende tanto ou talvez mais do professor que do alumno.

Esses meios são uteis; mas, é preciso ir ao fundo mesmo da questão. Quando predominam a ancia pelo goso e o terror pelo sacrificio, todos esses processos se revelam inadequados, inuteis ou mesmo contraproducentes. O sentimento profundo do dever e a noção inalteravel do sacrificio só pódem provir da convicção religiosa segura e esclarecida. Essa é a primeira de todas as pedagogias. Esse sentimento e essa moção existem com frequencia em pessoas completamente extranhas á idéa religiosa.

Tal manifestação, porém, só se revela nas condições normaes da vida, quando esta corre mais ou menos bem, quando não ha grandes necessidades de um appello a esse dever ou da pratica desse sacrificio. Sobrevenham, porém, as tempestades, os naufragios, os embates tremendos que revolvem desde os fundamentos um homem, no que tinha de mais caro ou suppunha mais firme, que acontece? Ou nesse naufragio sossobra a consciencia, e com esta o dever e o sacrificio, ou refugia-se a victima na religião, readquirindo á sombra desta, a noção do dever e do sacrificio, que suppunha passivo e que não passava de um colorido enganador na superficie de uma existencia que corria serena e tranquilla. Uma terceira solução é rarissima.

Inspirem-se ás crianças todos os sentimentos nobres, mas sobre a base unica em que elles se podem firmar: a religião.

A sciencia só me diz o que é. Tem grande auctoridade sobre o meu espirito, mas nenhuma póde exercer sobre a minha vontade. E', pois, insufficiente, quando mesmo fosse absolutamente segura e infallivel.

Só a religião desempenha a nobre tarefa de encaminhar os individuos como as collectividades para os seus verdadeiros destinos.

«Sobe a 2000 o numero de escolas municipaes e particulares registradas na Secretaria do Interior».

Disciplina e diligencia

Os escolares, verdadeiros irmãos. — A escola, verdadeira liça de actos generosos.

(Roberto Ardigò—La Scienza della Educazione—Parte II, capitulo II).

TEM a disciplina por objecto o procedimento dos alumnos na escola; a attenção que cumpre prestarem durante as lições; o respeito que devem uns aos outros, e bem assim á escola como lugar no qual recebem educação; o amor, o acatamento e a obediencia ao mestre, e a submissão aos regulamentos.

Consiste a diligencia no dedicar-se o alumno, espontaneamente e de bom grado, aos trabalhos indicados pelo professor.

.....

Assás diversa da de outr'ora é a concepção actual da disciplina.

Antigamente, bastava que os alumnos frequentassem pontualmente a escola, e nella se conservassem de modo inteiramente passivo, quietos e silenciosos, obedecendo cegamente ao mestre e mostrando-se exactos em executar as tarefas marcadas e em apprender de cór os trechos de lições determinados dia a dia.

Hoje, é muito differente a cousa, como vamos ver.

Comecemos por apontar os pontos de nossa dissertação sobre a disciplina e sobre a diligencia, a saber:

I—Disciplina em geral;
II—Meios para obtel-a;
III—Fim do regimen disciplinar.

PRIMEIRO PONTO—*A disciplina em geral.* Em these, deve a disciplina, cujo fim é a educação moral, a formação do caracter e dos habitos voluntarios honestos, gentis, generosos e fortes, regular-se pelas normas seguintes:

—Attente-se, antes de tudo, á indole e as disposições particulares de cada alumno. Um meio muito brando para mover o rebellão tardo e pouco excitavel seria inutil: ao revés, um meio muito forte para um animo sensivel e delicado seria damnoso.

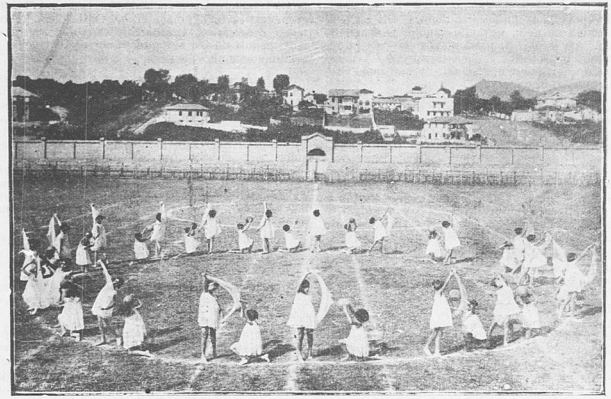
—Siga-se sempre a via da persuação, de modo que, ao menos, pareça justa a providencia tomada.

—Quanto menos deixa o professor apparecer o seu esforço para conseguir a disciplina, tanto maior effeito obterá.

—Procure que o alumno seja levado a cumprir o dever principalmente pela approvação ou desapprovação dos companheiros, e conte mais com esta do que com a sua.

—E' a estima que tem um do outro que deve gerar um proceder conveniente, e bem assim a consideração de que, perdendo alguem o respeito á escola, tambem a si o perde.

—Pode o ensino dividir-se entre os docentes ou por classes ou por materias. Dividindo-o por materias, auxilia-se a instrucção, mas prejudica-se a disciplina, a qual se alcança mais facilmente, quando uma classe é regida por um só professor. De ordinario, acontece que, alternando-se diversos do-



ASPECTO DA FESTA ESCOLAR REALISADA NO ESTADIUM DO AMERICA (CAPITAL) PELOS GRUPOS «AFFONSO PENNA» E «RIO BRANCO» — BAILADO DAS HORAS

centes numa escola, nem todos sabem governal-a do mesmo modo.

D'ahi o duplo damno de periodicos relaxamentos de disciplina e de confrontos nocivos. Além disso, não é possivel estabelecer-se aquelle accordo entre o mestre e os discipulos, tão proveitoso ao bom andamento disciplinar, quando o mestre não restringe os seus cuidados a um só grupo de escolares, e estes não se consideram a mesma familia com o mesmo pae.

Como quer que seja, si for necessario fazer a divisão por materias, o que amiude occorre, procure-se que esta se faça mais nas escolas superiores e menos nas inferiores. (1)

—Commum ao mestre e aos paes é o interesse pelo bom exito de um escolar. Exista, pois, entre aquelle e estes accordo e reciprocidade de conselhos e admoestações, no intento de obterem do alumno um bom comportamento.

—Considere-se o professor qual um pae dos seus discipulos e use com elles sentimentos verdadeiramente paternaes.

Os defeitos e os deslizes, corrija-os elle solicitamente, mas não os manifeste a estranhos. Tenha nisso todo o escrupulo. Seria fatal qualquer duvida que, sobre esse ponto, nascesse nos alumnos: veriam no mestre um como juiz descaroavel e um como inimigo, e lhe negariam a confiança e a franqueza que lhe devem demonstrar.

Em caso algum, deve o mestre consentir na escola qualquer fórma de delação. Ai do professor que excita os seus discipulos á espionagem.

E' mal menor deixar impune o culpado. Importa que os escolares sejam entre si verdadeiros irmãos, e a escola, verdadeira liça de actos generosos e benevolos.

SEGUNDO PONTO—*Meios para obter a disciplina.* Os meios para obter-se a disciplina podem designar-se com as dez expressões seguintes: 1.°, instruir; 2.° procedimento; 3.° amor; 4.° prevenir; 5.° vigiar; 6.° habituar; 7.° occupar; 8.° ordenar; 9.° premio; 10.° castigo.

Digamos alguma cousa de cada um.

1.° *Instruir*—Deve-se fazer conhecer aos escolares quaes são os seus deveres, como taes; mas não expondo só e seccamente as regras, e sim mostrando a racionalidade dellas, e colorindo o discurso de feição que se affigurem acceitaveis e desejaveis.

2.° *Procedimento*—Faz-se mister seja o mestre o modelo, o exemplar segundo o qual os alumnos dirijam a sua vida ulterior. Deve ser o ideal a que a vida delles se ha de conformar. A exemplaridade do proceder tem mais efficacia do que qualquer regra ou coacção.

(1) Esta distincção de escolas superiores e inferiores refere-se á Italia, onde se adoptam taes denominações,

Tal se ha de mostrar o professor, maximeno-nos lugares pequenos e nas aldeias, onde está continuamente exposto aos olhares de todos. Alli é necessario, acima de tudo, que elle concilie a estima do publico. Os escolares, participando da vida publica e vendo o professor cercado de apreço e veneração, onde quer que se apresente, são induzidos tambem a respeital-o.

3.° *Amor*—Amiude é o mestre obrigado a castigar algum de seus discipulos. Faça-o todavia si tal é preciso para produzir um bem; mas ai delle, si, no punir, revelar que o faz por despeito ou raiva: o amor que a elle nutriam os seus escolarezinhos diminuirá muito ou cessará até, e disso nascerá a reacção, pois ao despeito se responde com o despeito. Quando um menino commette uma falta grave, sente naturalmente certo remorso, e considera que negou ao mestre o respeito devido e que este já lhe não terá a estima de antes.

O professor deverá, entretanto, convencel-o do contrario:—chamal-o a si carinhosamente; dizer que lhe quer e o estima do mesmo modo, contanto que volte ao bom caminho. Si assim não proceder, não ha esperança de redempção.

A's vezes, chegam os alumnos até a chasquear do mestre, e então seria damnoso agastar-se elle puerilmente por isso. Quem tem o defeito de motejar cae nelle a cada momento, e acontecerá, portanto, que, uma vez ou outra, zombe de um companheiro. Então ao mestre deparar-se-á occasião asada para advertil-o e fazer-lhe ver o mal e o damno de obrar assim.

Pouco a pouco, póde o menino habituar-se a vencer sua tendencia para a zombaria. Não chasqueará mais dos collegas, nem do mestre.

4.° *Prevenir*—Professores ha que parece acharem prazer em castigar, pois dizem:—«Ah! fazei isso, que me haveis de pagar».

Ha, por exemplo, neve nas vizinhanças e no pateo da escola, e ha prohibição, como é natural, de que os alumnos, já indo para a escola, já durante os recreios, a atirem uns aos outros. Mas, si se veem sós, cedem facilmente á tentação de dar-se ao brinquedo vedado.

Não convem que o mestre os observe escondido para apanhar algum em flagrante e rallhar com elle, castigando-o *ab irato* para despicar-se da ordem transgredida.

Melhor é prevenir: ou mande-se retirar a neve para evitar a occasião, ou ponha-se o professor bem á vista para cohibir a desobediencia. Em summa, prevenir sempre, tolhendo o ensejo de uma falta, afastando dos outros os mais indisciplinados—que dão o exemplo do máo procedimento, não consentindo, emfim, uma liberdade perigosa.

5.° *Vigiar*—Poderá o professor estar seguro da disciplina da sua escola, si tiver a paciencia de vigial-a sempre. Cae em grave erro quem pretende que os escolares, por si mesmos, sabem manter-se no dever.

Assim, nunca deverá o mestre abandonal-os; e, ainda mesmo quando ensina, é necessario saiba ella encaral-os todos ao seu olhar. Cansa, é verdade, mas é necessario. O olhar do mestre, a seguir os movimentos de todos, é uma como voz a chamal-os continuamente ao dever.

6.° *Habituar*—Creem alguns que basta, para conseguir disciplina dos alumnos, impedir que elles pratiquem certos actos na escola. E' falso: fim da escola é produzir um habito que seja a disposição constante do escolar. Convem, portanto, ir de vagar, repetir incessantemente, não exigir de quem ainda não adquiriu um habito, o que se poderia pretender de quem já o tem; proceder por graus até obter-se o habito dos actos bons. Por conseguinte, não se faça consistir a disciplina no acto momentaneo que se obteve uma ou outra vez, mas na disposição actual boa.

Esta é a unica que tem verdadeira valia e por isso deve o mestre esforçar-se para que adquiram os alumnos.

7.° *Occupar*—Meio poderosissimo para alcançar-se a disciplina numa escola é trazer todos os alumnos sempre occupados.

Cumpre, porém, não seja penosa essa occupação, mas attrahente, desejada, deleitavel e por isso variada. Jámais entre o enfado numa escola, jámais se deixe alguem desoccupado ou distrahido, e ninguem se lembrará de romper o tedio com qualquer acto indisciplinado.

8.° *Ordenar*—Elimine-se da escola a arrogancia no mandar: nada peor, pois a principio provoca justa reacção, depois a indifferença. Suave é o mandar de mãe affectuosa; brando e resoluto o do pae.

Tempere o mestre um e outro com prudente condescendencia para com os seus escolares, e conseguirá salutar disciplina. E quando for necessario, ordene tambem o mestre, mas repare que suas ordens hão de cumprir-se; por isso, nunca exija dos escolares senão o que podem dar. Disse:—quando for necessario. E agora accrescento: procure o professor que essa necessidade occorra o menos possivel. A injuncção e o constrangimento são contrarios á liberdade individual e inuteis para que o alumno apprenda a dispôr-se á disciplina por si mesmo e, portanto, a formar o caracter, que nisso consiste.

E lembre-se o mestre de que tudo quanto os alumnos teem de saber devem apprender na escola e por obra sua, a qual não deve cessar emquanto não realizar o seu objectivo. Quanto ao que teem elles de fazer em casa, marque-se sómente algum trabalho de repetição e de exercicio. Esta maxima é importantissima, e tanto que a inefficiencia do ensino depende, as mais das vezes, de não ser ella observada.

Continuaremos em numero proximo a traducção deste precioso capitulo.

A jardinagem nas escolas

Aula pratica. — Regras e conselhos. — Distracção e utilidade.

UMA das occupações mais salutares e uteis ás crianças é a jardinagem. Ha aulas em todas as escolas americanas sobre este assumpto que é considerado de grande interesse. Damos aqui a adaptação de uma dessas lições.

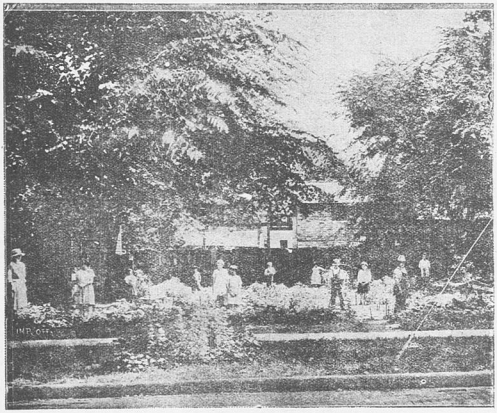
Os jardins não podem produzir sem um cultivo constante e, todos os dias, durante algumas horas, as ferramentas devem estar em actividade. A enxada e o ancinho são muito uteis; porém si o jardim e o jardineiro são pequenos, o trabalho póde ser feito com uma hólha e um pequeno sacho, ou até mesmo com um garfo forte de cozinha ou pau resistente e pontaagudo. Todos estes objectos são indispensaveis, mesmo quando se usam a enxada e o ancinho.

Quando as plantas são muito miudas, devemos usar sómente o garfo e o páu porque não ha tanto perigo de cortar as plantas, ou fazerlhes mal, o que poderia acontecer com a enxada. Poderemos tambem approximarnos mais dellas, porém não tanto a ponto de machucal-as. Essas plantinhas precisam de cuidados especiaes. Depois que tiverdes cavado ao redor de todas as plantas, é preciso fazer o mesmo nos espaços que ha entre ellas, tendo a precaução de não pisar na terra revolvida.

Limpae bem os caminhos entre os canteiros para que os detritos não impeçam que o ar penetre na terra. Esta não deve ser cultivada quando estiver lamacenta.

Si tiver havido um longo periodo de chuva e as hervas damninhas começarem a crescer antes da terra ficar prompta para ser cultivada, devem ser logo arrancadas, tendo-se o cuidado de não fazer o mesmo ás plantas. Sempre que tiverdes de capinar ao redor dellas, tende a precaução de segural-as com a mão esquerda, mantendo-as firmes no chão, emquanto arrancardes o matto com a mão direita. As hervas capinadas devem ser enterradas num canto do jardim, porque são excellente estêrco vegetal.

Deve-se prestar attenção para que não cresçam hervas damninhas nos canteiros ou perto delles,



AULA DE JARDINAGEM.

pois são ladrões que roubam a seiva da terra que alimenta as plantas. Sejamos guardas vigilantes da horta contra esses inimigos. As hervas nocivas enfeiam os canteiros e espalham suas sementes em torno, si as deixamos crescer á vontade, sendo depois maior nosso trabalho para arrancal-as.

Cultivamos a horta pelas seguinte razões:

Para matar as hervas damninhas.
Para fazer o ar penetrar na terra.
Para manter a humidade.
Para matar os vermes e destruir seus ninhos.

Para impedir que a chuva deslise pela terra sem penetral-a, como aconteceria se esta fosse dura e secca.

Se a terra ficar dura, racha-se, e a humidade que deve ser conservada para as plantas, escapa-se pelas fendas.

Por conseguinte, é preciso impedir que isto aconteça, cobrindo-se a terra com palha ou qualquer outra substancia.

Quanto mais uniforme for a terra, mais depressa crescem os vegetaes e mais perfeitos serão. No principio da estação deve-se cavar a terra profundamente para que as radiculas possam facilmente crescer e espalhar-se em todas as direcções á procura de alimento; porém, mais tarde, quando as raizes formarem uma rêde, devemos cavar mais superficialmente para não cortal-as nem machucal-as.

TRANSPLANTAÇÃO

Os pés de repolho e de beringéllas, os tomateiros, as pimenteiras, e muitas outras plantas são sempre transplantadas.

Para fazer-se este trabalho com exito, devem-se carregar as plantas numa cêsta ou numa caixa bem protegidas contra o sol e o ar, porque não devem seccar emquanto estiverem fóra da terra, e as covas devem ser feitas préviamente. Para fazer-se uma cercadura ao redor de cada planta afim de protegel-a contra as lagartas, dobram-se duas tiras de papel grosso e reunem-se as pontas, encaixando-se uma dobra dentro da outra.

A cercadura deve ter quatro a seis pollegadas de diametro. Abri uma cova sufficientemente larga para as raizes se estenderem; tomae a terra macia e fina e tende o cuidado de verificar se não ha vermes. Espalhae terra fina ao redor das raizes da plantas até estas ficarem cobertas e jogae agua em cima; terminae enchendo o resto da cova com terra e calcando ligeiramente ao redor da haste.

Não regueis mais, até verificardes si a planta precisa de mais agua.

Na occasião de transplantar, arrancae cuidadosamente as folhas da extremidade e as outras que estiverem quebradas ou estragadas. A folhagem não deve pesar mais do que as raizes, porque a evaporação da humidade será muito grande e a planta torna-se-á fraca ou morrerá.

Procurae plantal-as no fim do dia ou nas primeiras horas da tarde.

Na manhã seguinte, se estiverem murchas, protegei-as contra o sol com cêstas, pótes, capacêtes de papel e segurae-as com pedras. Tirae estas cobertas todas as noites, mas recolloeae-as todas as manhãs, emquanto as plantas estiverem murchas.

Nem todas as plantas supportam a transplantação profunda, mas o tomateiro dá-se melhor quando é plantado numa cóva de um pé ou mais de profundidade. Crescem mais, supportam melhor o sol e o calor e ficam mais fortes sob todos os pontos de vista.

Da primeira vez, a cóva não deve ser cheia até á superficie, porém aos poucos, accrescentando-se dia a dia mais terra, até não haver mais depressão de terreno.

Quando os tomateiros são transplantados, é conveniente fincar-se uma estaca resistente e cumprida junto de cada pé, para amparar os galhos. Nessa occasião as raizes não serão machucadas pela estaca como poderia acontecer mais tarde. O tomateiro sendo uma planta trepadeira, póde ser guiado de diversos modos. Quando é podado dá mais depressa e a fructa é maior, porém não é tão abundante.

ALGUMAS REGRAS GERAES A RESPEITO DAS PRAGAS

«Prevenir vale mais do que curar». Algumas plantas necessitam todos os cuidados, desde que apparecem á superficie da terra, e os maiores flagellos das plantações são as lagartas e os pulgões. Os ultimos introduzem-se no tecido da planta, sugando-lhe a seiva sem fazer buracos nas folhas. Qualquer veneno destruirá todos estes insectos. Para fazer-se o pó insecticida, usa-se uma parte de arseniato de chumbo completamente misturado a quinze ou vinte partes de gêsso. Peneira-se este pó sobre as plantas atravéz de um panno fino ou de uma lata perfurada, emquanto estiverem orvalhadas ou depois de serem borrifadas d'agua. Se usardes este veneno quando virdes o primeiro insecto na folha ou mesmo antes delle apparecer, evitareis maior trabalho para o futuro. Repeti a mesma cousa todas as vezes que a praga apparecer.

Esta mistura póde ser usada nos pés de tomate, de batatas, de repolho e de qualquer vegetal, mas é mister tomarem-se outras medidas quando os tomates começam a formar-se e os pés de repolho a dar cabeça. Nessa accasião, é conveniente borrifar nas folhas tres colheres de salitre disolvidas em quatro litros d'agua e deve-se tirar com a mão os insectos dos tomateiros.

Os insectos sugadores são attingidos com mais efficacia pelo fumo do que por qualquer outro meio, posto que possam ser destruidos tambem por borrifos d'agua ou de kerozene usados constantemente.

Tabaco em pó peneirado sobre as plantas humidas de modo que attinja todos os rebentos, destróe os insectos.

E' preciso que o pó alcance a planta inteira, pois o contacto directo é que mata os insectos. Esta operação deve ser repetida de tres em tres dias, para destruir os filhotes que se reproduzem constantemente. Para este fim, póde se usar um balde e uma escova, um regador ou um borrifador.

COLHEITA DE VEGETAES

Naturalmente, quando as crianças vão á horta e encontram qualquer fructa de bom tamanho e parecendo madura, apressam-se em colhel-a um immediatamente. Devem abster-se de fazer isto, até á hora de voltarem para casa, pois qualquer cousa que é apanhada e deixada ao sol, não é bôa para se comer. Muitos vegetaes são mais appetitosos

quando são cozidos ou comidos crús immediatamente depois de colhidos. Ha algumas excepções. As cebolas verdes, as alfaces, os pepinos e os melões, quando apanhados em hora de calor, readquirem a frescura, si os collocarmos n'agua fria durante meia hora.

Quando se colhem os vegetaes para a mesa ou para conservas, não se deve deixar na planta nenhum galho cortado ou estragado. E' conveniente aproveitar-se esta occasião para se arrancarem todas as folhas mortas e fazer-se uma limpeza na planta. Se ha algum galho estragado, mas não infestado, enterrae-o; mas se ha pulgões ou qualquer outro insecto, é mais conveniente queimal-o para não passar a praga para as outras plantas.

E' melhor para a fructa e para o pé apanharem-se os pepinos e os melões de manhã bem cedo ou á tarde, quando não ha sol.

Quando se collhem as cenouras, beterrabas, etc., é preciso tornar a encher os buracos para não ficarem descobertas as raizes das outras plantas. Muitas vezes, as batatas, as cenouras e as cebolas ficam descoradas e de gosto amargo, por terem ficado expostas ao sol.

«A Escola Maternal levará ao seio do operariado mineiro a impressão consoladora de que o governo de Minas procura amparar-lhe a familia, dando-lhe casa educadora de que não ha rival no Brasil». — Palavras da ultima mensagem do sr. presidente Mello Vianna.

O ensino da historia no curso primario

«Para preparar o futuro, conheçamos o passado».

Alfred Croiset, na introducção do seu livro «Enseignament et Démocratie», definindo o ensino primario, diz: «O ensino primario prepara para os cursos secundarios, pondo nas mãos da creança os primeiros utensilios do trabalho intellectual (leitura, escripta e calculo) e dando-lhe uma visão elementar do mundo em que terá de viver. Para ser-se um creador, é necessario conhecer os elementos, e em seguida formar o espirito pelo conhecimento da tradição, para finalmente chegar-se á livre indagação de uma especialidade restricta». Donde se conhece que o ensino da historia, como o das outras disciplinas, deve comprehender methodos variados, adaptaveis ao fim almejado, e á edade dos alumnos.

—Quaes serão portanto os meios adequados para que o ensino de historia seja proveitoso, instructivo e agradavel aos alumnos? Para que o estudo da historia consiga ter estas tres qualidades o professor deverá prestabelecer a materia a explicar em cada feriado; sublinhar a importancia das indicações chronologicas, formando um schema no qual os alumnos inscreverão os factos á proporção que conhecidos e expostos em aula; assignalar a utilização do methodo comparativo para conhecimento dos factos passados e presentes; fazer com os mesmos visitas a edificios historicos, museus, monumentos para avivar as lições dadas em aula, devendo para isso servir-se de gravuras representativas dos diversos factos historicos, pondo-os, sempre que possivel, em analogia com os factos da historia patria. Pois, no dizer do pedagogo francez Pettier— só a historia local pode crear, no espirito das creanças, uma comprehensão mais concreta dos factos historicos em geral. Póde-se mesmo affirmar que só ella constitue para os alumnos uma historia real, representando com alguma exactidão ou fazendo reviver factos passados no quadro da existencia quotidiana.

Tambem o professor fará quanto possivel um estudo comparativo, para cada época, da industria, commercio, artes, agricultura etc., como tambem dos usos e costumes de cada povo a que se referir.

Em resumo, o professor deve dar um ensino de historia muito simples, no fundo e na forma; concreto, desprovido de todas as considerações abstratas que excederiam o alcance do espirito de seus jovens ouvintes.

Deste modo lhes fará comprehender facilmente o que é a historia, a utilidade de seu estudo, os diversos laços que nos unem ao passado.

Em conclusão, transmittindo aos seus alumnos o conhecimento exacto dos factos historicos, especialmente daquelles que se concatenam na formação da nacionalidade, terá o professor contribuido para a formação de uma geração intelligente, sensivel, que abrindo os olhos para a contemplação do passado ajusta os laços que nos unem aos antepassados, aos nossos avós. A historia é o estudo da humanidade; no dia em que despresarmos o seu estudo desconheceremos as primeiras etapas da humanidade. E então estará interrompida a cadeia da humanidade em progresso.

Lição de língua patria

MARIA RITA BURNIER

QUARTO ANNO — PRIMEIRO SEMESTRE

Verbos transitivos e intransitivos

PROFESSORA — Vou apresentar-lhes hoje uma nova amiguinha.

Aqui está ella. Chama-se Naly e frequenta o terceiro anno do grupo Barão do Rio Branco, da Capital.

Por se haver portado muito bem, durante as lições de sua bôa professora, a mamãe deu lhe uma linda boneca de louça, e Naly, cheia de alegria, vive a acalentar a bonequinha.

Nem mais faz caso dos antigos brinquedos: o arco, a corda, a peteca ficaram para as suas irmãzinhas; e a pequenita, encantada, só pensa na boneca, que abre e fecha os olhos. Até pediu á mamãe que lhe ensinasse uns versos bem bonitos para adormecer a filhinha.

A mamãe fez-lhe a vontade e escreveu a—Canção para adormecer. Ei-la aqui.

(NOTA — Julgamos de grande conveniencia habituar os alumnos á leitura, á exacta comprehensão do verso. Ha muita gente bôa, mesmo de relativa instrucção, que seria incapaz de interpretar uma poesia.

As analyses, os exercicios feitos frequentemente sobre themas fornecidos pelo verso, corrigirão essa falha oriunda da falta de pratica.

Além disso, o programma exige a leitura e recitação de poesias. Nem se nos objecte que nem todas as professoras sabem fazer versos. Ninguem exige que ellas o façam... Basta que os saibam comprehender, que os saibam seleccionar. E não faltam, em nosso Estado, primorosos poetas, cujos versos se prestem ás lições de português.)

(NALY)

CANÇÃO PARA ADORMECER

Dorme, dorme, filhinha,
Teus lindos olhinhos cerra...
Jamais terás vida minha,
Amôr tão puro na terra!

Por ti, deixei, sem tristeza,
O arco, a corda, a peteca:
E's toda a minha riqueza!
E's filha, não és boneca!

Para enxugar o teu pranto,
Eu vivo sempre a cantar!
Si d'antes brincava tanto,
Só penso em te acalentar...

Emquanto dormes, sorrindo,
Eu canto para embalar-te...
E pelos céos vão fulgindo
Estrellas por toda a parte.

E's tão linda e delicada,
Como a flôr do bogari...
Dorme, filhinha adorada,
Que eu velo, pensando em ti!...

P.—Nossa lição vae versar hoje sobre a canção de Noly.

Em nossas ultimas lições, vocês aprenderam a distinguir os verbos activos dos passivos e estudaram as diversas especies de passividade: vamos hoje falar sobre os verbos transitivos e intransitivos. (*Seguindo a ordem do programma*).

Venha ao quadro, Lygia, e sublinhe os verbos existentes na primeira quadra.

(*Já em lições anteriores, aprenderam os alumnos a distinguir os versos e a conhecer a quadra*).

A.—(*obedecendo*).

Dorme, dorme, filhinha,	Dormir
Teus lindos olhinhos *cerra*...	Cerrar
Jamais *terás*, vida minha,	Ter
Amor tão puro na terra	

P.—Bem. Escreva agora, á direita de cada verso, o infinito do verbo que nelle se encontre.

(*O alumno obedece*).

P.—Temos, pois, da primeira quadra, os verbos: Dormir, cerrar e ter.

Agora prestem attenção. A menina canta, apenas: «Dorme, dorme»... e nós comprehendemos perfeitamente o que ella quer dizer. O mesmo já não aconteceria com a segunda phrase, formada pelo verbo cerrar. Si a menina cantasse, apenas: «Cerra, cerra»..., ninguem comprehenderia seu pensamento, a phrase ficaria incompleta.

Vamos collocal-a na ordem directa: em vez de — Teus lindos olhinhos cerra — será...?

A. A.—Cerra teus lindos olhinhos.

P.—Para que haja sentido, é necessario que a menina diga a phrase completa: — Cerra teus lindos olhinhos.

Quando dizemos: — O menino dormiu — a phrase está perfeita, o sentido está completo: ao passo que si dissermos: — O menino cerrou — a phrase não tem sentido algum: é preciso que accrescentemos: *a porta, o livro, a janella: cerrou a porta, cerrou o livro, cerrou a janella*.

D'ahi se conclue que a preposição do verbo *dormir* e a do verbo *cerrar* são bem diversas entre si.

A acção expressa pelo verbo *dormir* não passa além do sujeito que a pratica: a acção do verbo *cerrar* passa do sujeito para uma cousa, um objecto differente do sujeito.

Vejamos um exemplo pratico. Venha, Martha, cerrar esta janella. (*O alumno obedece*).

Digam-me, agora, a Martha cerrou a janella, logo a acção de cerrar, praticada pela Martha, passou para a...?

A. A.—Janella.

P. Justamente. A acção do verbo cerrou, passou além do sujeito Martha, ao objecto janella.

(*A professora deixa cahir um pequeno objecto: seja um lapis*).

P.—Vamos formar uma sentença: — O lapis...?

A. A.—Cahiu.

P.—E' isso. O lapis cahiu. A acção do verbo *cahir* não passou além do sujeito lapis. Venha apanhar o lapis, Lucia.

(*O alumno obedece*).

Temos outra sentença a formar: — Lucia...?

A. A.—apanhou o lapis.

P.—Agora a acção do verbo apanhar passou ou não, além do sujeito?

(*Signal dos alumnos*).

P.—Responda, Eunyce.

A.—Passou além do sujeito.

P.—E para que objecto?

A.—Para o objecto lapis.

P.—Logo, o verbo cahir tem a predicação completa: o verbo apanhar, ao contrario, exige um complemento que lhe integralize a significação.

Examinemos, agora, os verbos *viajar* e *comprar*. Si você, Lucia, chegar á casa, e a mamãe lhe disser: — O papae viajou hoje, você comprehenderá logo que o papae não se acha em casa, que está de viagem. Mas vamos que ella diga: — Lucia, o papae comprou... Claro está que a Lucia perguntará logo...?

A. A.—Comprou o que?

P.—Temos, ahi, pois, mais dois verbos de significação diversa: o verbo *viajar*, cuja acção não passa além do sujeito que a pratica, e o verbo *comprar*, cuja acção passa além do sujeito.

Os verbos cuja acção passa além do sujeito que a pratica, chamam-se *verbos transitivos*.

Os verbos *cerrar, ter, apanhar* e *comprar* são transitivos.

Os verbos cuja acção não passa além do sujeito, como *dormir, cahir, viajar*, chamam-se *verbos intransitivos*.

Ha um meio pratico de conhecer si um verbo é transitivo ou não. Consiste em perguntar ao verbo: o que? Si houver resposta, o verbo é transitivo, ex.: A boneca cerrou os olhos... Cerrou o que?

A. A.—Os olhos.

P.—Por conseguinte, o verbo cerrar é transitivo.

Na terceira phrase, a menina, chamando a boneca de vida minha, isto é, minha vida, meu encanto, diz: — Jamais terás, vida minha, amor tão puro na terra... Jamais terás o que?

A. A.—Amor tão puro na terra.

P.—O verbo ter, é pois, tambem, um verbo transitivo.

Leia a segunda quadra, Elins.

A.—(*Obedecendo*).

Por ti, deixei, sem tristeza.
O arco, a corda, a peteca:
E's toda a minha riqueza!
E's filha, não és boneca!

O verbo deixar é transitivo ou intransitivo? Deixei o que?

FESTA DA BONECA NA ESCOLA INFANTIL «DELFIM MOREIRA» — OS PADRINHOS DA BONECA.

A. A.—O arco, a corda, a peteca.
P.—Então o verbo deixar é?
A. A.—Transitivo.
P.—Leia a terceira quadra, João.
A.—(*Obedecendo*).

Para enxugar o teu pranto,
Eu vivo sempre a cantar!
Si d'antes brincava tanto,
Só penso em te acalentar!

P.—Sublinhe os verbos transitivos encontrados nessa quadra.
(*O alumno sublinha os verbos enxugar e viver*).
P.—Está certo o que o João fez?
(*Signal dos alumnos*)
P.—Responda, Marcello.
A.—O verbo viver é intransitivo.
P.—Decerto. A acção do verbo viver não passa do sujeito. Meu t'o vive no Rio. José nasceu no Brasil, mas vive na Italia.
NOTA — Não convem, para o bom exito da lição, falar já em transitivação e intransitivação dos verbos; trataremos disso na proxima lição para o quarto anno.
E o verbo cantar, Lucia?
A.—E' intransitivo.
P.—Qual um outro verbo intransitivo desta quadra, Luiz?
A.—O verbo brincar.
P.—Falta-nos ainda um verbo: o verbo acalentar. Vejamos si é transitivo: acalentar o que?
A. A.—A boneca.
P.—Mas a boneca vem representada aqui, por um pronome. Qual será elle?
A. A.—O pronome te.
P.—Logo o verbo acalentar é...?
A. A.—Transitivo.
P.—Sublinhe os verbos da quarta quadra, Julia.
A.—(*Obedecendo*).

Emquanto *dormes, sorrindo,*
Eu canto para *embalar-te...*
E pelos céos vão *fulgindo*
Estrellas por toda a parte.

P.—Os verbos *dormir* e *cantar* já foram analysados na presente lição. Vejamos o verbo embalar. O menino cantava para embalar a...?
A. A.—Boneca.
P.—Representada aqui pelo pronome...?
A. A.—Te.
P.—Logo o verbo embalar é...?
A. A.—Transitivo.
P.—Temos, aqui, uma expressão verbal formada pelos verbos ir e fulgir. Ambos esses verbos são intransitivos e a locução verbal por elles constituida é, egualmente, de sentido intransitivo. Estrellas vão fulgindo por toda a parte. O sujeito é *estrellas*. O verbo sorrir é, tambem, intransitivo.
Agora, vocês vão formar sentenças, empregando verbos transitivos. Pensem.

(*Signal dos alumnos*).

P.—Responda, Altair.

A.—Mamãe comprou um vestido muito bonito.

P.—Você, Carlos.

A.—Eu ganhei um relogio.

P.—Diga, Antonietta.

A.—Meu irmão rasgou o livro.

P.—Você, Antonia.

A.—A menina apanhou a rosa.

P.—Lais.

A.—A boneca abriu os olhos.

P.—Ruth.

A.—A titia colheu as flôres.

P.—O termo que completa a significação do verbo transitivo, chama-se *objecto directo*.

Assim, nesta phrase: *Aurea quebrou o copo*, o sujeito é — *Aurea*; o predicado é — *quebrou o copo*, constituido pelo verbo *quebrou* e pelo objecto directo — o copo.

Vou, agora, escrever varias sentenças, para que vocês indiquem os diversos objectos que se podem dar a cada uma.

(*A professora escreve a sentença incompleta, fazendo com que os alumnos escrevam palavras que se adaptem á funcção de objecto*).

Rosalia comprou { livros, cadernos, pennas, lapis, borrachas, tinteiros, flôres

O jardineiro colheu { cravos, rosas, violetas, lirios, angelicas, açucenas, dallias

O alumno recebeu { premios, presentes, elogios, bôas notas, recompensas

P.—Agora vamos formar sentenças, empregando verbos intransitivos.

(*Signal dos alumnos*).

P.—Responda, Luis.

A.—José cahiu da escada.

P.—Diga, Antonietta.

A.—Meu irmão dorme no collegio.

P.—Você, Cecy.

A.—Titio chegou de Pirapora.

P.—Carmen.

A.—Eu fui a S. Paulo.

P.—Lucia.

A.—Vóvó viajou para Juiz de Fóra.

P.—Bem. Venha ao quadro, Alberto, e leia a ultima quadra.

A.—(*Obedecendo*).

E's tão linda e delicada
Como a flôr do bogari...
Dorme, filhinha adorada,
Que eu velo, pensando em ti!

P.—Desta quadra, basta qne vocês analysem o verbo *velar*. Diga-me, Arlinda, é transitivo?

A.—E' intransitivo.

P.—Bem. Restam os verbos *ser* e *pensar*. Demandam elles explicação que depende de tempo, e a nossa lição já vae longa. Ficarão, pois, para a proxima lição.

Agora, copiem em seus cadernos de classe a Canção de Naly, que servirá mais tarde para os nossos exercicios de recitação, e tomem nota do

EXERCICIO PARA CASA

Escrever quatro sentenças, empregando em cada uma um verbo transitivo; analysal-as, determinando sujeito, verbo e objecto directo. Escrever quatro sentenças, empregando verbos intransitivos.

«O ensino das populações ruraes deve merecer grande carinho. São ellas o maior numero. Educando-as — faremos obra de pura democracia. — Palavras da ultima mensagem do sr. presidente Mello Vianna.

Exploração do valle do Amazonas num hydroplano

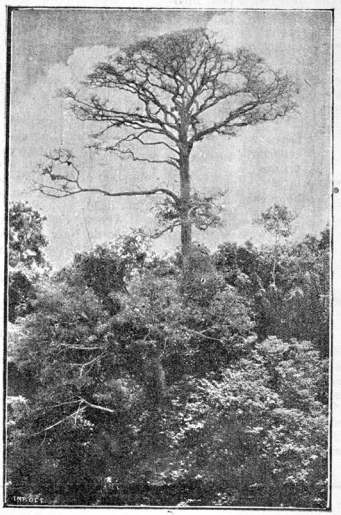
Descripção de uma excursão scientifica ás mais remotas regiões amazonicas. — Um empolgante raid aereo, cheio de aventuras, para levantar a planta do rio Parima.

A REVISTA norte-americana «The National Geographic Magazine», em seu ultimo numero de abril deste anno, dá as mais curiosas informações a respeito da expedição scientifica de Alexandre Hamilton Rice e seus companheiros que voaram recentemente até as nascentes do rio Parima, no noroeste do Brasil.

Como se sabe, a bacia superior fluvial do Amazonas é um dos cantos do mundo que vem desafiando a curiosidade dos exploradores que, em tentativas sempre frustradas, ambicionam penetrar nos densos mattagens que a cobrem e dominar as correntes selvagens de seus rios.

Mas, onde a matta virgem se apresentava entrançada e quasi impenetravel para os exploradores a pé, entregou ella os seus segredos promptamente aos homens que andam pelos ares.

Os indios hostis que impediram expedições anteriores, não podiam pôr obstaculos a um aeroplano, que voava a 3.000 pés por cima delles e nenhum guia, por mais habil e perito que fosse, podia igualar a um aviador em descobrir os trilhos mais faceis para seguir, e prevêr os obstaculos que havia de encontrar e vencer. O hydroplano serviu de olhos para a expedição arrojada.



UM GIGANTE DA FLORESTA AMAZONICA.

Os membros dessa expedição reuniram-se em Manáos, a 6 de Junho de 1924, constando de: Dr. Rice, chefe da expedição; Dr. Koch-Grünberg, ethnologo; Dr. George Shattuck, medico; Weld Arnold, cartographo; Charles C. Bull, assistente; John C. Coussens, engenheiro; Walter Hinton, piloto aviador; John E. Wilhusen, mechanico; John W Swanson e Thomas Mac Caleb, radio-telegraphistas, Aermann Dengler, desenhista; Silvino Santos, operador-cinematographico; Raymundo Camara, assistente e Albert Stevens, observador e photographo aviador. Com os carregadores e remadores indios, a companhia contava mais de 100 pessoas.

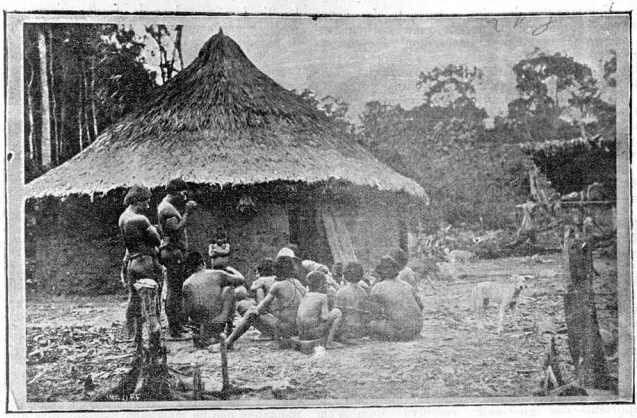
A variedade das profissões, representadas em seu pessoal, dá uma idéa da variedade dos objectivos da expedição.

O dr. Rice estabeleceu o seguinte programma: Explorar e tirar o mappa do Rio Branco e de seu tributario do oeste, o rio Uraricoera; seguir este até as suas nascentes na serra do Parima e averiguar si existe uma passagem entre as nascentes deste rio e as do Orinoco, unindo dest'arte esse mappa ao que fizera o chefe numa expedição no anno de 1919-20.

Propunham-se tambem os expedicionarios experimentar a utilidade dum hydroplano para a exploração, particularmente para a cartographia, photographia aerea, manobras de exploração e reconhecimento, e, para realizar a communicação entre as diversas unidades da expedição que estivessem temporariamente separadas.

Durante nove mezes viveram os membros da expedição á margem, dentro e por cima da maior matta do mundo.

Para aproveitar o ar fresco e calmo e as boas condição do local, Hinton e o capitão Alberto Stevens, de cujo testemunho nos valemos, nesta descri-



OS HABITANTES DA CABANA COMMUNAL NA MARGEM DO PARIMA.

peão, geralmente levantavam vôo ás primeiras horas da manhã, voando algumas 100 milhas rio acima, tirando photographias e fazendo «croquis» de mappas durante o vôo.

O ESPELHO PRETO DO RIO NEGRO E' UM PERIGO PARA OS AVIADORES.

O rio tem o seu nome com razão, pois, a sua superficie é de um preto brilhante. Os engenheiros do governo dos Estados Unidos, querendo construir um espelho formado pela superficie de uma pequena lagôa entre o monumento de Washington e o de Lincoln, na cidade de Washington, revestiram o fundo comprido do tanque com breu.

O Rio Negro, quando está liso, produz pela sua côr preta o mesmo effeito do espelho.

Para uma pessoa no convés de um vapor a belleza da scena tropical augmenta com esse phenomeno, mas para um piloto de um hydroplano apresenta um grave perigo, porque elle não póde avaliar acuradamente as distancias. Todas as vezes que lhe era possivel, Hinton descia, portanto, sobre o rastro de um navio, cujas ondas quebravam o reflexo desse espelho.

Por 200 milhas foram seguidas estas aguas, de Manáos até Carvoeiro, onde, as aguas lacteas do Rio Branco derramam-se no Rio Negro, como o leite em café.

Em Sirocco, cidade situada a alguma distancia, Rio Branco acima, foi satisfeito, como diz, com «humour» Alberto Stevens, um desejo que lhe nascera no espirito, quando o valente aviador ainda vestia calças curtas, e as maravilhas da geographia lhe eram reveladas pela primeira vez: elle estava sobre a sua propria sombra! E' que Sirocco está situado no primeiro grau, quasi no equador, e a expedição alli chegou no tempo do equinoxio outonal, atravessando o sol o equador no seu caminho ao tropico do Capricornio. O sol estava, portanto, ao meio dia verticalmente sobre as cabeças de todos!

O TEMPO, AO LONGO DO AMAZONAS, SEGUE UM CERTO HORARIO

O tempo, no territorio do Amazonas, tem um certo horario que segue quasi regularmente. Os dias amanhecem claros e brilhantes: pelas 9 ou dez horas juntam-se nuvens no céu, e frequentemente chove á tarde. Porém, esta coberta de nuvens, serve para moderar o calor do sol e torna os dias em verdade menos desagradaveis, do que muitos dias de julho e agosto nas zonas moderadas.

As noites são bellas, sendo o ar muitas vezes tão claro que as estrellas têm o mesmo brilho e reflexo que nas nossas mais frias noites de inverno. O Cruzeiro do Sul e a Via-Lactea destacam-se especialmente. No tempo da lua cheia, a noite transforma a bacia fluvial do Amazonas numa vasta terra encantada, cheia de delicadas luzes e sombras, num espectaculo inedito de belleza...

Nas margens dos rios, a corrente das aguas através do matagal entrançado, o murmurio distante das cachoeiras, o perfume peculiar, caracteristico de todas as florestas e até os gritos roucos dos bugios no interior da matta, tudo augmenta a fascinação desta terra selvagem.

Para reduzir o transporte de viveres, viviam os expedicionarios quanto possivel dos productos indigenas. O principal alimento a ser obtido eram farinha de mandióca e carne de boi. Laranjas, ananazes e bananas são nativos nas margens do rio e forneciam muitas vezes uma agradavel variação das iguarias, como tambem peixes de varias especies ornavam a sua mesa.

A maliciosa piranha, que offerece sempre tão bôa caça quão saboroso alimento, tornava perigoso o banho no rio. Atrahidas por um pouco de sangue de uma arranhadura ou corte em qualquer ente vivo que se encontre na agua, ou ás vezes, tambem, sem este attractivo, providas com dentes afiados como navalhas, em poucos minutos descarnam até os ossos, homem ou animal. E' commum encontrarem-se indigenas sem phalanges de alguns dedos devido á voracidade da piranha, que tentou uma dentada quando a mão ficou descuidosamente na agua, ao puxar o remo.

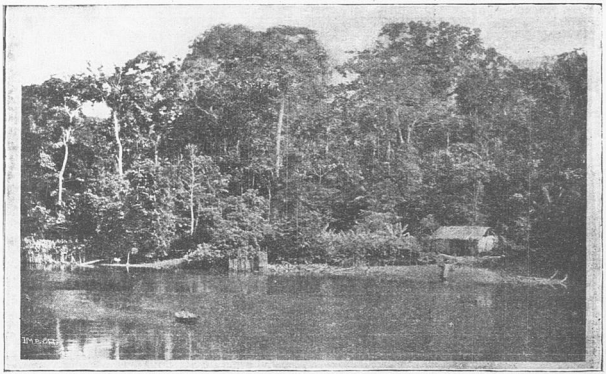
A farinha feita de raiz da mandioca é o principal alimento dos indios e formava tambem parte importante das iguarias da comitiva.—Comida em estado crú, essa raiz é venenosa, mas os indigenas aprenderam a tirar-lhe «o dente venenoso». Cada familia tem um padaço de tronco d'arvore, levemente concavo num lado, sendo a cavidade coberta de pedaços de pedrneiras, fixos em pés. As mulheres retalham as raizes de mandioca sobre esse ralador pondo em seguida os flocos brancos em tubos compridos, trançados de bambú. Depois de molhados esses saccos na agua do rio, o conteúdo é coado, parte por suspensão, parte por pressão, applicando-se o principio do torniquete. Esta operação que extrahe o veneno pela lavagem, repete-se algumas vezes antes de poder a grossa farinha ser usada para fazer o pão.

Ha connexão entre esse alimento e as cerimonias religiosas, pois os indigenas creem que a sua divindade principal ensinou a seus antepassados o methodo de tirar o veneno da mandioca.

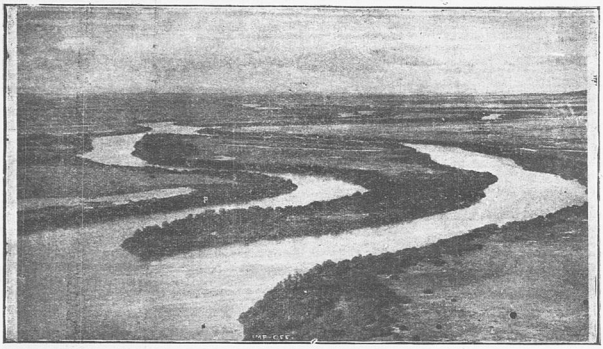
A FEBRE ATACA A EXPEDIÇÃO

Maior que todos os outros obstaculos era a febre que quasi deu cabo da expedição. Apesar dos melhores mosquiteiros, do uso de quinina em doses de 5 grãos e da presença de dois medicos, muitos apanharam a febre, que victimou o dr. Koch-Grunberg que, depois de 10 dias de doença falleceu, em meiados de setembro, em Vista Alegre.

Verificou a expedição que a peior zona da febre é a parte inferior do rio; depois de alcançada a montanha não ha mais tanto perigo; mas, uma vez contrahida, a febre reincide por causas, em geral, insignificantes.



VISTA DA MATTA DO AMAZONAS, COMO EM GERAL O EXPLORADOR A TEM.



UMA LINDA ILHA EM FÔRMA DE VIRGULA NO RIO URARICOERA, PERTO DE SUA CONFLUENCIA COM O RIO BRANCO.

A 25 de Outubro amerissavam defronte de Boa Vista, a unica villa consideravel de Rio Branco. Sua população conta mais de 500 almas. Proximo da villa levanta-se a Serra Grande, montanha isolada de seis milhas de extensão na base: offerece uma vista agradavel, depois de atravessadas as planicies do valle do Amazonas inferior.

As montanhas, 75 milhas a leste, levantam uma barreira aos ventos do noroeste, que deixam cahir muitas das suas aguas chuvosas sobre os densos mattagses da serra, ao lado do vento. A oeste, portanto, dessa serra, a densa floresta do Amazonas passa ás planicies cobertas de capim, que representam um territorio para criação de gado, igual, segundo a narrativa que lemos, á do Estado de Vermont, nos Estados Unidos.

Boa Vista, porto de embarcação de gado, é situada na margem desses campos que parecem parques e têm um clima muito mais secco do que qualquer outra parte do curso inferior do rio.

Ahi, livres dos effeitos deprimentes da malaria, puderam os excursionistas recuperar as forças, concertar e pintar de novo o hydroplano.

Um baile foi dado especialmente para celebrar a chegada do aeroplano, o primeiro que foi visto em Boa Vista.

Leva-se para Boa Vista o gado macilento e meio bravo, que, embarcado, segue rio abaixo. Os terrenos são abertos, apenas os riachos servem de divisas e cercas. O laço é um ornamento que cai logo na vista; é alli o reino supremo do cavallo, e o encurralamento de todo o gado marca o grande acontecimento do anno.

Em Boa Vista, onde se demoraram tres mezes, viram os valentes desbravadores cinco Benedictinos construindo, com suas proprias mãos, apenas com o auxilio de alguns indios, o primeiro hospital do logar.

A 1.° de Novembro, Hinton e Stevens fizeram um vôo de experiencia, rio Tacutu acima, que é um tributario do Rio Branco a leste; no dia 3 de Novembro voaram 140 milhas acima do rio Uraricoera até o ultimo posto avançado da civilização: Boa Esperança, logarejo de tres cabanas, onde se bifurca o rio, formando a ilha Maraeá, com 50 milhas de comprimento e 30 de largura.

Além de Boa Vista, a corrente tornou-se tão forte que tiveram de transportar a gazolina e o oleo para o hydroplano em canoas. Algumas vezes aproveitavam um motor portatil para a canoa, outras vezes, especialmente na parte superior do rio, os indios tinham de pegar nos remos. A gazolina, em latas de 10 canadas, devia transportar-se por terra nas cachoeiras e corredeiras mais bravas: mais de uma vez as canoas estavam quasi a afundar-se pelo grande peso do carregamento, e só 50 % do combustivel, embarcado em Boa Esperança, chegaram á juncção do Parima e Aracasa, 250 milhas rio acima.

VÔO SOBRE A MATTA VIRGEM

Pelas 6,30 horas da manhã partiram Hinton e Stevens de Boa Esperança para vôar sobre a região mais deserta que até então conheceram, sempre sobre a floresta extensa, a se perder de vista,

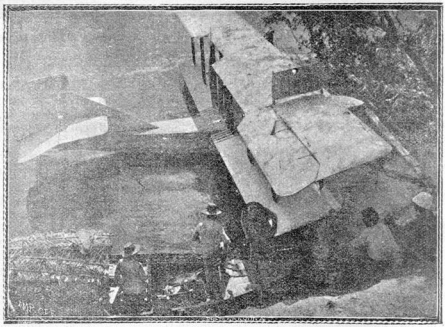
sem que por baixo do hydroplano corresse mais a agua salvadora. Voavam sobre um mar de arvoredo verde, ondulando sobre as collinas, limitado por uma lista delgada azul-preta, que era uma serra longe a oeste.

A principio puderam distinguir rios, riachos e corregos numa vasta extensão, pelas linhas de um fino vapor branco, que pairava muito acima do apparelho; 3/4 de hora mais tarde o sol quente desfez estes vapores, mas, emquanto durou, foi possivel fixar pela bussola as direcções de muitos corregos e esboçal-as nos mappas. Da cabeça da ilha Maracá divide-se o braço austral do Uraricoera em muitos cursos estreitos, cheios de ilhotas e rochedos, sobre os quaes passa a agua em massas brancas espumantes. Segue depois uma serie de tres cachoeiras com uma queda total de 80 pés, que é conhecida pelo nome de cachoeiras de Purumame. A canoa de abastecimento que acompanhava os «raidmans», levou de 8 a 16 dias para percorrer a distancia de 40 milhas, que o hydroplano cobrira em 30 minutos. A floresta, além da ilha Maracá, não é apparentemente frequentada nem pelos indios; num vôo de tres horas e dez minutos não foi presentido signal de ente humano.

O HYDROPLANO AVARIADO

No mez de Janeiro foi novamente feito um vôo sobre o Uraricoeira, o qual terminou cheio de incidentes.

Procurando uma base para abastecimento descia o hydroplano em perfeito estylo, sobre a agua e já se dirigia para a praia, quando se ouviu de repente o som de madeira a fender. O hydroplano cambaleou, pendeu por um momento num angulo agudo, mas depois endireitou-se vagarosamente. Dérra sobre o cimo de um rochedo escondido debaixo da agua. Parecia provavel que o hydroplano estivesse mortalmente ferido, e mesmo si conseguissem levar a machina á praia, teriam os aviadores de esperar certamente algumas semanas até que os seus companheiros pudessem alcançal-os.



O «ELEANOR III» ATRACADO EM UM ARBUSTO, NA CORRENTE DO RIO URARICOERA

AEROPLANO «VERSUS» SOL

Era um momento que exigia uma rapida decisão. Hinton arriscou-se a tirar uma parte do casco, e decollou de novo. Levantavam do rio, dirigindo-se a Boa Esperança, unica salvação, a 150 milhas de distancia! Foi uma tentativa de vencer em velocidade o sol, pois, o dia já declinava e diluculisava quando passavam sobre a ilha Maracá. Hinton dirigiu o hydroplano a toda a velocidade por sobre o braço septentrional. A escuridão envolvia depressa as zonas equatoriaes, e comprehenderam os aviadores que, si não amerissassem logo em poucos minutos, teriam de voar sobre o matto escuro, sem ver qualquer ponto do terreno que pudesse oriental-os.

Tres ilhas pequenas avistaram então sendo uma dellas ladeada por uma praia arenosa. Estava alli o porto de salvamento e em pouco sobre a praia tocava o apparelho audaz.

Depois de parar o hydroplano, percorreram os destemidos aviadores a ilhota coberta de mattagal, onde haviam de estabelecer uma soberania sem titulo por onze dias.

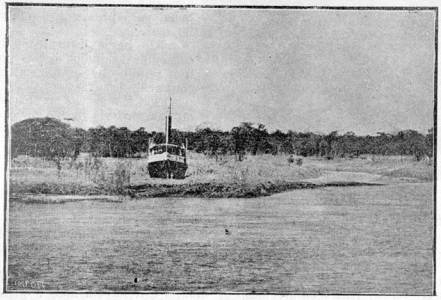
Essa ilha «de Robinson» tinha uma milha de cumprimento e um quarto de milha de largura, e estava densamente coberta de matto de grande variedade de arvores, e apparentemente inhabitada. Escolhido o lugar mais apto para um acampamento, amarraram uma corda entre duas arvores para servir de cumieira, pondo sobre ella uma peça de lona para fazer um abrigo. Debaixo desta pendura-ram as suas redes, pois como os marinheiros, tambem os navegadores no verde matto sempre dormem em redes. Estas são até as camas geralmente usadas no Amazonas, pela obvia razão, que só limitado numero de insectos rasteiros pode passar numa noite pelas duas finas cordas. E' um problema de viação,—e os dois aviadores apprenderam mais que, creosotando as cordas, podiam pôr um signal de «Parar», para esses rasteiros.

A primeira noite passou sem incidente. A manhã seguinte foi destinada ao concerto do hydroplano. Com grude, lona e algumas tiras de mogno puderam remendar o casco avariado, pois o estrago não era grande. A difficuldade estava em levar o hydroplano de novo para a agua, porque o nivel do rio descera infelizmente, durante o trabalho.

Dois homens não eram capazes de mover o avião, de modo que não havia outra cousa a fazer senão esperar e descançar até o rio tornar a subir...

Quatro dias depois a ilha recebeu uma visita. Quatro indios—tres homens e um menino, desceram o rio numa piroga, e vendo o fio de fumaça do fogo do acampamento, pararam para fazer investigações.

Hinton e Stevens cozinhavam peixe para o almoço, quando elles appareceram. Levantou-se então a questão de etiqueta: Como devia a civilização apresentar-se ao homem primitivo?



O CAPITÃO DESTE NAVIO DESCEU RIO ABAIXO, QUANDO O AMAZONAS ESTAVA ALTO E, JULGANDO-SE ACHAR NO MEIO DO RIO, PAROU ONDE LHE PARECEU HAVER UM BANCO DE AREIA. HOUVE, POREM, UMA VASANTE RAPIDA E ENTÃO SE VERIFICOU QUE O NAVIO ESTAVA EM TERRA, SENDO OBRIGADO A FICAR ALLI ATE' A ENCHENTE DO ANNO SEGUINTE PARA PODER SAHIR.

Esta approximação podia ser de extrema importancia, tanto mais que ambos sabiam que o Dr. Rice havia sido atacado alguns annos antes, por uma tribu hostil de indios na margem do Orinoco, e que 200 milhas para o sul do este ha dois annos, foram assassinados 68 membros de uma expedição que procurava terrenos petroliferos.

Partir o pão já era um signal de paz muito antes que se penssase no ramo de oliveira; portanto mostraram aos indios o peixe na panella e indicaram, por signaes, que se podiam servir, o que fizeram os selvagens com evidente satisfação, ratificando assim um pacto de entendimento.

Os visitantes eram pela sua estatura superiores aos indios até então encontrados nas margens do rio inferior. Pela formação do rosto têm semelhança com o typo mongolico. Tinham o cabello cortado, deixando uma cabelleira redonda em forma de «terrina».

Cada individuo estava escrupulosamente limpo, e tomava banho regularmente. Mostraram-se intelligentes, fortes, alegres, serviçaes e amaveis uns com os outros; cada um, porém, absolutamente independente, confiando em sua habilidade e experiencia.

Apparentemente era esta a primeira vez que se viam em contacto com a civilização. Não traziam ferro algum, o seu bote e as suas armas eram productos do matto, mas logo comprehenderam o valor do metal, pois fizeram o maior esforço para negociar um machauinho com os aviadores.

O hydroplano estava do outro lado da ilha, invisivel para o acampamento; para lá, fizeram os dois aviadores um trilho estreito que, apesar de quasi imperceptivel, foi visto pelos indios em pouco tempo. Evidentemente ficou excitada a sua curiosidade a respeito do modo de chegarem alli, pois se levantaram e desfilaram pelo trilho. Não ficaram muito espantados á vista do grande avião; pareciam pensar que os gigantes brancos podiam possuir as cousas mais impressionantes.

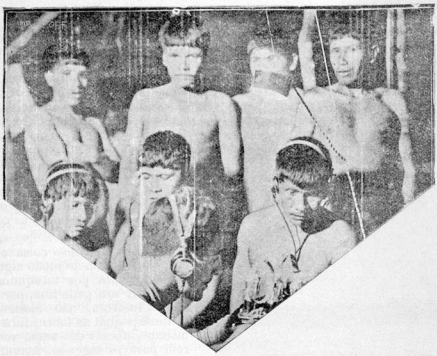
Esses indios, — coisa singular—não eram de modo algum incommodados por mosquitos e moscas. A sua pelle fina, parda, lisa e lustrosa, não mostrava nenhum signal de mordedura de insectos, apesar de nada vestirem para proteger-se. Acreditaram os aviadores que talvez o habito de não usarem nem sal nem assucar, mudasse de tal modo o seu sangue e suor, que não offereciam attractivos para os insectos.

Mencionada aos outros membros da expedição essa particularidade que os havia impressionado, elles informaram que os selvagens amigos da comitiva ultimamente eram vistos matando os mosquitos com grande energia. Isto robusteceu a supposição formulada, porque depois de comerem o sal e assucar do homem branco, começaram tambem a sentir-se incommodados pelos insectos.

A PRAGA DAS FORMIGAS

Uma noite, Hinton pendurou a sua camisa sobre uma corda de pesca. Na outra manhã, quando quiz vestil-a, a camisa caiu quasi em pedaços em suas mãos, porque constava na maior parte apenas de buracos. A investigação mostrou que durante a noite um batalhão de formigas brancas subira e descera pela corda, cortando a camisa em pedaços, boccado por boccado.

Ha formigas, aliás, em toda parte do Amazonas; e todas as especies de formigas: pretas, vermelhas e brancas, grandes e pequenas. Entram em todas as coisas, e quasi não ha nada que não comam; cairam em milhares sobre o avião, voando como viajantes clandestinos, mas, felizmente, não agradou a seus paladares a tinta das azas e do casco da barquinha.



INDIOS MACUS, DO RIO URARICOERA, OUVINDO UMA CONFERENCIA SOBRE EDUCAÇÃO, PELA RADIO TELEPHONIA

O RIO SOBE AFINAL

Depois de tres dias de chuva, no decimo dia de exilio na ilha, o rio começou a crescer e, para allivio dos aviadores, fluctuou de novo o hydroplano.

O «Eleanor III» (nome do hydroplano) partiu em bella subida, fugindo das garras do matto.

OS INDIOS E AS INVENÇÕES MODERNAS

Emquanto que para os excursionistas o radio provou repetidas vezes o seu valor durante a viagem, tanto a sua magia como a do hydroplano pareciam estar desprestigiadas para os indios do territorio superior do Amazonas. E' que o dr. Koch Grunberg, que passara por aquella região, numa expedição anterior, levara comsigo um phonographo portatil e discos de cêra. Elle persuadiu os indios a falarem na machina, e depois fel-a repetir as palavras delles. Após essa exhibição não havia mais nada que pudesse espantar aos indias...

Comtudo, sempre que o avião levantava vôo, elles se punham em fuga, matta a dentro, e apenas alguns rostos mais corajosos espiavam a machina por entre a folhagem do cortinado verde da margem do rio. O barulho do motor parecia impressional-os mais do que a vista do hydroplano, a que chamavam «O Bicho Grande».

Uma photographia, tirada á luz de magnesio, produziu grande effeito. Num acampamento na margem do rio Branco foi photographado um grupo de indios, emquanto que outro grupo olhava. Os indios photographados, cheios de susto, desappareceram num instante, emquanto que os outros que assistiam deram uma grande gargalhada.

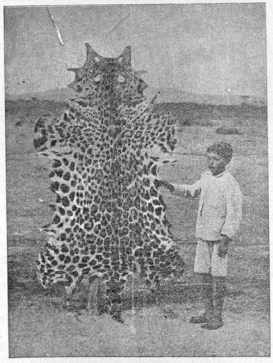
Em outro lugar, porém, não foram felizes os excursionistas, photographando uma malocca (cabana commum de varias familias). Os indios, vendo as nuvens de fumaça sahir do topo da cabana, concluiram que os brancos acabavam de nella pôr fogo; cercaram-nos gesticulando e gritando, sendo preciso fazer a mesma experiencia fóra da cabana, para provar-lhes que era innocua.

Não havia difficuldade em conseguir dos indios «pose» para um retrato. O problema, ao contrario, era fazel-os sahir da posição. Uma vez postos em attitude propria deante da objectiva, elles ficavam nella indefinidamente.

VÔO SOBRE AS NASCENTES DO RIO PARIMA

A 11 de março de 1925, foi feito um vôo de quatro horas entrando-se na garganta do Parima, em verdadeira exploração.

Debaixo do apparelho precipitavam-se as aguas enfurecidas, os montes estreitavam mais e mais o

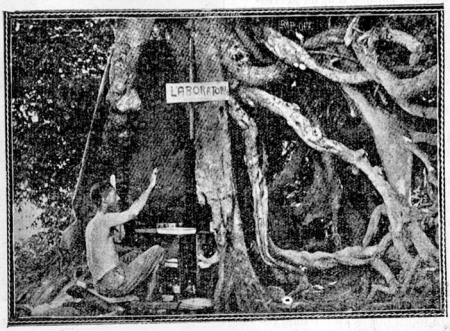


PELE DE JAGUAR DAS FLORESTAS AMAZONICAS.

rio, as palmeiras começavam a rarear, e a matta extendia-se por todos os lados, revestindo de verde as collinas e ás vezes tambem as estreitas corredeiras.

O rio cahe 400 pés, no percurso de quatro milhas. Entre o verde do matto via-se, de vez em quando, um fio prateado de agua, emanado de nascentes occultas no matto, cahir nos abysmos escuros de centenas de pés de profundidade.

O apparelho avançava sempre mais para as nascentes do Parima, e além, subindo sobre a linha da divisão das aguas da montanha, onde a serra despacha as suas aguas ao mar, pelo curso do Orinoco, ou ao Amazonas. Cá e lá, ao longo do rio, e ás vezes, a grande distancia, dentro do matto, avistavam-se as maloccas redondas dos indios.



UM OCO DE RAIZ CONVERTIDO EM CAMARA PHOTOGRAPHICA.

Sobre os sitios de acampamentos indigenas na parte superior do rio, os aviadores lançavam paraquédas, nos quaes atiravam missangas e bujigangas de varias especies.

Esses presentes deviam ser signaes de paz, para provar-lhes a intenção amigavel da expedição do Dr. Rice, que mais tarde havia de passar por aquellas partes. Nenhum membro da expedição que avançava por terra tendo sido incommodado pelos indios, é de crer-se que taes presentes, vindos do alto, tenham sido de utilidade.

A' cabeça da garganta havia uma boa malocca, por isso o hydroplano desceu numa curva por cima della, para ser tirada uma photographia. Isso levou o apparelho á camada quente do ar da garganta, e quando Hinton tentou subir de novo, achou que a agua do irradiador estava fervendo. E' que o vôo estava sendo feito debaixo das margens superiores da garganta, a 600 pés por cima do leito do rio, emquanto que, em geral, o faziam na altura de 3000 pés; altura a que, então, não havia meio de voltar. A unica possibilidade de sahir era seguir o curso do rio pela garganta, fazendo todas as curvas e viravoltas do estreito rio; o que foi feito.

Entre os lados da garganta, que se levantavam, como muros, sobre o hydroplano, Hinton dirigia o apparelho virando para lá e para cá, sempre na mesma pequena altura. Voltas em forma de S se abriram a cada instante, mas afinal chegaram ao fim da garganta e á frente dos pesquisadores extendia-se a vista agradavel pela agua larga e lisa...

O «Eleanor III» deslisou descendo sobre a sua base, onde Charles Bull e os seus indios o estavam esperando. Os aviadores rejubilavam-se, pois acabam de realizar um objectivo pelo qual tinham trabalhado nove mezes e viajado milhares de milhas.

Encontrando-se o capitão Albert Stevens, seis mezes depois, com Charles Bull na California, soube elle de quanta utilidade tinham sido os mappas dessas terras desconhecidas, que elle esboçara no ar. Nesses esboços via-se o curso do rio Parima com todas as suas curvas, suas cachoeiras, corredeiras e ilhotas; viam-se todos os seus tributarios com as suas

TARTARUGAS DO RIO NEGRO

direcções, a percentagem avaliada do volume d'agua accrescentada ao rio principal. Estavam indicadas as clareiras com cabanas de indios, quasi sempre invisiveis para os que passam pelo rio, mas bem visiveis do avião.

O dr. Rice e os mais companheiros subiram mais tarde o rio Parima até as nascentes. Himon e Stevens voaram de volta para Manaos.

E assim terminou este «raid» extraordinario, cheio de aventuras, sobre o valle amazonico, que Albert Stevens descreve na «The National Geographic Magazine», de onde extrahimos as informações que registramos, illustradas com photographias, para as paginas desta Revista, por se tratar de materia da maior relevancia, para todos que se interessam pelas riquezas naturaes do Brasil.

UM TYPO DE MULHER ACREANA.

Educação da vontade

MARIA LUISA DE ALMEIDA CUNHA

DENTRE os multiplos problemas que se prendem á educação, o que se refere ao cultivo da vontade é inciscutivelmente o mais importante.

A preoccupação de intellectualismo absorve quasi totalmente as energias do nosso professorado, pois que é preciso dar conta dos programmas!!

Monopolizadas por essas ideas descuram nossas escolas da *formação do caracter* deixando que se embotem as forças poderosissimas da vontade e da consciencia sem as quaes é infecundo o trabalho.

Este descaso acarreta consequencias nocivas mesmo do ponto de vista unicamente intellectual.

Como nos exercicios de gymnastica se dá de um tempo a outro a ordem de «descançar» assim seria utilissimo que algumas vezes o professor interrompesse o ensino puramente intellectual para fazer com seus alumnos como que uma incursão na vida real seja esta a proposito de um facto historico, literario, de um acontecimento eventual da vida escolar. Não é possivel alienar da personalidade do professor o papel de educador, nem consentir que se escoe o periodo escolar descurando o alicerce da educação que é a modelagem do caracter.

Entretanto é sobre a vontade que o professor dirige com menos segurança a sua influencia, já por lhe desconhecer a mecanica, já pelas tendencias actuaes de um cultivo exaggerado do individualismo.

Os que labutam no professorado collectivo bem comprehendem o que vae de utopia no conceito que Gurlitt explana em seu tratado «Educação da personalidade».

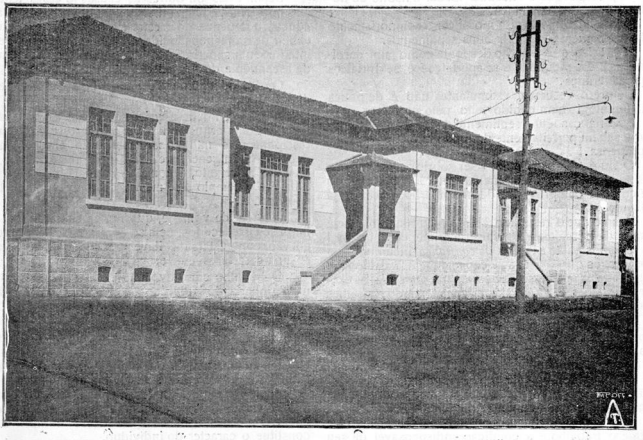
—«La nature a crée des personnalités, l'education les supprime.

Les petits entrent à l'école enfantine avec des natures diverses; ils sont tous façonnés de même quand à vingt ans ils quittent les gymnases. Le long du chemin, souvent hérissé d'épines, ils ont appris à plier leur volonté sous l'autorité de l'école à se courber sous le joug, à trainer la charrue; ils ont dessappris toute résistence et toute rebellion».

Parece inacreditavel que haja quem se capacite de taes idéas! Entretanto ellas se insinuam sorrateiramente e vemos a cada passo, nas escolas, os resultados funestos da liberdade mal comprehendida, e da abdicação da autoridade dos educadores – São consequencias das doutrinas de Rousseau...

A educação do caracter que se baseie na realidade não cuidará de desenvolver na criança a vontade instinctiva, bem ao contrario, guiará-á de modo a coibir-se quando necessario, fazendo-lhe comprehender a necessidade da *obediencia*:

De todas as nossas faculdades a vontade é realmente a que mais precisa de disciplina, pois que aban-



GRUPO ESCOLAR DE ARAGUARY.

donada a si mesma, degenera em capricho, inconstancia, volubilidade!

Os que condemnam a obediencia que *deve ser exigida* em classe dos alumnos, acoimando-a de factor de frouxidão, esquecem que a obediencia é a melhor escola para que a criança apprenda a se dominar, preparando-a para a vida social.

Tudo o que se invoca contra a obediencia seria admissivel se quizessemos subordinal-a a uma autoridade arbitraria, desarrazoada e não a uma autoridade normal e bem constituida.

Entre os extremos da obediencia passiva de outr'ora, conquistada a poder de palmatoria, e a tendencia a afastar do caminho da criança todas as difficuldades de modo a lhe criar um mundo ficticio em que não se exercite o seu esforço para vencer o que lhe repugna, fica o que consideramos o ideal em materia de educação da vontade, isto é, a obediencia pela liberdade.

A disciplina antiga, baseada unicamente no mêdo, pouca influencia exercia sobre a formação intima alem de excitar, na maioria dos casos, a revolta.

E' preciso que o educador, hoje, se preoccupe em conhecer o espirito de seus alumnos para guial-os nas luctas contra suas inclinações.

Conhecendo-os, comprehenderá que não é possivel usar para todos a mesma fórma, nem a me ma bitóla. — E sabemos quanto isto exige de abnegação e devotamento da parte de um educador!

Os processos repressivos, quando não em absoluto condemnaveis, só se devem usar em casos extremos.

Ha crianças que, rebeldes e petulantes quando reprehendidas deante das collegas, attendem ás observações com uma docilidade emocionante quando chamadas á parte e tratadas num tom affectuoso, embora severo.

Estes meios suasorios, em que a educadora dá um pouco de sua alma e de sua bondade áquelle espirito em formação, parecem-nos infinitamente melhores que todos máos pontos, privações de sahida, linhas de copia que tantas vezes se impoem a granel!

O systema de consentir que o alumno repare a falta commettida tambem dá excellentes resultados.

Si lhe promettemos levantar o castigo sob uma condição dada, a criança se estimula e temos visto muitas vezes que é com real alegria que obedece a imposição reparadora. Que fazer, entretanto, quando encontramos casos de *preguiça*, tão communs nas nossas classes numerosas?

Se não é uma preguiça mórbida, o ponto de partida para o trabalho de regeneração consistirá primeiro em descobrir si a criança tem alguma preferencia caracteristica, si é particularmente dotada de uma aptidão qualquer. Descoberta esta preferencia, fazemos della a alavanca para o trabalho moral desejado.

Não nos esquecamos de que a educação é uma obra de bondade. Raramente resistem as crianças á affeição! Conquistada esta, facilmente se move a intel-

ligencia, e consegue o educador incutir o habito do trabalho e dos bons costumes.

A educação moral visa modificar o comportamento e não unicamente suggerir bons sentimentos.

E' preciso que a acção desponte como um corollario das idéas incutidas, e se aperfeiçoe e se fortaleça na perseverança.

Dentre os recursos estimulantes não é de pouca valia um elogio bem cabido feito pelo professor.

As crianças têm o sentimento da justiça muito apurado e sabem perfeitamente dar o devido apreço a essa recompensa.

O elogio deve entretanto ser sobrio, não reiterado e feito mais como um incitamento a progredir do que como a comprovação de um aperfeiçoamento já realizado.

Mesmo que o resultado obtido pelo alumno esteja aquem da nossa expectativa seria crime desanimal-o!

Usemos então a tactica da *confiança* incumbindo-o de encargos dosados á sua capacidade e façamos-lhe sentir todo o interesse de nossa parte para que os execute exactamente. Quantas crianças, vendo que lhes testemunhamos confiança, se incitam a proceder bem!

A tarefa do educador não consiste em desprezar as pequeninas cousas, e sim em eleval-as de modo a lhes dar uma feição nova, ligando-as aos bens superiores da alma.

Quem quizer realizar trabalho verdadeiro de educação, não póde se abster do appello continuo aos sentimentos intimos da alma.

Precisamos incutir fortemente na creança a *idéa* de que o trabalho é a condição indispensavel de seu aperfeiçoamento interior, reagindo contra essa falta prematura de enthusiasmo e de estimulo, tão notoria nos estudantes de nossos dias.

Será essa disposição unicamente consequencia da multiplicidade de divertimentos excitantes que attrahem as crianças?

Será uma resultante da moral leiga que prohibe a invocação de argumentos de ordem sobrenatural e religiosa?

Sejam estas ou outras as causas d'essas tendencias hodiernas, o facto innegavel é que a obra inteira de educação depende do mestre e que elle não póde se eximir dessa responsabilidade. A educação suppõe um inferior e um superior; é tecido, portanto, de influencia, de ascendente de autoridade.

Onde poderá o mestre haurir essa autoridade indiscutivel?

A personalidade physica não basta; os dons intellectuaes, cuja argucia mantém o interesse, facilitam a disciplina mas não conseguem tudo ainda. A bondade e a indulgencia realizam um pouco mais... A meu ver, entretanto, o condão que mais toca a juventude é o exemplo no mestre de uma vontade bem coordenada.

A força de vontade, que nunca se manifeste em impulsos irreflectidos, nem se contradiga, nem ameace em vão, conquistará inevitavelmente um prestigio valioso nos caracteres em formação.

O trabalho educativo não póde ser burilado só na peripheria do individuo—precisa por em contacto as aspirações intimas da alma com todas as suas espheras de acção.

O catholicismo, enaltecendo o acto de obediencia, como a melhor conquista do individuo sobre si mesmo, faz bem comprehender que não existe a tão decantada incompatibilidade entre a disciplina rija, moldada em um programma moral perfeitamente assentado e definido, e o livre desenvolvimento das faculdades intellectivas como das demais feições desse complexo que constitue o caracter do individuo.

E' certamente, cousa bem diversa o cerceamento da acção individual sob o guante autoritario de um ascendente voluntarioso que desorienta os melhores impulsos, á mingua absoluta de um ideal elevado e unico que os norteie.

Os resultados surprehendentes e por vezes heroicos alcançado pela obediencia a principios preestabelecidos illustra com bastante eloquencia o thema que ora propomos aos leitores da *Revista do Ensino*.

«Sendo a escola actual a escola da vida, os professores e os paes devem conjugar o pensamento, de tal maneira que a criança, em casa, encontre um mestre e, na escola, encontre um pae». — Palavras da ultima mensagem do sr. presidente Mello Vianna.

O ensino de leitura e escripta aos retardados

ZELIA RABELLO

(CONTINUAÇÃO)

DESDE que a maioria da classe prove conhecer a 1.ª phrase ensinada, passa-se á segunda, sem cuidar de decompor a 1.ª em palavras e estas em syllabas, por emquanto. No verdadeiro ensino pelo methodo da sentenciação (unico, a nosso ver, compativel com as intelligencias fracas), só devemos começar a decomposição da sentença em palavras e estas em syllabas, depois de familiarizados os alumnos com um determinado numero de phrases, as quaes terão que ser cuidadosamente escolhidas, attendendo-se a um duplo fim: o de tornar a lição interessante e o de trazer, devidamente dosados, todos os sons da lingua, na sua representação graphica. Verão que, neste despretencioso ensaio, procurámos apresentar, na 1.ª phase do ensino, os diversos sons das vogaes, tentando fazel-o do modo mais interessante possivel; as phrases a serem estudadas em numero de 6, e correspondendo cada qual a uma gravura simples e expressiva, são as seguintes:

1—Alice tem uma boneca.
2—Elisa pula a corda.
3—Ida joga a peteca.
4—Olavo roda o pião.
5—Ubaldo solta o papagaio.
6—Ondina está pintando figuras.

Para o ensino de cada uma dessas 6 phrases, o processo será o mesmo do da primeira, (1), acompanhando sempre a aula de leitura, a de escripta, como ficou exposto. Todas essas primeiras lições serão invariavelmente em letra manuscripta, para

(1) Vide Revista do Ensino, nº 15.

FIG. 1

FIG. 2

FIG. 3

FIG. 4

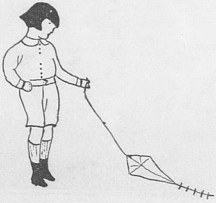


FIG. 5

FIG. 6

aproveitar o instincto de imitação existente em toda creança, e aproveital-o aqui em beneficio do ensino de escripta: innumeras vezes observámos, nas nossas classes de principiantes, quando adoptavamos o processo de escrever as primeiras lições no quadro negro em letra de imprensa, que as palavras escriptas pelos alumnos, sob dictado, vinham sempre em caracteres de imprensa, assim como as primeiras tentativas de copias, feitas de contrabando, á revelia da professora; pelo gosto de fazer nas pequenas ardosias, com os pequeninos dedos ainda perros, a mesma coisa que fazia D. F. no quadro negro, tal qual. Assim, emquanto ensinamos á pequenada o que precisa saber, vamos tambem aprendendo com ella em seu proveito e no nosso, as suas inclinações e preferencias, forças essas que devemos religiosamente utilizar na occasião opportuna, fazendo-as reverter em beneficio do ensino. Achamos, pois, que o systhema de ministrar as primeiras lições de leitura, em letra de typo de imprensa, redunda em prejuizo no ensino da escripta, sem adiantar no da leitura, visto passarem as creanças a ler a letra impressa com uma grande facilidade, depois de familiarizadas com a manuscripta.

Feito o ensino de cada uma das phrases, de per si, podemos organizar, como exercicio de recapitulação, um jogo de vispora: em um pedaço de papel ou papelão de 20x30 cm, mais ou menos, escreveriamos as seis phrases espaçadamente, e, em seis cartões pequenos, as teriamos escriptas, cada uma em separado, distribuindo esse material pela classe e pondo-se a professora a cantar as pedras, fazendo-se deste modo uma sabbatina alegre e animada.

Vejamos como nas seis phrases primeiras aproveitadas para o ensino dos nossos retardados, procurámos introduzir os diversos sons de cada uma das vogaes. Os diversos sons do A em: — Olavo, papagaio, Ubaldo, está, (som forte); Alice, papagaio, (som medio); uma, boneca, Elisa, etc. (som fraco); pintando, pião (som nasal).

Do mesmo modo os diversos sons de E: — boneca, peteca, (som forte); Elisa, peteca (som medio); Alice (som fraco); tem (som nasal).

Para o I: — Alice, Elisa, Ida, pintando.

Para o O: — jogo, roda, solta (som forte); Olavo (som medio), Ubaldo, papagaio, Olavo (som brando); Ondina (som nasal).

Para o U: — pula, Ubaldo, figuras, um.

JUIZ DE FORA—MARCHA DA «AIDA»—GYMNASTICA RYTHMICA.

Algumas palavras sobre a leitura silenciosa

ELVIRA BRANDÃO

COMQUANTO ainda haja considerações a fazer sobre as difficuldades encontradas na phase inicial do ensino de leitura, resolvemos tratar da *leitura silenciosa* ultimamente introduzida no nosso programma de ensino, por ser de relevancia capital no decorrer da vida pratica.

Os exercicios respectivos deverão ser graduaes e começar no primeiro anno. As instrucções do programma para as classes principiantes são bastante claras, dispensando, por isso, desenvolvimento especial.

Nos outros annos (terceiro e quarto) pela variedade dos exercicios já applicados e pelo excellente resultado obtido, podemos bem affirmar a efficiencia deste processo, que é complemento da leitura oral.

Para a sua execução, é indispensavel que a escola disponha de material sufficiente, isto é, livros ou revistas, desconhecidos da classe, contendo trechos e contos de facil comprehensão, de maneira a serem distribuidos, um para cada alumno.

Não possuindo o estabelecimento o cabedal necessario, suggerimos outros meios, mais trabalhosos, é verdade, mas capazes de produzir o resultado querido.

Dado o primeiro caso — o de haver os referidos livros para todos os alumnos da classe — poderemos fazer diversos exercicios.

Trataremos do primeiro, dividindo-o em duas partes:

a) abertos os livros, receberão os alumnos a ordem de começar a leitura, devendo todos faz-la silenciosamente, em determinado tempo, conforme a extensão do trecho escolhido;

b) finda esta tarefa, serão recolhidos os exemplares; nova ordem se verificará: a de reproduzirem o que leram, em linguagem escripta, tambem em tempo marcado.

O trabalho realizado, sobre ser muito rapido, tem a vantagem de representar esforço *exclusivo* do alumno.

Poderemos ainda executar a leitura silenciosa por meio de perguntas.

Não devendo o alumno ter conhecimento da historieta ou trecho que vae interpretar, serão copiadas as perguntas em outra sala, ou na sua propria, desde que o façam na vespera ou em dias anteriores ao da verificação da prova, porque, neste caso, os alumnos nada reterão do que houverem escripto.

O modo de proceder é muito simples:

Recebidas as provas, os alumnos as guardarão sem dellas tomar conhecimento. De posse dos livros, dar-se-á o signal para a leitura, finda a qual os alumnos tomarão as folhas com as perguntas e as irão respondendo em sentenças completas.

Outro processo tenos empregado, tambem com bom resultado, e este em fórma de *test*.

Em sala differente, em passadas a machina, preparar-se-ão as folhas contendo o trecho em questão; em outras, ficarão as perguntas, e, abaixo destas, diversas respostas que possam convir ao assumpto.

Dado o tempo para a leitura e terminada esta, o alumno grypharà a *unica resposta* applicavel ao caso.

Deste modo, verificar-se-á o grau de comprehensão da creança, despertando lhe a actividade, methodizando-lhe o trabalho, com grande economia de tempo.

Exemplificaremos este caso, para que nenhuma duvida paire sobre elle.

«Gustavo aprisionou um lindo canario. Todo contente, encerrou-o numa gaiola e foi mostral-o á mamãe.

Tão desastradamente, porém, o fez que o passaro fugiu. Espantado, com os olhos em lagrimas, poz-se a correr, perseguindo o pobrezinho, que buscava a liberdade.

Tentativa inutil: exhausto, com as faces em fogo, eil-o de volta ao regaço da mamãe que o espera compassiva e, entre beijos, lhe diz:

— Filhinho, não chores. Gostarias que te roubassem a tua mamãe, que te privassem dos seus beijos e dos seus carinhos? Deixa o passaro em paz; elle foi, talvez, levar alimento ao filho implume, que chora a sua ausencia! Nunca prendas os passarinhos! Guarda a tua gaiola e, toda vez que a olhares, lembra-te das palavras de tua mãe.

Gustavo, como bom menino, comprehendeu-as bem, e, num gesto infantil de alegria, prometeu que jamais aprisionaria as lindas aves.»

I) Como se chama o heróe da nossa historia?
II) Que fez elle?
III) Onde collocou o passaro?
IV) Que aconteceu quando foi mostral-o a sua mãe?
V) Poude alcançal-o?
VI) Depois da tentativa que fez para apanhar o canario, como se approximou da mamãe?
VII) Que representam as palavras de sua mãe?
VIII) Emendou-se, Gustavo, com os conselhos de sua mãe?

RESPOSTAS

I) Pedro, André, *Gustavo*, Mario;
II) estudou a lição, trepou na arvore, foi brincar na rua, *prendeu um canario*;
III) em uma caixa, *na gaiola*, no alçapão, no viveiro;
IV) *fugiu*, cantou, voou, escondeu-se;
V) sim, *não*;
VI) alegre, *exhausto*, a chorar, cantando;
VII) uma repreensão, um aviso, *um conselho* uma ameaça;
VIII) não, *sim*, bem depressa, logo.

PRESIDENTE MELLO VIANNA

Publicando, em logar de honra, neste numero — o ultimo que se edita sob a direcção do actual governo — o retrato do sr. presidente Mello Vianna, a «Revista do Ensino» faz timbre em dizer que não cede, com este impulso, ao imperio frio de uma praxe. Tambem não vibram, nestas linhas, applausos ao administrador. Minas inteira já lhe fez a justiça de cercar-lhe o nome dos florões do seu melhor apreço e lhe bate palmas ainda mais quentes no esplendido occaso desta jornada governamental. O fim desta homenagem não é, pois, esse.

A «Revista» quer tão sómente que se perpetúe na sua collecção, dentro duma discreta moldura de carinho e de sinceridade, o perfil desse grande homem publico, sob cuja inspiração ella nasceu, no principio — timido supplemento do orgam official, e sob cujo apoio pouco a pouco cresceu, — agora vigoroso punhado de paginas, feitas para a instrucção. Affluindo ás mãos de todos os professores mineiros, chegando ao seio de todas as escolas, a «Revista» quer ainda contribuir para que a actual e as vindouras gerações escolares, — almas que passam, descuidadas, não esqueçam nunca o estadista que operou o milagre da renovação do ensino em Minas e foi, no que diz respeito a esta empreitada cheia de exaltação, um admiravel professor de energias.

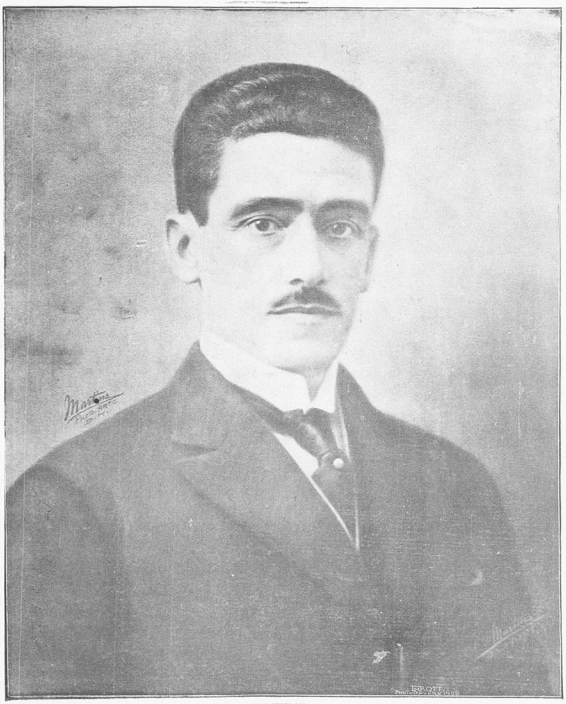
Em menos de dois annos de governo, o sr. presidente Mello Vianna introduziu novos moldes pedagogicos, intensificou, para o dobro, o movimento da matricula escolar, premiou os mestres capazes, levou aos professores ruraes a luz alta do estimulo, procurou imprimir á inspecção technica um rythmo mais forte, proveu de excellente material innumeraveis escolas, agitou a «collaboração illuminada» das senhoras mineiras na obra do ensino, idealizou e realizou construcções escolares com a nota de conforto e de esthesia que a moderna pedagogia exige, deu impulso ainda não egualado ás caixas escolares, cuja receita duplicou, procurou transformar os conselhos escolares em organismos conscientes, pregou a diffusão das Ligas de Bondade, dos museus e das bibliothecas infantis, inaugurou o aproveitamento da cinematographia como esplendido methodo pedagogico, aperfeiçoou e adaptou aos moldes actuaes o ensino da costura, do desenho e da gymnastica, estimulou as camaras municipaes, creou as escolas ambulantes e as escolas complementares, cuidou dos livros escolares, iniciou o serviço de inspecção medico escolar, remodelou o Internato Gymnasial de Barbacena, assentou as primeiras pedras da construcção magnifica que vae ser o Gymnasio de Bello Horizonte, installou o Conservatorio de Musica, inspirou e fez levar a effeito a organização dessas paginas immortaes que são o hymnario e o cancioneiro infantil, fundou o Instituto de Cegos, fez o Grupo Pedro II, creou a Escola Maternal, — n'uma palavra: accendeu, deu vida, banhou de intelligencia a obra educadora.

O balanço desse trabalho authentico, tão sagrado quanto o ideal que intensamente o animou, não cabe nesta leve pagina, aberta apenas para render um preito.

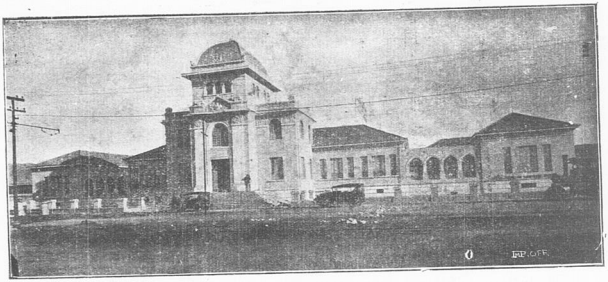
Homem de governo e, sobretudo, chefe querido do povo, com responsabilidades tanto maiores quanto mais amado, a sua passagem pelo poder, tendo sido de constante apreço a esta estima publica, não se define propriamente por uma caracteristica isolada. Tem ao contrario, de todos os lados — á semelhança do crystal — faiscações imprevistas e até mesmo esses clarões de céo limpo com que os bons fados costumam anunnciar aos habitantes da terra as epocas de colheita farta e de prosperidade publica. Realisou tanto, que vae deixar o seu posto com esse nobre direito de ter orgulho da obra feita.

No supremo posto de direcção do Estado, senhor de toda a força moral e politica que o regimen presidencial concentra na vontade do presidente, o sr. presidente Mello Vianna fez, entretanto, não sem largos impulsos de liberalismo e de crenças democraticas, aquella alta politica do trabalho, a que João Pinheiro chamava «a fecunda e nobilitante politica de cousas».

A «Revista», pois, sente-se bem, neste declinio da administração, em juntar a sua voz ás vozes tantas que se levantam para dizer ao filho illustre, que a serviu com desvelo, o estremecido agradecimento da terra amada.



PRESIDENTE MELLO VIANNA



ESCOLA MATERNAL

Bemdita a mão que entre louvores e hymnos
Aos pobrezinhos deu amparo e luz:
—E deixae vir a mim os pequeninos—
Foi deste modo que falou Jesus.

Bemdita a mão que ás criancinhas pobres
Estende a mesa e lhes constroe o ninho:
Mão affeita sómente aos gestos nobres
Da Protecção, do Amor e do Carinho.

Mão que de fazer bem nunca te canças
Obra maior jámais farás, talvez;
—Jesus hade, sorrindo, entre as crianças
Abençoar a mão que tanto fez.

Para a alegria aqui reinar—ha tudo,
O calor da bondade tudo aquece;
Jardins que têm canteiros de velludo...
—O Amor, quando constroe, de nada esquece.

Bemdita seja a mão que acaricia,
Bemdita seja pelos gestos seus:
Mão que ao fazer o bem tão bem faria
Como si fosse a propria mão de Deus.

DJALMA ANDRADE

O Brasil e a conquista do ar

Alguns traços da vida de Santos Dumont.

SI, em qualquer epoca, seria justa uma referencia desta revista a Santos Dumont, o brasileiro que mais alto talvez elevou no extrangeiro o nome de nossa terra, agora, além de justa, é opportuna uma palavra a respeito do grande inventor da dirigiolilidade dos balões, sabendo-se que o presidente de Minas, sr. dr. Mello Vianna, está empenhado no estabelecimento de uma linha aerea entre Bello Horizonte e o Rio de Janeiro.

Cumpre, aliás, a todo o brasileiro, notadamente aos educadores, não deixar que cáia no olvido o nome e a obra de Santos Dumont, patricio nosso que recebeu da França uma consagração com o monumento em sua honra levantado em Saint Cloud e que contribuiu decisivamente para a viabilidade da navegação aerea — indiscutivelmente uma das conquistas mais arrojadas da sciencia moderna.

O seu nome deveria ser mesmo constantemente repetido pelos mestres aos alumnos, porque, alem do que elle representa como expressão da nossa cultura scientifica, póde ser apontado como um symbolo de tenacidade.

Com effeito, a descoberta de Santos Dumont, como se póde constatar, é uma brilhante victoria da persistencia.

Santos Dumont é mineiro. Sobre o logar do seu nascimento ha ram varias duvidas. O que parece entretanto certo é que nasceu em João Ayres, nas visinhanças da Mantiqueira. Nasceu no dia 20 de julho de 1873.

Dizem que desde criança mostrára predilecção pelos sports e que cedo lhe sobrevivera a idéa da conquista do ar. O certo é que, tendo feito estudos especiaes, depois de ter cursado as escolas de S. Paulo, partiu para Paris, no intuito de mandar construir um balão, munido de um motor e de um propulsor.

Installado naquella capital, mandou construir o seu primeiro balão, que se chamou *Brasil*. Este subiu ao ar no dia 4 de julho de 1898, no jardim da Acclimação, em Paris.

Com o seu segundo balão denominado «*A Musica*», tomou parte num concurso de balões aberto pelo Aero Club para o estudo de correntes atmosphericas e ao qual concorreram doze balões. O seu foi o vencedor, pois subiu mais alto e manobrou durante vinte e tres horas.

Chegou por essa occasião á certeza de que os balões de fórma espherica não podiam convir á aerostação moderna: fez construir outro muito differente — um cylindro formado por dois cones de 25 metros de extensão, o qual se assemelhava a um charuto. Recebeu este o nome de *Santos Dumont n. 1* e subiu em 18 de setembro de 1898, rasgando-se no momento da partida por causa de uma falsa manobra dos individuos que sustentavam as cordas.

Concertada a machina, deu-se nova ascenção, no meio de centenares de pessoas que o applaudiram delirantemente.

Em 1899, appareceu *Santos Dumont* n. 2 mais resistente que os anteriores. Neste conseguiu realisar, em Nice, differentes ascensões com exito, excepto a ultima, prejudicada por um tufão, que atirou a machina para cima de umas arvores, despedaçando-a.

Fez, então, construir successivamente o *Santos Dumont* n. 3, o n. 4, o n. 5, e o n. 6, tendo com os tres ultimos tentado conquistar o premio de cem mil francos, estabelecido por H. Deutsch, para o balão que, partindo do parque do Aero Club, em Saint-Cloud, fizesse a volta da Torre Eiffel, regressando por linha previamente traçada no prazo maximo de 30 minutos. Em todas as suas provas, deixou de receber o premio por questões de pequena monta apontadas pela commissão julgadora. Na ultima vez que concorreu ao premio, e foi com o n. 6, a opinião de toda a gente foi que o premio estava ganho por elle, apesar de assim

não entender o jury, o que determinou apaixonadas discussões na imprensa parisiense.

Consultado Deutsch, foi elle de parecer que o premio devia ser adjudicado a Santos Dumont.

Nosso patricio, num gesto muito nobre, distribuiu os cem mil francos pelos pobres e pelos seus operarios.

Estas victorias de Santos Dumont accenderam, então, o patriotismo dos brasileiros. O seu nome andava de bocca em bocca. O governo da Republica votou o premio de cem contos destinado a galardoar o esforço e a tenacidade de Santos Dumont.

Monumento a Santos Dumont

Em razão de ter ficado o n. 6 completamente damnificado numas experiencias em Monte Carlo, tratou de construir o *Santos Dumont, n. 7.*

Logo depois resolveu demonstrar a possibilidade de realizar o vôo pairado e com apparelho mais pesado que o ar e construiu diversos aeroplanos, fazendo as suas ultimas experiencias com o de n. 14 *bis*, o que lhe fez ganhar, em 23 de outubro de 1906, a taça «Archdeacon» (premio de 3 mil francos).

Nas suas experiencias em Paris, referidas no inicio destas linhas, a sua vida correu serio risco. Na de 8 de agosto de 1907, o *Santos Dumont, n. 5*, em razão de um escapamento de gaz, foi de encontro a umas pedras, ficando rasgado e deixando Santos Dumont suspenso á rêde que sustinha a barquinha, num quarto andar do *boulevard* Delessert, de onde os bombeiros o foram tirar.

Aula de hygiene

ALUMNO—Desejava saber para que servem estas desagradaveis capsulas que o medico escolar nos faz tomar.

Professor—E' para matar os vermes que, quasi todos, trazemos nos intestinos;

A—Mas é necessario que os combatamos?

P—Sim, elles são altamente nocivos á nossa saude.

A—Que mal nos fazem?

P—Numerosissimos. Os portadores de vermes tornam-se pallidos, perdem o appetite, emmagrecem, têm o rosto coberto de «paunes» e podem mesmo ter a saude completamente prejudicada.

A—Não sabia que eram capazes de causar isso tudo!

P—Mas não é só isso. Causam ainda dores de barriga violentas, tonteiras, e, o que é muito mais grave, convulsões e mesmo a morte.

A—Que coisa horrivel! São communs estes vermes?

P—Communissimos.

A—Quem sabe sou tambem portador de vermes nos intestinos?

P—E' bem possivel. E é por isso que o medico lhes traz o necessario remedio contido naquellas capsulas.

A—Pois vou tomal-o.

A—Tambem eu.

P—Fazem muito bem, pois, os vermes perturbam até os nossos estudos, produzindo-nos somnolencias e concorrendo para o nosso enfraquecimento.

A—Que malvados! De que tamanho elles são?

P—Existem de varios tamanhos; desde pequeninos, quasi invisiveis, até grandes, com varios metros de comprimento!

ESTE NÃO TEM VERMI OSES.

A—Mas delles não tenho mais medo, porque vou tomar quanto antes o remedio que os expulsa.

P—Mas isto só não basta. E' indispensavel que se evite apanhal-os de novo.

A—De que modo?

P—Primeiramente não andando nunca descalço porque é principalmente pela pelle, em contacto com a terra, que elles penetram em nosso organismo.

A—Podem tambem penetrar pelas mãos?

P—Sem duvida. Mais uma razão para tel-as sempre limpas. Em segundo logar, é preciso que se beba sempre agua bem limpa, e de proveniencia garantida, pois a agua pode conter larvas e ovos de varios vermes.

A—A agua filtrada é garantida?

P—Sim. Pode ser bebida sem nenhum receio. Tambem os legumes, quando são comidos crús devem ser antes bem lavados, com agua limpa, para que não transportem larvas e ovos de vermes para o nosso corpo.

A—Porque diz larva de verme?

P—Porque a larva é um verme que ainda não se desenvolveu, tal como geralmente nos infesta, só se desenvolvendo quando chega em nosso corpo.

A—Existem ainda outros meios de se adquirir a verminose?

P—Sim. A carne crua ou mal cozida, de porco ou de vacca, pode conter larvas de certos vermes. Dahi a necessidade de um exame previo na carne a ser usada.

A—Muito nos convem estas coisas, pois, do contrario, de nada valetomarmos o remedio, porque, como o Senhor bem diz, o mal voltará de novo si não soubermos evital-o.

P—Certissimo. Um outro perigo é a intimidade que algumas pessoas tomam com os animaes domesticos, especialmente cães; muitas vezes uma infecta-

...MAS AQUI ESTÁ UMA VICTIMA DELLAS!

ção de verminose pode resultar de taes imprudencias.

A—Com a rigorosa observancia de todos estes preceitos esperamos viver agora tranquillos com relação aos perigos dos vermes

P—Mas cumpre saberem que uma só dose do remedio vermifugo não basta; quasi sempre precisamos tomor duas ou mais doses, com 15 dias de intervallo, de accordo com o nosso medico.

L. M.

Os livros para as nossas crianças

A organização da Bibliotheca Escolar é problema não só difficil, mas de grande responsabilidade. Os mais cultos paizes do Velho Mundo ainda não disseram a ultima palavra sobre o assumpto, e aquelles, que se têm dedicado mais carinhosamente á educação das crianças, discutem ainda pontos essenciaes de pedagogia e de psychologia da infancia.

Não é muito, pois, affirmar que a solução de tal problema cresce de vulto em nosso paiz, onde os assumptos didacticos e pedagogicos começaram de pouco a entrar nas cogitações dos programmas administrativos, com o interesse indispensavel á importancia que taes assumptos merecem, como essenciaes que são ao futuro da nacionalidade.

E, embora se reconheça que muito se tem feito em pouco tempo, não ha como negar que, até então, á luz do criterio educativo, mereciam menos carinho que um *lálá da pomerania*.

O Estado de Minas, felizmente, não se deixou ficar na retaguarda na campanha iniciada em beneficio da educação da infancia e tem dado espantoso desenvolvimento aos problemas dessa natureza, os quaes têm merecido os mais desvelados e criteriosos cuidados dos seus administradores.

JUIZ DE FORA — «SAIA BALÃO» — CORO INFANTIL.

Quanto á literatura dedicada á infancia, entretanto, não está na alçada dos governos creal-a, mas apenas estimulal-a, no sentido de fomentar e encontrar material sufficiente para a organização de bibliothecas escolares, nas quaes, não só as crianças mas tambem as mães e professoras encontrem livros essencialmente bons e adequados.

Qual a leitura mais recommendavel á criança? Complicada e pouco conhecida, como é, a psychologia desta, bem se vê a difficuldade da escolha de um livro.

Em primeiro logar, pensamos como Manoel Bomfim, que «livro de leitura, o mais importante da bibliotheca escolar, deve ser nimiamente educativo, porque é o primeiro que se offerece a criança para o fim de commovel-a e de inspiral-a, devendo ser uma desenvolvida lição de moral concreta».

Mas a criança gosta tambem do maravilhoso, do sobrenatural, das aventuras; ella é curiosa, tem sempre uma enfiada de «porquês» — a proposito dos phenomenos naturaes e de objectos que a cercam no meio em que vive.

Ed. Claparede affirma na sua «Psychologie de l'Enfant»:

«O problema educativo é ainda extremamente obscuro, o que provém, de uma parte, da difficuldade inherente ao estudo dos sentimentos, do caracter, da vontade e de tudo quanto constitue o dominio da moralidade; e, de outra parte, da grande divergencia das concepções philosophicas professadas pelos educadores.

Esta divergencia torna difficil uma classificação objectiva dos problemas educativos».

E, accrescenta:

«Sómente as experiencias emanadas dos ensaios de educação moral e a observação psychologica dos phenomenos moraes poderão, talvez, trazer alguma luz á solução».

E de notar ainda que o auctor de um livro para crianças deve collocar-se, elle proprio, na situação de criança, para ser comprehendido e sentido pelos jovens leitores: donde resulta que a simplicidade é qualidade indispensavel a livros dessa natureza.

Registre-se, ainda, que a preferencia do assumpto varia com a edade e com o sexo. Sobre este particular, cabe aqui citar a seguinte nota de Vostrovsky a que se refere Claparéde: no inquerito a que aquelle pedagogo procedeu sobre leituras preferidas, verificou o seguinte: 76 % de rapazes, sobre 24 % de meninas mostravam predilecção por aventuras; pelo contrario, os livros nos quaes os meninos figuravam como heroes, não eram apreciados sinão por 12 % de meninos ao passo que o eram por 52 % de meninas.

E, na phrase de Brittain, os interesses dos meninos têm um caracter principalmente dynamico, e o das meninas um caracter antes estatico.

O livro deve, principalmente, interessar o joven leitor, qualquer que seja o seu assumpto; e, além de

qualidades de citadas, deve ter cunho especial de carinho, pois que a criança é extremamente sensível a carícias.

Tem egualmente grande relevância a feitura material do livro: é preciso, que se crie, ou se desenvolva na criança, o sentimento esthetico.

A' luz deste criterio geral, a *Revista do Ensino* procurará indicar aos professores e às mães, alguns livros, á proporção que os for conhecendo, com os quaes se possa, dentro de limites positivos, organizar bibliotheca escolares nos nossos estabelecimentos de instrucção primaria.

CREANÇA, MEU AMOR — (Cecília Meirelles. 93 paginas, com illustrações de Correia Dias. Edição do «Annuario do Brasil». Rio de Janeiro).

E' este um bello livrinho, que parece de velludo, a começar pelo titulo. Lembra mãos avelludadas acariciando cabecinhas trefeg s de creanças curiosas, cujos olhinhos vivos e intelligentes fitam agradecidos os labios encantadores, que lhes dizem tão bonitas cousas attrahentes e deliciosas...

Creança, meu amor! E os labios vão recitando pequeninos poemas em prosa, a proposito de pequeninas cousas, talvez indifferentes para adultos, mas que constituem o mundo encantado das creanças: *Bonecas, Nuvem, Natal, Viagem, O Bom Menino, Esmola de Creança...*

Cada trecho encerra um bom ensinamento envolto num bom sorriso carinhoso.

Cada trecho é um petala com perfume especial, e o conjuncto, uma radiosa flôr, flôr de ternura, talvez, cuja suave fragancia não embriaga, não entontece, mas adhere á alma com indelevel e suave recordação.

Lembra-se a gente, ao lel-o, daquelles adoraveis poemetos da «Lua Crescente» de Rabiadranath Tagore.

Creança, meu amor é um desses livrinhos que se lêem em meia hora, como quem a pira uma flôr.

Elle não merece um logar de relevo apenas nas Bibliothecas infantis — mas tambem no coração das Mães e das Professoras — para inspirar-lhes bonitas cousas a serem repetidas com simplicidade carinhosa aos filhos e aos alumnos.

A FADA HYGIA — (Renato Kehl. Primeiro livro de Hygiene. 172 paginas, com illustrações. Edição da Livraria Francisco Alves. Rio de Janeiro.)

Eis ahi um livro já julgado e approvado por hygienistas de nome, e que acreditamos indispensavel nos estabelecimentos de instrucção primaria, pois, que muito pode auxiliar, de modo efficiente, os professores.

Como se sabe, até ha pouco a hygiene figurava apenas como enfeite nos programmas de instrucção primaria.

Meia duzia de phrases sobre o banho, o vestuario, o asseio, o pente e a escova de dentes; uma *revista* aos sabbados — era tudo quanto se exigia no assumpto, cuja importancia é reconhecidamente inconteste. Tanto é isso verdade que o actual Governo criou o Corpo de enfermeiras, cujos beneficos resultados breve hão de apparecer.

A Fada Hygia, em linguagem clara e de encantadora simplicidade, encerra instructivo repositorio de conselhos e noções sobre os agentes e modos de propagação das principaes doenças contagiosas, sobre o ar, a agua, o alimento, os vicios, mosquitos, exercicios physicos, etc., tudo quanto se resume no aphorismo de Leibnitz, com o qual o auctor abre o livro, contando aos joven leitores «A Historia da Fada Hygia»:

Duas cousas devem servir de fito ás nossas preoccupações: a virtude e a saúde.

O auctor, que, naturalmente, conhece bem a psychologia infantil, nas palavras dirigidas em prefacio, ás Mães e Professores, assignala com justeza: «Tornar as creanças obedientes a esses preceitos (de Hygiene) como aos de civilidade, é mais facil do que geralmente se suppõe.

E' engano julgar que o estado mental dellas, a contar de 5 a 8 annos, ou de menos edade, se acha insufficientemente desenvolvido para auferir rudimentos de hygiene. Exactamente nessa edade é que se installam, que se plasmam no entendimento infantil os sãos ensinamentos, encaminhando-as para a pratica das boas normas, das quaes nunca mais se deshabituarão. Tudo depende do modo de ensinar e de convencer.

Encerra o livro copiosas gravuras, todas ellas elucidativas sobre os diversos capitulos.

E', pois, como dissemos acima, excellente auxiliar para os professores e para as mães.

A ARVORE — (Julia Lopes de Almeida e Affonso Lopes de Almeida — 179 paginas, com illustrações. Edição da Livraria Francisco Alve).

E' um livro muito interessante este, digno, sem duvida, de figurar nas bibliothecas escolares.

Escripto em linguagem corrente, apresenta trechos em prosa, em versos, proverbios, scenas dialogagadas, tudo referente á arvore.

Nos capitulos deste livro as crianças adquirirão conhecimentos muito uteis sobre as nossas riquezas vegetaes, pois elles descrevem as principaes especies das nossas arvores, tratando das utilidades destas, taes como as palmeiras, o pau Brasil, o mamoeiro, a amendoeira, todos os especimens, emfim, que constituem a nossa opulenta flora florestal. Ha capitulos interessantes sobre arvores historicas, poetizadas pela lenda, taes como: a Arvore das Lagrimas, o Loureiro de Virgilio, o Chorão de Musset, o Carvalho de Tasso, a Arvore do Urso, a Figueira dos Pagodes, e a lenda encantadora de Filemon e Baucis transformados, um em carvalho, outro em tilia.

São todos capitulos que interessam e instruem, despertando a curiosidade infantil.

LENDAS DOS NOSSOS INDIOS. — (G. Brandenburger — 149 paginas. Bella edição da Livraria Francisco Alves).

E' uma collectanea de lendas colhidas pelo general Couto de Magalhães, João Barbosa Rodrigues, Sylvio Romero, general Candido Rondon e João Capistrano de Abreu.

Abre o livro um ligeiro estudo sobre o descobrimento do Brasil e sobre os nossos indios e o auctor declara: «Para que a nossa mocidade chegue a conhecer e comprehender um pouco a raça que é mais legitimamente brasileira do que todas as outras componentes da nossa nacionalidade, compuz este livrinho».

Nessas poucas palavras percebe-se o valor desse trabalho, todo elle escripto em linguagem accessivel ás

crianças, as quaes se deliciarão com as lendas interessantes nelle contidas.

O elogio do livro é feito em prefacio de Afranio Peixoto, do qual citamos e te trecho: «Numa bibliotheca de literatura «nacional» deve ser este o primeiro volume, como que os «textos archaicos» de nosso patrimonio literario: si não a letra, ahi estará o primitivo espirito brasileiro, a alma rude e rudimentar dos nossos aborigenes; onde os seus conterraneos de hoje talvez se possam rever, e sem elle não comprehenderão muita cousa que anda por ahi: será lição de humildade, ás vezes de jubilo, sempre de sinceridade».

E diverte, sendo util: não precisa de mais».

AS CRIANÇAS E OS ANIMAES. — (Suzana Cornaz—235 paginas, com boas illustrações) E' um livro que expõe com clareza, e de modo attrahente, noções de historia natural, em pequenos capitulos, que despertam a curiosidade infantil. Ensina divertindo, em narrativas interessantes e de facil comprehensão, pela despretenciosa fórma com que são feitas.

Pode ser util tambem ás professoras, como modelo para a fórma de suas lições.

O escotismo e os escoteiros

Organização e fins. — Deveres e vantagens. — Como se formam agremiações de escoteiros. — Uma bella obra social e civica.

Quem fundou e primeiro praticou o escotismo foi o velho general inglez Baden Powell. Em 1899, na guerra do Transwal, Baden Powell desempenhou papel efficiente na defesa da cidade de Mafeking, onde os seus pequenos escoteiros, no acceso da lucta, assumiram os pontos de guarda, para que os homens a esse fim destinados auxiliassem a defesa da cidade.

O ESCOTEIRO É GENEROSO E CORTEZ...

Indo depois a Londres, Baden Powell encontrou fria a mocidade da sua terra, com uma physionomia indolente e fraca, o sentimento egoista e o espirito futil, em franco antagonismo com a brilhante e gloriosa phalange que organizára em Mafeking.

O valente militar concebeu, então, o plano de reacção, attribuindo aquella decadencia á vida artificial dos grandes centros, ao conforto macio, ao desregramento das grandes metropoles.

Chamou a uma vida opposta os jovens da cidade, applicou-lhes o bello programma dos coloniaes de Mafeking, fez, emfim, a escola do escotismo, reformando o caracter e a saude da rapaziada.

Já em 1908, os escoteiros inglezes *cow-boys* formavam e acampavam sob o seu commando e sob a sua inspiração. A escola ficou definitivamente creada. Penetrou outras fronteiras e hoje todo paiz que se préza de civilisado conta com a sua tropa de escoteiros, unidos pelas mesmas leis e regras, obedecendo aos mesmos impulsos,—quasi uma grande columna universal corajosa e forte.

Os escoteiros actuaes são como que os successores dos antigos «cavalleiros andantes», homens bravos e alegres, de armadura e lança, que trocavam a existencia ociosa dos castellos pela vida forte dos campos. Como aquelles, os escoteiros de hoje tambem têm regras e leis, prestam compromissos e recebem do chefe o bastão e o chapéo, tal como o cavalleiro recebia a armadura d'aço e a lança de prata.

COMPROMISSO

E' este o compromisso do escoteiro, feito em frente á bandeira da patria:—«Prometto pela minha honra, proceder em todas as circumstancias como homem conciente de seus deveres, leal e generoso; amar a Deus e á minha Patria, servindo fielmente na paz e na guerra; obedecer ao codigo dos Escoteiros».

O «CODIGO» dos escoteiros é este:

I—A palavra de um escoteiro é sagrada, elle colloca a honra acima de tudo, mesmo da propria vida.

II—O escoteiro sabe obedecer. Comprehende que a disciplina é uma necessidade de interesse geral.

III—O escoteiro é um homem de iniciativa.

IV—O escoteiro acceita, em todas as circumstancias, a responsabilidade de seus actos.

V—O escoteiro é leal e cortez para com todos.

VI—O escoteiro considera todos os outros escoteiros como seus irmãos, sem distincção de classes sociaes.

VII—O escoteiro é generoso e valente, sempre prompto a auxiliar os fracos, mesmo com perigo da propria vida.

VIII—O escoteiro pratica cada dia uma boa acção, por mais modesta que seja.

IX—O escoteiro estima os animaes e se oppõe a toda crueldade contra elles.

X—O escoteiro é sempre jovial e enthusiasta e procura o bom lado de todas as cousas.

XI—O escoteiro é economico e respeitador do bem alheio.

XII—O escoteiro tem a constante preoccupação de sua dignidade e respeito de si mesmo.»

A divisa do escoteiro é: «SEMPRE ALERTA». Os tres dedos na continencia representam os tres artigos da Lei dos Escoteiros.

O ESCOTEIRO ESTIMA OS ANIMAES...

QUERES SER ESCOTEIRO?

Queres ser escoteiro? Queres gosar as delicias do campo? Chama o teu companheiro da esquina, o outro da rua proxima e mais outro e formareis assim a patrulha de 4 a 8.

Dentre todos escolhei um para chefe. Feito isto dirigi-vos ao campo, afim de correr, saltar, respirar o ar puro e assim formareis o espirito de energia; ahi conhecereis a natureza nas suas bellas formas, conhecereis a vida dos animaes, as nossas arvores, nossas aves, nossas terras, nossos mineraes e assim vivereis um pouco com a natureza, evitando o ar viciado da cidade, deixando o fumo, o alcool, a obscenidade e as palestras futeis.

Faze tua gymnastica no campo, enche teus pulmões de oxygenio puro. Vae viver!... Não estás uniformizado? Não importa! leva tua roupa larga e um bastão, reune-te aos teus companheiros, e segue.

Com quatro companheiros formas uma patrulha que será commandada por um delles que se chamará monitor. Dá a tua patrulha o nome de um dos nossos animaes. Nomeia um sub-monitor para os teus impedimentos.

Trata teus commandados com delicadeza e carinho; ensina-lhes a serem bons para com o proximo, a auxiliarem os velhos e crianças e alguns jogos gymnasticos divertidos. Faze com que elles estejam sempre risonhos e respeitadores. Estuda com elles as pegadas pelas estradas.

O ESCOTEIRO ESTÁ SEMPRE ALERTA...

Procura instruil-os na previsão do tempo, a se orientarem pela bussola, pelo sol, pela lua, pelas estrellas; ensina-lhes a conhecer as horas pelo sol. Vae para o campo, faz a tua choça, aprende a fazer a tua comida, procura conhecer os fructos sylvestres da tua terra, aprende a fazer nó, para construir tuas tendas e concertar alguma ponte; aprende a fazer tua cama de folhas e armar a tua barraca e assim, moço, serás feliz, forte, alegre, honesto, sciente de teus deveres e, quando homem, serás o escoteiro da Patria, o defensor da tua amada bandeira.

COMO SE ORGANIZA UMA ASSOCIAÇÃO DE ESCOTEIROS EM QUALQUER LOCALIDADE

Um homem de alma sadia e cheio de enthusiasmo poderá reunir os meninos da localidade que

tenham de 10 a 17 annos e com elles fundar a associação dos escoteiros do logar a que pertencem.

Ahi elegerão um presidente, um conselho superior, um instructor, e a tropa. Ao presidente compete:—Orientar a tropa, intensificar o movimento e defendel-a em todo sentido. O Conselho Superior é o orgam representativo e que servirá de communicação da tropa local com as demais vizinhas.

Terá, além disto, a incumbencia de presidir aos concursos organizados entre os grupos, bem como conceder transferencia de socio de um grupo para outro.

Ao instructor compete:—A direcção, instrucção e disciplina da tropa. Deverá o instructor ter mais de 19 annos, ser bom, honesto, jovial, amigo de seus commandados e que seja interessado nos trabalhos de educação.

E' o instructor no meio dos escoteiros como que um irmão mais velho a guiar os pequenos com energia e carinho. Deve ser um homem capaz de se envolver e se interessar nas brincadeiras e jogos, com alma de criança.

O seu papel importante é estudar a criança, descobrindo as bôas qualidades, desenvolvendo-as, e abafando as más. A tropa deve ter uma séde, onde se reunirão os escoteiros para suas palestras uteis e estudos.

Segundo suas aptidões os escoteiros serão:—Escoteiros noviços; escoteiros de 2.ª classe; escoteiros de 1.ª classe; escoteiros conductores; escoteiros graduados e escoteiros da Patria.

O Estado de Minas Geraes

Palestra entre alumnos do 2.º anno

AUREA QUEIROGA

Regina—Hoje, em animada palestra, vamos recordar tudo quanto temos aprendido a respeito do Estado de Minas Geraes.

Clery—Ruth fará o esboço, por ser ella quem o faz mais perfeito.

Ruth Amaral—Cada um por sua vez falará o que mais souber.

Alarico—Por onde começaremos?

Julio—Citando os nomes dos Estados que são nossos vizinhos.

Stella—Delles nunca me esqueço.—Bahia ao norte, Espirito Santo a leste, Rio de Janeiro e S. Paulo ao Sul e Matto Grosso e Goyaz a oeste.

Ruth—Continuando o nosso estudo citaremos as estradas de ferro que nos levam a esses Estados.

Eurico — Podemos tambem citar as cidades mineiras por onde passam as estradas.

Berenice—Começaremos fazendo uma viagem simulada pela estrada de ferro Central do Brasil.

Albino—Ella põe em communicação Minas, S. Paulo e Rio de Janeiro.

Angelica—A Central do Brasil entra em Minas na estação de Serraria e vae até Pirapora.

Regina—Ella passa pelas cidade de Juiz de Fóra, Palmyra, Sitio, Barbacena e Queluz.

Odette—Em Barbacena, Sitio e Queluz fabricam-se excellentes queijos.

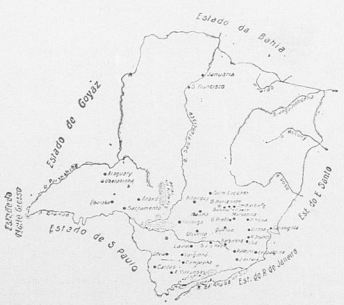
Esther—Essa estrada tem ainda outros ramaes que servem ás cidades de Ouro Preto, Marianna, Caeté, Sabará, Santa Barbara, etc.

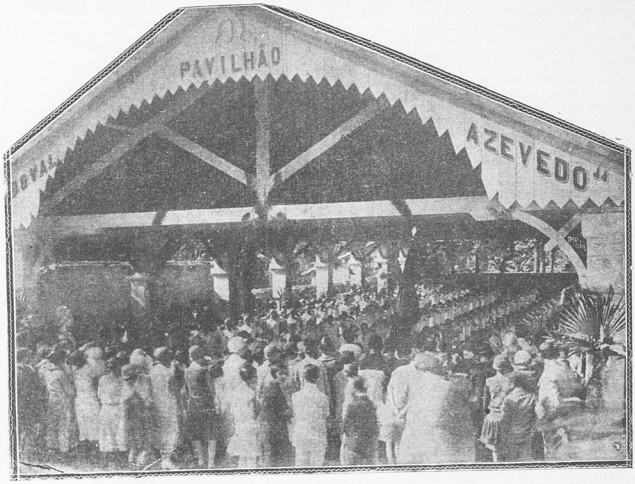
José—Em Ouro Preto, ha uma qualidade de chá igual ao da India.

Ivo - Até 1897 a capital de Minas foi Ouro Preto.

Annita—Que antigamente se chamava Villa Rica.

Edna—O 1.º explorador que chegou até Sabará foi Borba Gato.





ASPECTO DO PAVILHÃO «SANDOVAL AZEVEDO» DURANTE A BELLA FESTA DE 14 DE JULHO, ORGANIZADA PELA SENHORITA MARIA DA GLORIA CARVALHO, PROFESSORA DE GYMNASTICA DO GRUPO ESCOLAR «DELFIM MOREIRA», DE JUIZ DE FORA.

Roberto—Elle veio de S. Paulo para descobrir em Minas, minas de pedras preciosas.

Sylvio—Borba Gato era genro de Fernão Dias Paes Leme, o celebre «Caçador de Esmeraldas».

Clery—Quero ir a S. Paulo, mas não sei que estrada devo tomar.

Helio—Aqui vôce deve tomar a Central e ir até Barra do Pirahy; alli chegando deve baldear para o ramal paulista.

Diva—Em Barra do Pirahy o movimento de chegada e sahida de trens é extraordinario.

Marita—A estrada de ferro Oeste de Minas começa em Sitio. Dahi a estrada vae-se ramificando e põe em communicação diversas cidades desta zona.

Manoel—Conheço as seguintes: Lavras, Oliveira, Itapecerica, S. João d'El-Rei, Divinopolis, Pará, Itaúna, Capella Nova, Contagem, etc.

Sylvio—O ramal que chega até Bello Horizonte parte de Divinopolis.

Esther—Não falaram ainda da Leopoldina Railway. Ella serve ás cidades da zona da Matta.

Odette—Passa por Mar de Hespanha, Leopoldina, Ubá, Rio Branco, Ponte Nova, Carangola. etc

Meselinda—O seu ponto inicial é em Entre Rios.

Rubens—A Rêde Sul Mineira parte da Estação de Cruzeiro.

Dagmar—Passa Quatro, Tres Corações, Varginha, Campanha, Aguas Virtuosas são servidas por essa estrada.

Astréa—A Mogyana nos leva ao Triangulo Mineiro. Lá estão Uberaba, Fructal, Araxá, Uberabinha e Araguary.

Branca—Em Formiga começa a Estrada de Goyaz.

Geraldo—E para chegar até Formiga?

Sylvio—Toma-se a Oeste de Minas.

Esther—Ainda ha as estradas de ferro Victoria-Minas e Bahia-Minas, ligando o nosso Estado a Espirito Santo e Bahia,

Nelly—Minas é um Estado muito rico em animaes, vegetaes e mineraes.

Esther—As principaes producções vegetaes do Estado são o café e o fumo muito encontrado na zona da Matta e no Sul de Minas.

José—No Triangulo Mineiro, no Centro e no Sul de Minas cultivam arroz, feijão e milho.

J. Claudio—O algodão é cultivado em alta escala no Norte e Centro de Minas.

Roberto—Os bons vinhos nos vêm principalmente de Caldas, Campanha, Marianna, Ouro Fino e Barbacena.

Eurico—Esqueceram-se das fructas? Aprecio muito a manga, a laranja, o abacaxi, a banana e as jaboticabas dos pomares mineiros.

Nelly—O Eurico sabe ser guloso...

Ruth—As zonas de maior producção animal são a Oeste, o Triangulo e a Mantiqueira.

Marita—E' na Mantiqueira que nasce o rio Grande. Depois que este rio recebe o Paranahyba corre com o nome de Paraná. O rio das Mortes, o Ayuruoca e o Sapucahy são tambem seus affluentes.

Regina—Continuemos a nossa palestra. No norte dedicam-se tambem á criação de animaes, mas o gado é muito bravo.

Albino—Porque?

Edna—Porque vive solto nos campos.

Ruth—Quando falarem do reino mineral não se esqueçam de Villa Nova de Lima, pois la está a mina de Morro Velho.

Eduardo—Encontra-se tambem o ouro em S. João d'El-Rei, Marianna e Ouro Preto.

Sylvio—Esta cidade é muito celebre; foi lá que se deu a Conspiração Mineira, chefiada por Tiradentes.

Eurico—Vôce já viu, Sylvio, uma bonita estatua que ha lá em Ouro Preto?

Sylvio—Já vi esta estatua e ainda sei mais; ella foi levantada no logar onde esteve o poste com a cabeça de Tiradentes.

Marita—S. João d'El-Rei faz-me lembrar Alvarenga Peixoto e Barbara Heliodora, dois heróes da Inconfidencia.

Dagmar—Em Caldas, Caxambú, Aguas Virtuosas, Cambuquira e Araxá ha grandes fontes de aguas mineraes.

Stella—Para que servem estas fontes?

Berenice—São medicinaes.

Edna—A industria em Minas tem progredido muito.

Branca—Ha muitas fabricas de tecidos, calçados, ferro, papel, vinho, doces, etc.

Stella—Em Bello Horizonte, Juiz de Fóra, Formiga e Itajubá ha boas fabricas de banha.

Albino—Pouco falaram dos rios e das montanhas de Minas.

Julio—O rio Paranahyba nasce na serra da Matta da Corda.

Esther—Ainda ha outros rios: o Pardo, o Jequitinhonha, o Doce, o Mucury, o Parahyba do Sul, e o Parahybuna, seu affluente.

Delza—A serra da Canastra já está muito estudada.

Edna—Nella está a nascente do rio S. Francisco.

Astréa—O Itatiaya e o pico da Bandeira são os montes mais altos do Brasil.

Lauro—O pico do Itacolomy está em Ouro Preto.

Berenice—Do alto da Serra da Piedade avistam-se diversos logares: Bello Horizonte, Sabará, Caeté, Santa Luzia e Lagôa Santa.

Eurico—Bem no alto da serra da Piedade ha uma capellinha muito antiga.

Astréa—Conhecem a lenda da «Muda da Penha»?

Todos os alumnos—Não.

Esther—Fala, Astréa, queremos conhecel-a.

Astréa—Escutem, então: (recitando).

Lenda suave, tecida pelo sonho
evoca a rude e pequena ermida
a capellinha branca inda hoje erguida
no teu agreste picaro risonho.

Na mente, a historia, ao ver-te recomponho:
casal feliz passava alli a vida;
nasce uma filha, mas emmudecida...
Que de maguas, então, no lar tristonho!

«Piedade!» os paes invocam a Maria.
Visão celeste á filha muda, um dia,
concede a voz. Ergue-se, em breve, o templo...

Cumpre-se o voto. E a rustica ermidinha
la está. E' aquella mesma que, á tardinha,
alvejando, ao crepusculo, contemplo.

Astréa—Conhece este soneto, Esther? E' a «Serra da Piedade» de Mario de Lima.

Manoel—O sino de uma das torres dessa capella traz a data de 1775.

Antonio—O' um seculo e meio!

Regina—Terminámos a nossa palestra. Sempre que nos fôr possivel havemos de recordar, assim em conjuncto, os pontos já estudados.

Nos livros escolares deve haver uma collaboração intelligente entre editores e escriptores, paginadores e typographos. — Palavras da ultima mensagem do sr. presidente Mello Vianna.

O ensino por meio da pintura

O aproveitamento de quadros celebres ou mesmo de vistas communs para desenvolver o gosto artistico das crianças.

Para desenvolver a imaginação e o gosto artistico das crianças, as professoras das escolas americanas arranjam, todos os mezes, alguma reproducção de algum quadro celebre e apresentam-na em aula, mandando as crianças fazer, oralmente, uma descripção do mesmo. E' um exercicio excellente e que poderiamos tambem adoptar em nossas escolas, pois não seria difficil acharem-se em revistas e mesmo em cartões postaes, copias de quadros conhecidos que se poderiam utilisar para este fim. Damos, aqui, um exemplo de uma destas lições.

O OBJECTIVO DA PROFESSORA

1 Desenvolver o gosto pelos bons quadros.
2 Exercitar a imaginação.
3 Aproveitar as occasiões de dar prazer ás crianças.
4 Ensinar-lhes que todo quadro tem sua historia.

OBJECTIVOS DEFINIDOS

1 Achar a historia do quadro.
2 Fazer a criança contal-a e escrevel-a.

ASSUMPTO DA LIÇÃO

A professora mostra aos alumnos o quadro intitulado «Salva», de Edwin Landseer.

ESTUDO DO QUADRO

Perguntas e respostas

1 Onde estão a menina e o cão?
— A menina e o cão estão na praia.
2 A praia é igual ás outras?
— Não, as outras são arenosas, e a do quadro é cheia de pedras.
3 Que é que estão vendo mais na praia?

«SALVA»

— Vemos um cães onde as barcas atracam.

4 Que lhes parece estar fazendo esta menina?

— Parece-nos que ella estava brincando entre as pedras.

5 Que é que ella podia estar fazendo, além disso?

— Podia estar apanhando conchas.

6 A menina estava sozinha?

— Talvez estivessem outras meninas com ella.

7 Onde estão ellas agora?

— Creio que foram para casa.

8 Porque foram para casa deixando a menina sozinha?

— Ha nuvens escuras no quadro. Póde ser que tivessem tido medo da chuva.

9 Sim, talvez. Apezar disto, o bote que está na agua não parece amedrontado.

— Não, não está.

10 Que vêem mais no quadro?

— Vemos gaivotas.

11 Que é que vocês acham que aconteceu com a menina?

— Achamos que cahiu dentro dagua.

12 Como é que aconteceu isto?

— Talvez tenha sido atirada por uma onda mais forte.

13 De onde teria cahido?

— Do cáes.

14 As crianças gostam de patinar dentro da agua. Ella estava fazendo isto?

— Não, porque estava de sapatos.

15 Como estava vestida?

— Com uma roupa escura, de verão, e um chapéo grande.

16 Acham que o cão estava perto quando ella cahiu?

— Não, porque está offegante e parece muito cançado por ter salvo a criança.

17 A menina deve ter ficado na agua muito tempo, porque está completamente inanimada. Como é que o cachorro descobriu que ella tinha cahido?

— Pediu soccorro e o cão ouviu-a.

18 Como é que elle poude trazel-a para a praia?

— Elle podia tel-a segurado pela golla e arrastado para terra.

19 Ambos estão ensopados. Com certeza, acabaram de sahir da agua neste instante. Como foi que elle a collocou no chão?

— Estava muito cançado para subir mais e extendeu-se no chão, collocando a criança em cima das patas.

20 Porque é que elle não a leva para casa ou procura algum soccorro?

— Ficará guardando-a até que chegue alguem.

21 Quem vocês acham que virá?

— Sua mãe dará logo por sua ausencia e virá logo procural-a.

22 Que nome serviria para este quadro?

— Nomes suggeridos: «Salvando uma criança», «Uma bôa acção».

23 Estes nomes são bons, mas o pintor intitulou-o «Salva».

A VIDA DE EDWIN LANDSEER, AUCTOR DO QUADRO

Edwin Landseer nasceu na Inglaterra, em 1802. Morreu em 1873. Quando Edwin era pequeno, morava no campo. Quasi todos os dias, elle e mais dois irmãos iam ao campo de pastagens com o pae, cada qual escolhia o animal que preferia e sentavam-se na relva para copial-os. Quando Landseer tinha apenas cinco annos, pintou tão bem um cachorro deitado no chão, que seu pae começou a ter grandes esperanças em seu talento. Desde então dedicou-se á pintura de cães e seu quadro intitulado «Salva» é um dos melhores neste genero.

NARRAÇÃO ORAL

Fazei as crianças contar a historia em dois paragraphos, como:

a) Que aconteceu antes do quadro?

b) Que está acontecendo no quadro?

No dia seguinte, as crianças escreverão a historia que contaram oralmente.

Exemplo de duas historias contadas pelos alumnos:

«SALVA»

Num dia de verão, estavam passeando na praia uma menina com seu cão. A criança divertia-se apanhando conchas e chegou á beira do cáes que era feito de pedras e taboas. Debruçou-se tanto para apanhar uma concha bonita que desejava possuir, que perdeu o equilibrio e cahiu dentro da agua. Chamou logo o cão em seu auxilio. Este era um bello e valente *Terra Nova* e, quando ouviu o grito da menina atirou-se na agua para salval-a. Teve de luctar contra uma forte correnteza e voltou á praia offegante, mas orgulhoso, por ter salvo a vida de sua dona. Collocou a menina sobre as patas e ficou vigiando-a até que alguem viesse buscal-a.

«SALVA»

Uma criança e seu cão, um grande *Terra Nova*, passeavam na praia num dia de verão. Ella veiu correndo e approximou-se tanto da beira do cáes, que uma onda mais forte carregou-a. Ao ver a sua dona em perigo, o cão mergulhou na agua e conseguiu segural-a pela golla do vestido, arrastando-a até á praia. O valente animal chegou alli offegante, e, não podendo ir mais além, extendeu-se no chão com a menina e ficou esperando o auxilio de alguem. Com certeza, a mãe da menina ficou muito agradecida ao bom *Terra Nova*, por ter salvo a sua filhinha.

(*Adaptado da revista americana «Primary Education»*).

Pela belleza da raça

Numeros de gymnastica rythmica praticada por alumnas dos nossos grupos escolares.

QUATRO são as condições essenciaes para a belleza do corpo humano, e todas ellas influenciadas, de modo rapido e incisivo, pelos exercicios gymnasticos: o esqueleto, a musculatura, a gordura e a pelle. O primeiro, como arcabouço de todo o corpo, deve ser resistente e proporcionado; a segunda sufficientemente forte e desenvolvida para garantir a regular distribuição do paniculo adiposo, evitando accumulos em determinadas regiões, em terceiro logar, deve-

se considerar a gordura, apenas a indispensavel para quebrar relevos e reentrancias; finalmente deve a pelle ser fina, elastica, firme, sem pregas, resistente bastante para manter a forma e solidez das partes do corpo.

Esqueleto, musculatura, gordura e pelle das mulheres reclamam, para a sua melhoria e conservação: gymnastica, não gymnastica de força, mas gymnastica de movimento, de agilidade e de graça, gymnastica

callisthenica; emfim natação, dansas estheticas, jogos ao ar livre, etc.

A cultura physica da mulher tem importancia capital e essencial, não só para a regeneração physica da humanidade.

Como estheta, Renato Kehl proclama a necessidade da gymnastica entre as meninas e jovens, como recurso para alcançar o ideal da belleza, pelo equilibrio das partes e harmonia de todo o corpo humano: como eugenista, manifesta a importancia da cultura physica da mulher, como um dos factores da regeneração physica da especie.

São as mulheres fortes que fazem uma raça forte; são as mulheres bellas que garantem a belleza de uma raça forte».

Os exercícios sensoríaes

Seu objectivo. — Sua utilidade. — A educação sensorial numa escola maternal. — A liberdade que a criança deve ter.

OS exercicios sensoriaes têm por objecto a materia: metal, madeira, vidros, seda, algodão, liquidos, etc., sob aspectos diversos de fórma, de dimensões, de resistencia, de temperatura, de soncridade de peso, cor, cheiro, sabor....

Elles têm um triplice fim; primeiro, aperfeiçoar na criança a aptidão para receber sensações precisas, distinctas, differenciadas, numerosas; em segundo logar, tornam-na apta a discernir promptamente as semelhanças a estabelecer gradações, a conceber differenças menos accentuadas em cada ordem de sensação; emfim, favorecem e desenvolvem a capacidade de observação.

Outrora a educação sensorial da criança se fazia, de modo imperfeito, por meio de lições de cousas, de exercicios de observação, de attenção, etc. Assim, na época das laranjas, consagravam-se boas lições a esta fructa; a criança apreciava sua forma, cor, dimensões, seu sabor e perfume, devendo ao mesmo tempo registrar numerosas expressões novas concernentes ao assumpto.

Pouco a pouco pareceu mais proveitoso mandar praticar exercicios especiaes que contribuissem de maneira mais methodica e precisa á educação sensorial e mental dos alumnos, permittindo ao mesmo tempo que as professoras apreciassem a evolução dos sentidos e da intelligencia.

Para que os exercicios sejam verdadeiramente fructiferos, torna-se necessario que a professora tenha conhecimentos profundos acerca das necessidades da criança, conhecimentos adquiridos pela observação intelligente do alumno, e pelo aperfeiçoamento ininterrupto de sua propria cultura intellectual

Podem-se resumir as *directivas* que guiam na escolha dos exercicios sensoriaes da seguinte maneira:

1.° Os nossos sentidos não se limitam aos *cinco* vulgarmente conhecidos. As sensações, sob o ponto de vista psychologico, se decompõem em outras mais simples e cada vez mais numerosas. Entre outros, as diversas sensações do sentido do tacto, o sentido muscular, o thermico, etc.

2.° O sentido muscular é extremamente importante. Pode-se dizer que elle se acha ligado, por laços reciprocos de interpendencia, aos demais. Toda imagem é *sensitiva* — representando uma modificação dos orgãos do sentido — e *motora*, — movimento esboçado em resposta aos estimulos vindos de mundo exterior.

3.° Os exercicios sensoriaes não exercem apenas funcção physiologica; quaesquer que sejam, elles possuem tambem um lado psychologico; sentir bem é condição fundamental para bem julgar.

4.° A attenção da criança é proporcional ao interesse despertado pelo objecto.

5.° A acquisição do vocabulario se acha intimamente ligada aos exercicios sensoriaes.

E' evidente que a natureza e a quantidade do material de observação deve variar segundo o sentido que age; assim, si um exemplar collectivo é acceitavel e sufficiente quando se exercita o orgão da visão, o mesmo não acontece si se trata do tacto. E' absolutamente necessario que cada criança possa, á vontade, tocar, apalpar, manejar o objecto considerado. Um objecto que passe de mãos em mãos, além dos inconvenientes respeitantes á hygiene, só deixa na criança sensações vagas, fugitivas, não impressionando sufficientemente os centros nervosos.

Montessori, na installação de sua «Casa de Bambini», indica suggestões uteis: ella prevê, em grande numero, series de cylindros que se podem introduzir em orificios praticados em um mesmo bloco de madeira; cubos de differentes dimensões; paralellepipedos para estudo das dimensões; prismas, cylindros, cones, espheras; collecções de differentes tecidos; fios de seda e de lan, de differentes cores e dimensões; letras e algarismos moveis, objectos destinados á educação do ouvido; todo um mobiliario especial, proporcionado á altura das creanças e ao emprego dos differentes objectos.

Seria aconselhavel que todas as municipalidades destinassem uma subvenção para acquisição do material necessario a estes exercicios, de que as escolas são tão pobres.

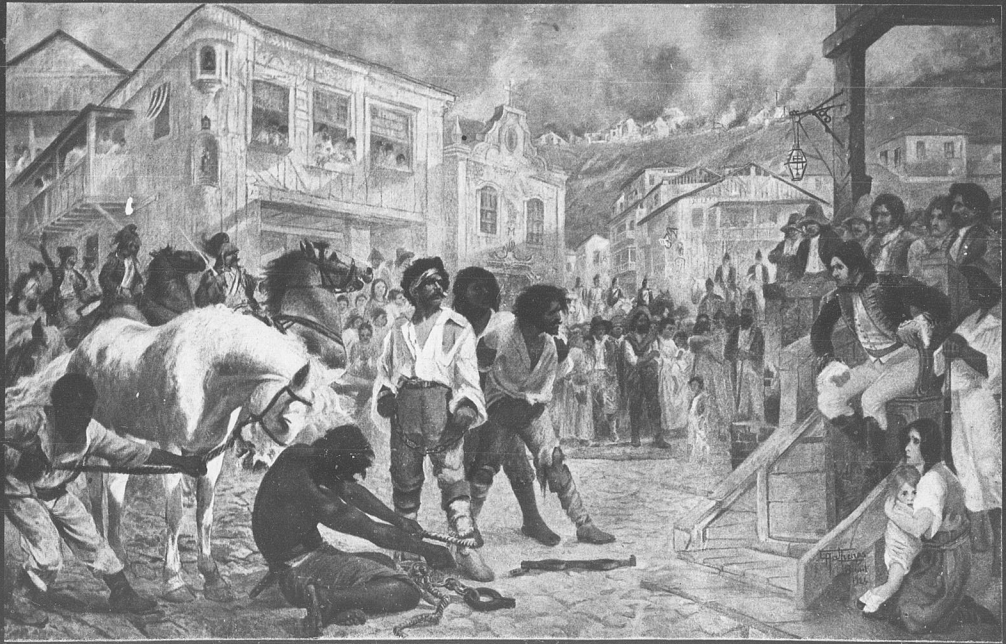
O material fabricado e recolhido deve se approximar, tanto quanto possivel, das cousas que são familiares aos alumnos. Deve-se interessal-os nos espectaculos que podem facilmente observar: maneira de viver dos animaes admittidos na escola ou de passagem, phenomenos naturaes, effeitos de luz e de sombra, variações de temperatura, orientação.

A directora da escola maternal deve possuir uma grande experiencia, para vencer os obstaculos numerosos que apresenta a direcção dos exercicios sensoriaes.

Os exercicios exigem uma certa *autoridade*. E' indispensavel obter-se o silencio e a immobilidade no começo dos exercicios, sem entretanto intimidar a criança, o que anniquilaria toda a capacidade de acquisição.

Trata-se de uma questão de disciplina pessoal, de influencia moral, de uma verdadeira suggestão mental.

Obtido o recolhimento, a professora não irá de encontro ás respostas desejadas; cumpre evitar a menor pressa. Ella deve saber conter-se, não pronunciando nenhuma palavra capaz de suggerir a resposta desejada. Paciencia, eis o grande segredo para trium-



JUIZ DE FORA — BAILADO DO ARCO-IRIS E GIOCONDA; DANÇA DAS HORAS.

pharnesse arduo mister. Não deve, outrosim, moderar as interjeições do alumno, suas reflexões admirativas; ella deve saber discernir o timido que não ousa falar, mas que, interrogado com doçura, com alegria mesmo, surprehende pela justeza e bom senso das respostas.

A boa professora maternal não pode ignorar que nem sempre as palavras são necessarias para traduzir as sensações; não deve confundir os exercicios sensoriaes com os de linguagem; aquelles preparam estes. Deve saber que a criança que nada diz pode ter sentido a impressão com justeza, faltando-lhe a linguagem adequada para a formular. Deve saber interpretar as expressões physionomicas e os gestos de seus alumnos mudos.

Effectivamente, convem orientar o alumno para que elle traduza suas sensações por palavras precisas e exactas; pois elle se acha na edade em que a memoria, fresca e docil, pode registar com facilidade os termos correspondentes ás sensações.

Deve-se conceder a maior liberdade á criança quando ella experimenta uma sensação nova. Uma vez iniciado o trabalho, a criança gosta de agir sózinha, qualquer auxiliar a importuna; ella aprende o fim, e deseja attingil-o, conduzida só, por sua intelligencia e não pela professora.

Nota importante: Todo verbalismo é inutil e prejudicial; toda pressa intempestiva pode retardar o progresso da criança.

(«*L'ecole et la vie*», *março de 1926.*)

O canto nas escolas

BRANCA DE CARVALHO VASCONCELLOS

A VOZ

Do mesmo modo que em relação ao ouvido, deve o desenvolvimento da vóz ser cuidadosamente guiado e orientado desde muito cedo.

Em geral, no lar, corrigem-se apenas os defeitos mais graves de pronuncia, e algumas vezes já tardiamente. Muitos paes, falando aos pequeninos, fingem até adoptar as falhas ou deformações verbaes, tão naturaes na linguagem infantil, achando-lhes graça, não percebendo entretanto estarem assim estimulando nas creanças modos incorrectos de falar, vicios de emissão e de articulação, que mais tarde não se poderão talvez remover.

A vóz propriamente dita, fóra da linguagem, desenvolve-se e educa-se principalmente pelo exercicio do canto, que, segundo os mais abalizados hygienistas, pode começar desde os 3 ou os 4 annos de idade.

Na escola, a condição essencial para o objectivo que se tem em vista está no empenho de se dar a essa parte importante da educação da creança um cunho de rigorosa e eficiente execução.

Quizeramos ver em nossas escolas os exercicios vocaes perfeitamente organizados, seguidos, não com indifferença, como cousa secundaria, mas como ponto importante do programma, dispensando-se-lhes a mesma intelligente e dedicada solicitude que têm merecido das professoras primarias os demais ramos do ensino publico.

Agora, especialmente, que temos em nossa Capital um Conservatorio, onde, sem duvida, muito se hão de distinguir as classes de canto, justo é que procuremos facilitar-lhe o escopo, entregando-lhe alumnos servidos de apparelhos phonadores perfeitamente educados para emprehenderem, com proveito, o estudo artistico do canto.

F. Eiras, illustre medico patricio, tratanto da hygiene na arte, fazia ha pouco uma consideração muito judiciosa e sempre opportuna nesses assumpos.

Esses moços—dizia elle—que luctam com uma organização franzina, com um larynge impressionavel, com um thorax acanhado, possuidores, entretanto, de uma vóz quente e melodiosa, sabem perfeitamente do quanto ficariam devendo áquelles que os tivessem, em creança, robustecido, e ao seu larynge innoculado a força e ao seu debil thorax infantil insuflado a vida, na torrente vastissima de uma circulação aérea e pujante de beneficios innumeraveis! Naquelle mesmo que um dia não fosse um cantor, teria a patria ao menos um filho saudavel para servil-a e um cerebro sensivel para amal-a com veneração. (*)

Ha, é verdade, quem acredite, ainda hoje, ser prejudicial a educação da vóz em tenra edade.

No numero dos que assim entendem, estão principalmente os paes que acalentam a idéa de fazer, mais tarde, de seus filhos, cantores profissionaes e que se arreceiam de ser qualquer intervenção nesse sentido nociva aos orgams de phonação, ainda em desenvolvimento nessa phase.

Taes receios, entretanto, são de todo infundados.

Desde que o educador ou o professor não perca de vista os preceitos physiologicos aconselhaveis no caso, o canto, ao contrario, constitue uma gymnastica benefica dos pulmões e de todos os musculos que contribuem para esse exercicio.

Ouçamos o que a respeito diz o notavel hygienista inglez, Morel de Mackenzie, que nunca é demais citar, porque durante meio seculo se occupou do canto e do seu estudo.

«A instrucção vocal, regular, que recebem as creanças, não estraga de modo algum a vóz. Em relação ao pretenso mal que traz ao organismo, observo que o ensino do canto na infancia demonstra os beneficios que acarreta, especialmente quando houver fraqueza pulmonar. Um exercicio bem entendido desses organs dilata a cavidade thoracica e robustece os musculos da respiração. Os proprios pulmões tornam-se mais resistentes e elasticos. Alem disso, qualquer defeito physico que altere o timbre da vóz pode ser corrigido mais facilmente na infancia do que mais tarde. Os musculos são mais flexiveis e mais doceis na primeira infancia do que posteriormente. Estou mesmo convencido de que o estudo do canto na infancia não traz mal nenhum á vóz, nem á saude, sendo, ao contrario, grandemente vantajoso para ambas. (**)

Podemos, portanto, com todo acerto sujeitar as creanças a certo gráo de educação vocal, mesmo desde os 3 ou os 4 annos de edade.

Além disso, é bem visto que o canto nas escolas primarias não entra ahi com o fim de formar artistas nem de apresentar creanças prodigio. Destina-se simplesmente a iniciar as creanças num exercicio util e benefico a todos os respeitos, exercicio praticado apenas por audição e sem requerer nenhum esforço ou trabalho exaggerado dos orgams vocaes.

Trataremos separadamente do canto no ensino *elementar*, no *primario* e no *normal*.

1.º — JARDINS DE INFANCIA E ESCOLAS MATERNAES

Si é certo que na edade de tres annos as creanças de ambos os sexos não são ainda capazes de cantar, podendo apenas imitar approximativamente sons ou fragmentos de melodias que lhes chegam aos ouvidos, é todavia nessa edade que a vóz entra no dominio musical.

(*) F. Eiras Hygiene na arte.

(**) Morel de Mackenzie—Hygiene de la voix.

Outra razão que justifica o iniciar a educação da vóz a esse tempo é a circumstancia de, precisamente, aos tres e quatro annos completos serem as creanças admittidas nos Jardins e nas Escolas Maternaes, onde, como se sabe, a musica e o canto têm relevante papel.

E nesse ponto, merece todo o nosso applauso a attenção carinhosa que dispensou o actual governo a esse lado, sem duvida dos mais importantes e delicados da educação infantil.

Até ha bem pouco, resentia-se incontestavelmente o canto infantil de algumas falhas bem accentuadas.

Pela falta principalmente de um repertorio adequado, davam-se muitas vezes ás creanças para cantar trechos de melodias ou canções de uma extensão contraindicada ou de caracter contrario a toda lei pedagogica e physiologica em relação á infancia.

Nem sempre tambem o piano de que dispunham as professoras para os exercicios estava em condições de servir de guia e de dar a entoação justa ás vózes tenras e delicadas da infancia.

Isso concorria, evidentemente, para estragar a vóz, ora forçando-a, com o ultrapassar o limite da extensão nos agudos, outras vezes cansando-a pela imposição de notas demasiado graves.

Com relação ao piano, obvio era tambem o inconveniente apontado, pois um instrumento sem rigorosa afinação ou destituido de harmonia, longe de preencher com proveito os seus fins será sempre um recurso prejudicial á educação auditiva e ao desenvolvimento do gosto musical.

Accrescente-se ainda o prejudicialissimo costume de incitar as creanças a cantarem a plenos pulmões, gritando a mais não poder, processo infelizmente tão commum não só nas nossas escolas como nas de outros Estados.

Tal orientação, é bem visto, não podia deixar de trazer consequencias desastrosas, tanto no que diz respeito á musica, senão ainda pelo lado physiologico e hygienico.

Quantas vózinhas graciosas e entoadas, que com o tempo se revelariam talvez muitissimo apreciaveis não se teriam porventura resentido de taes meios impropriosos, um vez que nessa edade as cordas vocaes, ainda muito delicadas, são susceptiveis tanto de desenvolver-se de modo vantajoso, como de estragar-se?

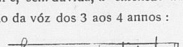
***

O canto ensinado nos Jardins, como nas Escolas Maternaes, é o canto coral, sempre em unisono, praticado por imitação, ou, como se costuma dizer, de ouvido, e limitada a sua execução a um certo numero de canções zinhas faceis e simples, de jogos e brinquedos, que antes se destinam á recreação, ao entretenimento, como a educar e desenvolver o gosto musical nas creanças.

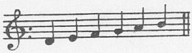
Para a boa execução desse programma, indicaremos, em resumo, com algumas modificações que a pratica e as condições especiaes do ensino entre nós aconselham, o que recommenda Gustavo Magrini, mestre italiano de competencia notoria e que, com muita sinceridade e paciencia, se tem occupado dessas questões do canto na infancia.

A condição essencial a attender na educação do canto infantil é, sem duvida, a *extensão da vóz*.

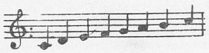
Extensão da vóz dos 3 aos 4 annos:



Dos 4 aos 5 annos:



Dos 5 aos 6 annos:



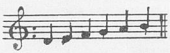
Essa é a extensão pratica individual, porque todas as notas que entram ahi podem ser emittidas com toda facilidade pela creança, sózinha.

Em um côro infantil, porém, observa-se que muitas vezes tal extensão póde ser ultrapassada de algumas notas, tanto nos agudos como nos graves; a creança, levada instinctivamente a imitar o seu vizinho na classe ou a professora, ao fim de pouco tempo, emittirá notas que, sózinha, não poderia dar.

Isso será evidentemente em prejuizo do orgam vocal.

Portanto, e como é difficil reunir em grupo creanças da mesma edade, julgamos acertado limitar a extensão e adoptar o meio termo.

Extensão de um côro de creanças de 3 a 6 annos:



De um modo geral, para determinar a extensão das vózes em um côro de creanças de edades differentes — por exemplo, dos 3 aos 5 annos, dos 4 aos 6, dos 4 aos 7 e assim por deante (sempre tres annos de differença) — tomar-se-ão como limite extremo as duas notas, uma aguda e outra grave, que puderem ser emittidas com naturalidade, ao menos pela metade das creanças que compõem o côro.

***

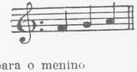
Observa-se tambem que a creança, quando entra na edade em que a voz é susceptivel de educar-se, isto é, aos tres annos, sente difficuldade em entoar uma melodia que se lhe faça ouvir.

A razão está principalmente na extensão ainda muito limitada da sua voz.

Si cantarmos a essa creança uma melodia simples, apoiada apenas sobre quatro *notas* correspondentes ao centro da extensão de sua voz, ella a repetirá com toda facilidade.

Estabelecida a extensão, deve-se cogitar de que as canções gyrem de preferencia sobre as notas seguintes:

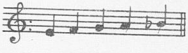
para a menina



para o menino

Esse é o centro da voz e é ahi que se poderá obter o maior volume de voz, e, mais facilmente, uma entoação segura, porque a voz falada recai precisamente sobre essas notas.

Em um côro de creanças dos 3 aos 6 annos, as notas centraes em que devem ser impostadas as cançõezinhas serão as seguintes:



Chamada assim a attenção para a extensão da voz, vejamos como proceder praticamente em uma classe de canto infantil.

a) Num conjuncto de creanças ainda não exercitadas, haverá sempre algumas que, por sua voz desentoada, pela fraca correspondencia entre o orgam vocal e o ouvido, ou mesmo por timidez, não possam cantar.

Em tal caso, cumpre seleccionar as vozes, afim de que os exercicios correspondentes se façam de maneira proficua para todos.

A selecção das vozes, o que vale dizer a divisão entre os elementos *bons* e os chamados *negativos* (ou que pareçam taes), nunca deverá ser feita logo no primeiro dia; seria desacerto e imprudencia.

Durante alguns dias, convidam-se as creanças a cantar em côro uma pequena canção, simples e facil, adaptada á sua edade, para que as de ouvido menos sensivel harmonizem a voz com as das colleguinhas e a da professora, e as mais acanhadas tambem se animem a cantar.

Depois faz-se entoar a mesma canção por um grupo de 4 ou 5 creanças de cada vez. Si o resultado por satisfactorio, si as vozes estiverem afinadas, o grupo está bem organizado, do contrario, deve-se procurar o alumno que desentôa e separai-o provisoriamente do conjuncto.

Assim se procede até que do grupo tenham sido retirados gradativamente todos os elementos negativos, os quaes, durante cerca de um mez, devem se limitar ainda a escutar os companheiros.

Passado este periodo, procede-se a nova experiencia. Os alumnos recusados — primeiro, em conjuncto, depois sózinhos no seu grupo, — ensaiam a entoação de um cantico qualquer já ensinado e aprendido pelos alumnos mais seguros na entoação.

Satisfactorio o resultado, incorporar-se-ão aquelles ao grupo já disciplinado; caso contrario, continuarão apenas ouvindo algum tempo ainda.

Essa experiencia convém ser repetida com solicitude durante alguns mezes, pois algumas creanças a principio se mostram refractarias ao canto, e, entretanto, com o tempo e o exercicio (ainda do ouvido sómente, isto é, escutando, sem cantar), chegam aos poucos a entoar satisfactoriamente.

b) Deve-se ter presente que os elementos que formam em conjuncto o senso musical são: o *ouvido*, a *voz*, o *senso tonal* e o *senso rythmico*.

Dentre estes, o mais perceptivel e o mais accessivel á creança é, de certo, o *senso rythmico*.

Salvo casos excepcionaes de arythmia, o senso rythmico, isto é, a ordem nos movimentos, é quasi instinctivo na creança. Cumpre apenas regular-o, tornal-o consciente; ao passo que a voz, o ouvido e o senso tonal reclamam exercicio e educação especial.

O rythmo deve ser, pois, a base dos demais elementos da educação musical da infancia.

Admittida essa preliminar (e tratando-se, é claro, de musicas simples e elementares) deve-se, antes de ensinar qualquer canção, fazer uma pequena paraphrase da poesia que vae ser cantada.

Procurar-se-á depois conseguir que as creanças pronunciem os versos, não com a accentuação rythmica da linguagem e, sim da melodia, dando ás syllabas o valor exacto das notas correspondentes; em summa: far-se-á recitar a poesia em *tempo de musica*.

Assim, tendo as creanças regularizado o senso rythmico, quando forem cantar a poesia aprenderão muito mais facilmente os demais elementos de que se compõe o senso musical.

Então, a professora canta algumas vezes a canção inteira e depois ensina a mesma ás creanças, cantando-a sempre juntamente com ellas.

Além da pronuncia clara, que merece a maior attenção da professora, da entoação, que deve ser observada cuidadosamente, da respiração, tomada na occasião propria e opportuna, e da attitude correcta da creança, cumpre attender particularmente á maneira de emittir as vogaes A e E, afim de que ellas saiam cheias, um pouco fechadas e não abertas, desgraciosas, como instinctivamente costumam as creanças proferil-as.

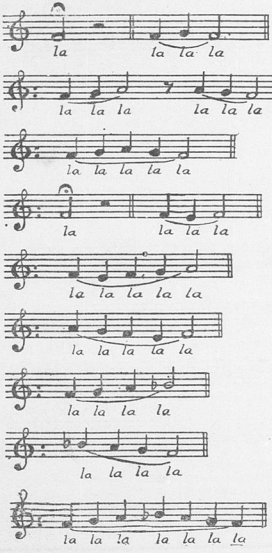
c) Na escolha das canções, que devem ser de genero *syllabico* (isto é, a cada syllaba corresponder uma nota) preferir sempre, pelo que já foi notado, as que tenham uma justa extensão e tessitura, faceis, simples, de phrases curtas, de rythmo regular e uniforme, e não de composição arbitraria, como infelizmente se encontravam no repertorio dos Jardins e de outras escolas; as que não contenham notas alteradas, bem assim muitos saltos de modulações; e que repousem sobre dois ou tres accordes do tom (tonica, dominante, sub dominante). Podem sim trazer alguma passagem de tom; isso, porém, para a dominante e para o relativo *menor*, si o tom principal é *maior*; para o relativo *maior*, si o tom principal é *menor*.

d) Fazer preceder de algum exercicio de vocalização a aprendizagem das canções.

A vóz falada das creanças gyra sobre as notas:

Os primeiros exercicios vocaes deverão, portanto, começar com essas notas, fazendo-se pronunciar primeiro o monosyllabo *lá* e depois, successivamente, as vogaes *a, e, i, o, u,* um pouco fechadas.

Apresentamos alguns exercicios, em ordem progressiva, para creanças de 3 a 7 annos:



Esses exercicios, cuidadosamente feitos e bem dirigidos em grupos separados de creanças, têm a vantagem de incutir a entoação, de uniformizar o timbre das diversas vogaes e de tornar a vóz mais *redonda* e harmoniosa.

Para evitar a fadiga, cumpre não prolongar por mais de uns 4 minutos esses exercicios, reservando espaço de tempo mais ou menos igual para a canção.

Essa questão de tempo, aliás, não deve ser levada muito a rigor, porque no Jardim, como sabemos, o coefficiente a attender, antes de tudo, é o maior ou menor interesse revelados pelas creanças neste ou naquelle ponto.

Afóra os exercicios ahi indicados e que, como dissemos, são feitos separadamente, por grupos, ha o canto geral, em côro, na entrada e encerramento dos trabalhos, nos jogos, nas marchas, etc., e ahi não haverá inconveniente em cantarem as creanças mais vezes, porque no canto em conjuncto, com maior numero de vózes, estas se sustentam alternadamente e assim não se cansam.

d) Esforçar-se por que estejam as creanças attentas, nos logares marcados; cantem de pé, tenham a cabeça firme, a bocca naturalmente aberta e os dentes não cerrados.

Deve-se ter ainda em consideração que o canto é um entretenimento muito agradavel ás creanças, mas que a resistencia destas, mesmo tratando-se de um exercicio tão facil e suave, é muito limitada; por isso apenas se manifestem os primeiros signaes de fadiga, convem interromper o trabalho.

e) Fazer que as creanças cantem primeiro a meia vóz e, depois, emittindo-a naturalmente.

Essa, a unica possibilidade de conseguir um «unisono» perfeito num côro infantil, pois assim as proprias creanças irão notando os defeitos de entoação e pela imitação das outras vózes se irão corrigindo devidamente.

f) Emfim, a professora de musica do Jardim da Infancia ou da Escola Maternal, si não dispuzer de piano, de harmonium ou de guia-canto, deverá utilizar-se do diapasão.

Um desses instrumentos é necessario para que ella possa regular a propria vóz, isto é, tomar o tom justo, e não «tirar» o canto a esmo, mais alto ou mais baixo do que deve ser.

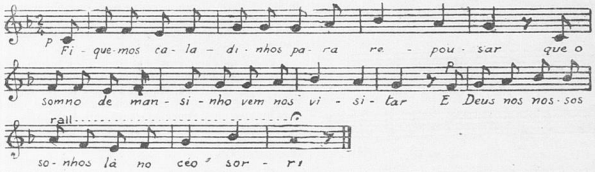
Excusado é accrescentar ainda uma vez que as creanças devem cantar sempre por imitação, ou de *ouvido*, pois seria contrasenso pretender dar ás creanças, nos Jardins e nas Escolas maternaes, a leitura das notas.

Confio no patriotismo dos Conselhos Escolares, para que elles emprestem caloroso impulso ao ensino nos respectivos municipios. — Palavras da ultima mensagem do sr. presidente Mello Vianna.

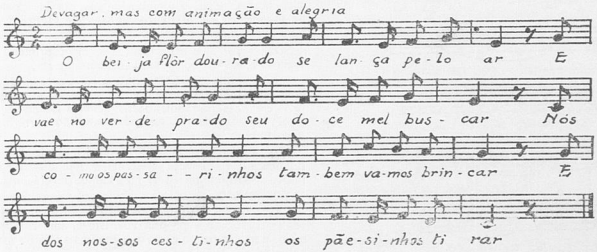
JARDIM DA INFANCIA

(PARA A «LIÇÃO DO SILENCIO»)

Um pouco lento; doce e bem ligado



(PARA A HORA DA MERENDA)



«Os paes devem interessar-se realmente pelo trabalho escolar dos filhos. Os professores precisam contar com a solidariedade efficaz e com o auxilio continuo dos paes dos alumnos» — Palavras da ultima mensagem do sr. presidente Mello Vianna.

Lição de cousas

O ar atmospherico.

QUANDO vocês estão encalorados costumam abanar-se com um leque, um papel, etc., e sentem algo no rosto. Que será, Pedro?

— E' o vento.

— E' uma ligeira viração provocada pelo movimento do leque. O que lhe veiu acariciar o rosto é o ar posto em movimento.

Tambem as arvores, que são immoveis, costumam agitar-se quando venta.

Quando vocês fazem um movimento circular com o braço, mãos espalmadas, sentem que a mão passa por alguma cousa.

Quando procuram encher uma garrafa com agua da torneira bem aberta, a garrafa fica «espirrando». Ha alguma cousa que sae da garrafa para que a agua entre.

Em tudo nós percebemos o ar, damos conta da sua existencia.

E mais: si soprarmos um enveloppe ou uma dessas bexiguinhas de borracha, elles se encherão de alguma cousa: o ar. Si logo demos um socco sobre o enveloppe cheio, elle partir-se-á com um estrondo: foi ainda o ar que, apertado, rompeu o papel.

— Zézinho, tape o nariz e a bocca.

Quanto tempo poderá ficar assim?

Um, dois, tres minutos, talvez.

Depois, morreria axphxyiado. Vemos, assim, a necessidade do ar para a nossa vida: nós o respiramos.

Todos os animaes tambem respiram.

As plantas, nem ellas poderiam viver sem ar. (Escreve).

Ar	Vida do homem » dos outros animaes » da planta	Respiração	inspirar exhalar

Devemos respirar sempre pelo nariz, que é o orgam proprio para a entrada do ar.

Os meninos que respiram pela bocca têm a garganta secca, voz, em geral, rouca e soffrem dos bronchios.

Costumam mesmo «roncar» quando dormem.

—Si puzermos um coto de véla dentro de um cópo voltado de borco, de modo a não entrar mais ar, veremos a chamma ir perdendo o brilho, até se extinguir porque ella consome o ar.

Aprendemos, assim, duas cousas. A primeira é que para apagarmos o fogo ateado ás vestes de uma pessoa, devemos abafal-o com um cobertor ou um tapete, pois, «sem ar não ha fogo»; a segunda é que o fogo consumindo o ar (propriamente o oxygenio) não devemos dormir com luz de chamma no quarto.

—Vamos agora verificar si o ar tem algum peso. Que lhes parece?

— Tem, sim, e grande, porém, não o sentimos porque estamos mergulhados no ar, que faz pressão sobre nós por todos os lados, entra-nos no corpo pelo nariz e pelos póros.

E' o mesmo que acontece a quem toma um banho de immersão: não sente o peso da agua, e, no emtanto, quem já carregou um balde della sabe bem quanto pesa.

Vocês tambem o sabem: 1 litro de agua pesa 1 kg. e até mais si não fôr pura.

Façamos outras experiencias e observações. Enchamos este copo d'agua. Colloquemos-lhe na bocca este papel. Agora vou voltal-o de borco. Vêm? A agua não cahiu, porque, si ella é mais pesada que o ar, a porção que está no copo é muito pequena, em relação á camada de ar que faz pressão de baixo para cima: camada que tem cerca de 300 kgs.

Si extendermos um jornal sobre uma taboinha estreita, cujos dois terços estejam sobre a mesa e um terço para fóra, teremos occasião de experimentar a resistencia do ar.

Si fizermos pressão, mesmo leve, na ponta livre, o ar desloca e a regua sóbe com o jornal; mas, si lhe batermos forte e firmemente com um malho, o ar não tem tempo de se deslocar, e a taboa se quebra, mostrando que a sua resistencia a se partir é inferior á pressão do ar sobre o jornal.

Cousa semelhante acontece quando levamos a mão a uma bacia cheia d'agua. Esta se desloca e a mão penetra facilmente. Porém, se levarmos espalmada, violentamente, a agua não se desloca, apara o choque, fazendo ruido. A mão chega a se avermelhar.

Comprehendem isso?

— Si observarmos uma restea de luz no quarto, veremos innumeros corpusculos suspensos. Os insectos alados, quasi todos as aves voam; os balões de S. João sobem, porque estão cheios de ar quente, mais leve que o frio, tão mais leve, que annulla o peso do papel, do arame, colla e estopa que o formam.

Os dirigiveis estão cheios de um gaz mais leve que o ar; os aeroplanos, como os passaros deslocam muito ar e podem voar.

Tambem o nadador, por movimentos especiaes, desloca agua em certa quantidade e pode fluctuar.

As bolhas de sabão fluctuam emquanto está quente o ar dos nossos pulmões que as encheu. Depois vão cahindo e se partem.

Temos tambem as nuvens, que fluctuam no ar.

Assim, vimos que o ar é «pesado».

Elle é tambem elastico. Um pneumatico de automovel tem ar; no emtanto, por meio de uma bomba especial, nós lhe vamos pondo mais ar dentro, até que o pneumatico fique resistente, podendo supportar uma ou mais toneladas de peso. Mas, si se rompe o pneumatico, elle «estoura», e o ar volta a se espalhar...

Em pequena porção, o ar não tem côr mas as grandes distancias, que são verdes, em geral, nos parecem azues. E' a côr do ar.

Quando um criminoso foge, diz o povo que elle «azulou». Poz muito ar entre si e a policia...

O ar em movimento é o vento: desde a brisa, a viração, leves, brandas, até o vendaval, o furacão, que destelham casas, arrancam arvores, afundam navios.

Quando ha calor forte em certo logar, o ar, tornado mais leve, sobe, e o seu logar será accupado pelo ar frio que se desloca para alli, produzindo o vento. O vento é utilizado para mover moinhos, barcas á vela, etc.

Temos ventos regulares, já nomeados: o Siroco, o Simoun, que percorre os desertos africanos etc.

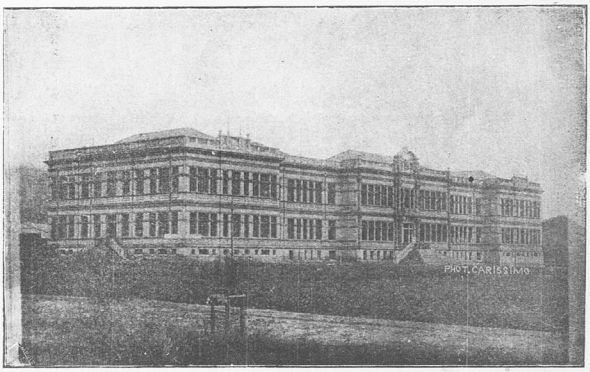
força, fazer chover peixes... no campo. São factos rarissimos, porém possiveis.

O ar é mais pesado á beira mar e mais leve nas montanhas.

Conta um escriptor (Ascensão ás Agulhas Negras), que seu cozinheiro ficara muito admirado, por não cozer o arroz, apezar de ter fervido a agua por duas vezes. E' que naquella altitude, a pouca pressão do ar faz com que a agua ferva com pequeno calor.

Vamos ver, agora, si podemos conhecer alguma cousa da composição do ar.

A chamma da vela consome o oxygenio. Nós tambem o consumimos e soltamos acido carbonico.



ESCOLA SUPERIOR DE AGRONOMIA E VETERINARIA, EM VIÇOSA.

Ha um vento — o rodomoinho, que causa não poucas vezes graves damnos. Elle sobe gyrando e absorve a poeira, papeis, pequenos objectos, com grande força.

Dizem que devido a elle se dão factos assombrosos.

Passando por uma roça de feijão, pode arrancar e suspender estes e os deixar cahir muito longe, provocando uma verdadeira chuva de feijão onde nunca existiu roça alguma.

Pode passar por um rio, absorver a agua e o que nella existe, percorrer kilometros e, afinal, amainada a

Podemos verificar isso: Uma vasilha com agua de cal. Sopremos-lhes com um folle e a agua não se altera. Si introduzirmos na agua um canudo e soprarmos por elle, a agua se turva. Alguma cousa existe no ar dos nossos pulmões a mais do que no ar soprado pelo folle.

E' o acido carbonico. Tambem podemos verificar facilmente a existencia do vapor d'agua, ficando para mais tarde a verificação da existencia do azoto.

Nos dias de chuva fria, costuma apparecer na superficie interna das vidraças uma humidade que a embaça. São gotticulas de agua: o vapor atmospherico encontrando a vidraça muito fria por causa da chuva, se condensa em sua superficie, e sobre ellas

vocês escrevem nomes e desenham phantasticos arabescos.

Verificamos a necessidade do ar para a vida, para o fogo, nuvens; seu peso, côr, elasticidade, movimento, a existencia de alguns corpos que o formam. Fizemos algumas experiencias faceis e mesmo agradaveis.

Desejava dizer-lhes que o ar conduz o som e que, sem elle o mundo seria silencioso. Ha um apparelho, que vocês verão mais tarde, para proval-o: Uma bola com uma campainha fixa no centro. Por meio de uma bomba especial tira-se o ar da bola e por mais que a agitemos, nada se ouve. Deixa-se entrar o ar e logo lhe ouvimos distinctamente o bimbalhar.

Agora, desejo dar-lhes uns conselhos: respirem sempre pelo nariz; tomem a maior porção de ar que lhes fôr possivel sem grande esforço; não durmam com luz e flores no quarto; tenham este sempre arejado.

A.

Existem no Estado 247 grupos escolares, tres jardins de infancia, 2154 escolas singulares e 48 escolas ambulantes.

O FOLK-LORE NAS ESCOLAS

A vingança do Tucano

D. RAPOSA gostava muito de divertir-se á custa do pobre Tucano.

Mestre Tucano—costumava dizer-lhe a astuta e velhaca—você, com essa figura desageitada e esse beque formidavel, não arranja nada na vida.

O Tucano, porém, que era inimigo de questões, ia aturando com paciencia todas as zombarias e pecuinhas que entendia de fazer-lhe a sua arrelienta comadre. Mas um dia a coisa foi por demais, excedendo todos os limites de uma brincadeira razoavel.

A ultima peça, a maior, a que seria capaz de revoltar até o proprio cordeiro, que é o mais pacato e paciente dos animaes, foi a que pregou d. Raposa a mestre Tucano, convidando-o para um jantar em casa della.

—Amigo Tucano—sussurrou-lhe ella, com toda a blandicia. Espero que me dará a insigne honra de ir jantar commigo. Não se arrependerá. O *menu* é tentador e espero que sahirá de lá satisfeito.

Mestre Tucano cahiu na armadilha. Fez uma *toilette* mais cuidada, perfumou-se e lá foi todo ancho e lampeiro para a casa da Raposa.

Esta recebeu-o muito bem, entretendo com o seu hospede, como é de estylo nos banquetes, amistosa palestra. A conversa, porém, fôra propositalmente prolongada pela Raposa e mestre Tucano já sentia roncar-lhe as tripas tal a fome que trazia.

Afinal, a amphytriona resolveu pôr o jantar, que consistia apenas em mingáo que ella tivera o cuidado de espalhar em cima de uma pedra, rasa. Mestre Tucano, devido á conformação do seu enorme bico, nada conseguiu comer, devorando a raposa todo o mingáo, deixando-o completamente em jejum e ainda por cima com o béque bastante avariado do esforço que fizéra para ver si conseguia apanhar alguma coisa. A Raposa ria a bom rir-se dos apertos do Tucano.

Este foi ás nuvens, mas não se deu por achado.

Jurou, porém, comsigo, tirar uma desforra á altura da affronta.

Dias depois encontrando-se com d. Raposa, disse-lhe:—Comadre, você outro dia me obsequiou tanto offerecendo-me aquelle jantar... E' chegada a minha vez de lhe retribuir na mesma moeda. Venho convidal-a para ir jantar commigo.

Vamo-nos embora, que o petisco está bom.»

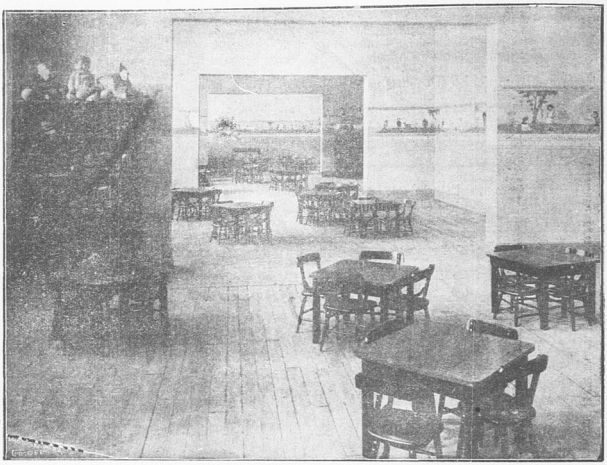
A raposa acceitou o convite e foram-se ambos. D. Raposa prelibava já as delicias de um sumptuoso banquete, que como tal lh'o inculcava o Tucano. Qual não foi, portanto, a sua raiva e o seu desaponto quando o Tucano lhe apresentou um frasco de pescoço estreito contendo mingáo.

O Tucano mettia lá dentro o enorme bico e quando o retirava vinha-se todo regalando.

A Raposa, porém, teve de contentar-se com as lambugens que cahiam do bico do Tucano.

Acabado o jantar, disse o amphytrião, á guisa de brinde de sobremesa:

—«Tome isto como lição comadre, e de hoje em diante não ha de querer se fazer de mais fina e sabida do que os outros!»



ESCOLA MATERNAL. — PAVILHÃO DAS CRIANÇAS MENORES.

A onça e o jaboty

(FABULA INDIANA)

HAVIA antigamente na floresta um fructo que todos os animaes ardentemente appeteciam, mas que lhes era vedado comer, sob pena de morte, sem que lhe soubessem antes o nome.

Bem proximo á arvore que tal fructo produzia morava uma mulher.

Os animaes a ella se dirigiam, perguntavam-lhe como se chamava aquelle fructo e voltavam para o pé da arvore, anciosos por comel-o. Apenas, porém, alli chegavam não se lembravam mais do nome da fructa. Isto aconteceu a todos os animaes, com excepção apenas do Jaboty, pela simples razão de que nunca se lembrara de indagar da mulher o nome daquelle pomo. A' vista disto, os bichos reunidos, resolveram ir á casa do Jaboty afim de ver si seria mais feliz do que elles na empresa. Pelo caminho troçavam o pobre collega.

Si os outros animaes mais espertos não podiam reter o nome complicado da tal fructa, não seria certamente o bôbo do Jaboty que haveria de conseguil-o, pensavam de si para comsigo. Ao contrario de toda a espectativa, mestre Jaboty accedeu promptamente ao desejo dos seus companheiros da selva. Tomando o seu pequeno bandolim, poz-se a caminho e chegando á casa da mulher perguntou-lhe com a maior urbanidade como se chamava o tal fructo.— *Boyoyô quizama-quizú—Boyoyô-boyoyô quizama-quizú*,—lhe respondeu ella.

Amulher, porém, tinha por costume, quando cada animal se despedia e já se achava a certa dis-

tancia, de gritar-lhe a toda a força dos pulmões: —Eh! amigo! Eu me enganei. Não é este o nome! e dava-lhe outros nomes tanto ou mais arrevezados, de sorte que o pobre animal se perturbava, baralhavam-se-lhe na memoria todos aquelles nomes esquisitos e ao chegar ao pé da arvore já não sabia qual o verdadeiro.

Mas tal não se deu com o amigo Jaboty. Apenas de posse do nome do ambicionado fructo, poz-se a cantal-o, acompanhando-se ao bandolim, em toda a extensão, da casa da mulher á arvore cobiçada.

Mas comadre Onça, que lá em baixo o esperava, deteve-o para dizer-lhe, com o ar mais amistoso deste mundo:

—Venha cá, amigo Jaboty. Você não póde trepar naquella arvore, que é muito alta. Eu apanho as fructas para você e depois rachamol-as fraternalmente no meio. Acceita candidamente a proposta, a Onça subiu á arvore e, depois de ter enchido bem o seu sacco de fructas, tratou de pôr-se a fresco, sem dar satisfação alguma ao Jaboty.

—Deixa estar que te curo, bradou este, indignado, sahindo ao encalço da Onça. Foi encontral-a, indecisa, á beira de um ribeirão profundo, não sabendo como atravessal-o com aquella carga.

—Comadre Onça—disse-lhe elle manhosamente, —na agua sempre valho mais do que a senhora. Confia-me este sacco para que a transporte á outra margem. Ficarás assim mais alliviada para atravessar a corrente.

A Onça cahiu como um patinho na armadilha. Mal chegou á outra banda do rio, o Jaboty abriu numa carreira desabalada, levando comsigo o sacco e deixando a Onça numa situação embaraçosa.

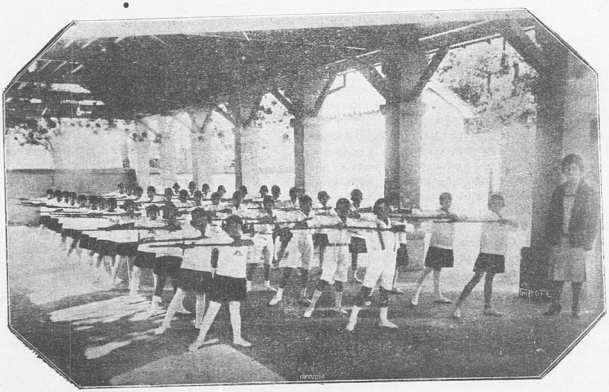
Esta jurou vingar-se, matando-o. Velhaco e frio como lã de Kagado, o Jaboty riu-se da ameaça e foi esconder-se mesmo debaixo das raizes de uma grossa arvore onde a Onça tinha por habito repousar. Em alli chegando a Onça poz-se a gritar: Amigo Jaboty! Amigo Jaboty! Ao que o marôto respondia de um e de outro lado: Oi! Oi!

Olhando para a direita e para a esquerda e não vendo ninguem, a Onça, apavorada, continuou a chamar: Amigo Jaboty! Amigo Jaboty!

Entrementes, aconteceu passar por alli mestre Macaco.

A Onça, em quem os fructos que comera pelo caminho, começavam já a produzir effeito, queixou-se de fortes dores de barriga e supplicou ao Macaço que lhe applicasse umas valentes massagens no baixo ventre. Mestre Macaco assim o fez e com tanto enthusiasmo e convicção malhou no ventre da bicha, que esta veio a morrer da cura...

FOLK



JUIZ DE FORA—GYMNASTICA RYTHMICA COM BASTÃO, EXECUTADA PELOS ALUMNOS DO 3º ANNO DO GRUPO ESCOLAR «DELFIM MOREIRA», DURANTE A FESTA DE 14 DE JULHO.

BIBLIOTECA
ARQUIVO PUBLICO MINEIRO

O que dizem as outras Revistas

«REVUE PÉDAGOGIQUE»

O numero de março desta revista, que se publica em Paris, traz excellente estudo do sr H. Mignot sobre a theoria da educação de Michelet.

E' desse estudo que extrahimos para nossas paginas os seguintes trechos:

Educadores e focos de educação.

A educação na familia.

Nas obras que consagra á educação do lar, *O Amor*, *A Mulher*, *Nossos Filhos*, Michelet affirma que o pae e a mãe são os educadores naturaes da criança e que ninguem os pode substituir São elles que lhe asseguram o maximo de probabilidades de vida durante os primeiros annos, tão frageis da existencia.

Elles lhe dão o cunho inapagavel da primeira educação, cujos effeitos virão reforçar ou corrigir os da hereditariedade. São elles os primeiros exemplos propostos á imitação servil e confiante da personalidade em formação. Os paes criam duplamente a criança: dão-lhe a vida do corpo, depois a da alma

Funcção singularmente grave para a qual nunca se prepararão de mais.

Dá-se na familia uma especialização da funcção educativa: cada qual collabora na obra commum conforme sua propria natureza. Por destino natural a mãe é a primeira educadora, como principal creadora da criança: gera-a com o seu sangue, depois a cria em seus seios e ainda uma vez com os cuidados da primeira educação. Seu genio sentimental e terno tornam-n'a mais apta a dar essa educação da primeira infancia. Desse modo a educação materna torna-se o prototypo de toda educação porque ella se inspira naturalmente no grande principio da pedagogia liberal: o respeito ao genio nativo da criança e a fé em sua bondade natural. O pae traz á educação do lar o elemento de força e de actividade.

Prepara a criança para a vida social. Trabalhando para os seus, aos quaes proteje, é um exemplo vivo de virtudes viris. O que a criança estima em seu pae é, a principio, o companheiro de seus dias e, mais tarde, quando comprehende tudo o que elle faz pela familia, é o *homem*, isto é, a força, o dever e até o sacrificio. E' por meio delle que a criança, insensivelmente se affaz ás difficuldades da vida, aos meios de vencel-a nessa lucta quotidiana e na solidariedade que a sociedade nos encontra.

O lar é, porém, um campo muito estreito para preparar o individuo para a acção social, sendo portanto preciso procurar-se um outro mais vasto fóco de educação, uma vez que a criança deve ser educada *pela acção e para a acção*.

Encontramos então o segundo fóco de educação:

A escola publica nucleo da educação nacional.

A escola actual, de accordo com os principios pedagogicos em voga não se limita apenas a dar *instrucção* deixando a educação aos outros nucleos de formação de caracter. Ella se esforça, ao contrario, em formar o caracter da criança ao mesmo tempo que lhe prodigaliza os conhecimentos necessarios nos differentes ramos do saber humano. O papel da escola publica é «identificar a criança com a patria, e com a grande patria commum, mundo», fazendo della um ser social. A missão do educador é, pois, das mais elevadas, constituindo verdadeiro sacerdocio. Não lhe é facil manter-se constantemente á altura da actividade e convicção exigidas pelo cargo. O educador deve aperfeiçoar-se sem cessar, vivificando a escola com seu espirito lucido e sempre renovado. Nunca medirá seu esforço nem a sua funcção, porque o ensino não é uma occupação, é um sacrificio completo de sua propria pessoa.

Collaboração intellectual e communhão sentimental são a essencia do ensino. Assim é que Michelet comprehendeu sua missão de professor, assim professou elle a historia, commungando com o auditorio que elle fazia vibrar pela evocação ardente do passado que revivia em sua alma, em sua palavra, em seus escriptos.

«POPULAR EDUCATOR»

Adoptamos desta revista americana as seguintes palavras, da maior actualidade para os professores:

«Umas das profissões mais penosas e tambem das mais bellas é o magisterio. Muitas vezes, porém, os pequenos resultados colhidos é que desanimam a inclinação do mestre para o trabalho. Ha, pois, um problema fundamental neste assumpto. E' o de tornar o ensino cada vez mais efficaz. A cooperação dos paes com os mestres assume, então, um papel preponderante para esse exito desejado.

Não havendo uma comprehensão mutua entre elles, perde-se grande parte do trabalho feito na escola.

O começo do anno é a occasião propria para se formarem essas allianças.

Para a professora comprehender o alumno e poder dirigir-lhe a educação, é necessario conhecer as condições em que elle vive e o ambiente que o cerca. E' este um dos grandes segredos para o exito do ensino.

E' preciso despertar o orgulho dos paes e utilisar seu poder na escola.

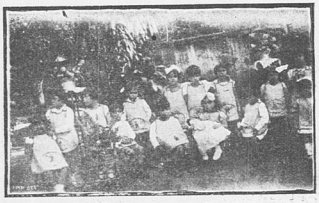
Algumas professoras se queixam de que não conseguem interessar os paes no trabalho escolar. Alguns não fazem muito caso dos filhos. Outros têm a idéa antiquada de que a casa é o centro para onde devem convergir todas as actividades da criança. Algumas vezes, têm bôa vontade em relação aos filhos, mas não sabem como devem proceder. Em certas casas as crianças apparecem como hospedes indesejaveis. Nesses casos, é que as professoras devem tentar reunir, num só, os diversos elementos da sociedade.

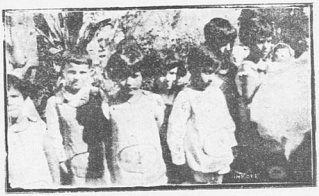
Ha alguns annos atráz, os paes só iam á escola para fazer alguma queixa á professora; e, por conseguinte, esta não os recebia com muito prazer. Mas, hoje, os paes estão começando a visitar as escolas com outros propositos e em algumas dellas, já instituiram, nos Estados Unidos, o «dia dos paes».

As professoras mandam avisos especiaes e fazem o possivel para induzil-os a se reunirem na escola. Ahi, conversam com as professoras sobre o adiatamento dos filhos, sobre suas tendencias e outros assumptos que interessam a todos. Cada vez se generaliza mais este costume nos Estados Unidos, e as mães vão conhecendo mais de perto o segundo lar de seus filhos.

Entre nós, muitos paes não conhecem nem o nome da professora. Outros não se interessam pelos boletins mensaes e nem sabem o que querem dizer. Muitas vezes assignam esses boletins sem o lerem e, não raro, ignoram até o nome da rua onde está situada a escola.

A professora tem o dever de procurar despertar o interesse dos paes pela vida escolar dos filhos e, entre o lar e a escola deve haver um constante intercambio.





A FESTA DA BONECA NA ESCOLA INFANTIL «DELFIM MOREIRA» (CAPITAL).

EM CIMA: OS CONVIDADOS MUITO SERIOS DEANTE DA OBJECTIVA

EM BAIXO: A BONECA, CERCADA DE BRINQUEDOS

Leitura para as crianças

O JANTAR DE BÉBÉ

O pequerrucho, tres annos:
Não ha nada mais gracioso
Do que os seus gestos ufanos
E o seu andar orgulhoso.

Detesta officios tranquillos,
Ama o clangor das trombetas:
E' o Atila dos grilos,
O Nemrod das borboletas.

Com todas as qualidades
Da *ménagère* exemplar,
Emquanto o irmão faz cidades
Bébé prepara o jantar.

Dorme a boneca ao pé d'ella
No berço. De quando em quando
Bébé escuma a panella,
Que está fervendo e cantando.

São horas. O irmãosito
Já deve de andar cançado
Das construcções de granito
E da rabiça do arado;

Mimi em poucos instantes
Acordará com certeza;
E' necessario quanto antes
Ir pondo o jantar na mesa...

GUERRA JUNQUEIRO

Brasil—Recursos naturaes

BEMVINDA DE CARVALHO

Estudo, em palestra com os alumnos, sobre as riquezas naturaes do Paiz, de modo a despertar-lhes o sentimento do enthusiasmo pelo progresso patrio—Industria extractiva: ferro e manganez; ouro; diamante e outras pedras preciosas.

(Geographia: Programma do ensino primario —3.° anno, 2.° semestre).

A lição compõe-se das seguintes partes:

a) Um quadro synoptico do assumpto, posto antecipadamente no quadro negro, á esquerda. (Vêr a fig. 1).

b) Um esboço do Brasil, com a divisão administrativa e os nomes dos productos mineraes com localisação propria, á direita; (Vêr fig. 2)

c) O mappa do Brasil, de Olavo Freire, ao lado, bem visivel para a classe;

d) A collecção de pedras preciosas e de especimens de mineiraes, trazida do museu escolar;

e) Finalmente, o schema, dado aos alumnos para o estudo em casa.

Observação: A professora deve falar em voz clara, alta, cotejando sempre o synoptico, o esboço e o mappa do Brasil, de fórma a desfazer qualquer monotonia que possa reinar em classe.

No dia seguinte, a arguição deve ser feita á vista do *mappa-mudo*, isto é, o esboço do Brasil, dividido em Estados somente, sem designação alguma, de fórma a poder averiguar-se si o alumno aprendeu intuitivamente a lição.

A professora: Vamos terminar hoje o tratado dos productos naturaes do Brasil. Em aulas passadas, vimos a flora e fauna. Falemos agora do reino mineral.

O Brasil foi considerado um *paiz de mineração* desde o periodo colonial. Vocês têm a prova do que affirmo nos pontos de Historia do Brasil, 1.° semestre, quando estudam a guerra dos Emboabas ou seguem os vultos luminosos de Felippe dos Santos e de Paschoal da Silva.

Tentando-se, com afinco, conhecer a estructura geologica do Brasil, isto é, observando-se a natureza e distribuição dos materiaes que lhe formam o sólo, chegou-se á conclusão de que é immensa a variedade de seus recursos mineraes.

Encontram-se, numa area consideravel do Paiz, grandes riquezas, quaes sejam: o ouro, o manganez, o ferro, o chumbo, o carvão de pedra, pedras preciosas, etc. Vou apparelhal-as em 5 grupos, para melhor facilitar a comprehensão. Vejam aqui no quadro (aponta o quadro synóptico, continuando a lição):

a) Os *metaes*, que têm brilho caracteristico, como o ouro;

b) Os *combustiveis* ou substancias com que se faz lume, fogo, ex.: o carvão de pedra, o petroleo;

c) Os *mineraes não metallicos*, a saber, mineraes que não têm brilho especial: o amianto, por exemplo;

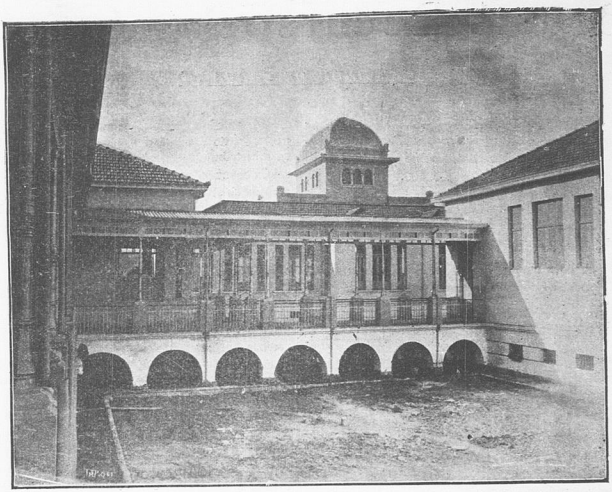
d) As *pedras preciosas*: hajam vista o diamante, a esmeralda, etc., conforme estão vendo na rica collecção que lhes apresento aqui e que podem apreciar, com calma, no primeiro intervallo das aulas;

e) As pedras *semi-preciosas*: Refiro-me ás de valor médio, como a cymophana, a triphana.

Semi é um prefixo, um elemento que se ajunta ao começo da palavra, e significa *metade, meio*. (Escrevendo no quadro) *Semi-circulo*, por exemplo, é o mesmo que *meio circulo*.

Reparem a parte colorida. (Desenha no quadro)

Attenção, meninos! Diga, Luiz, quaes são os grupos em que se classificam os nossos mineraes. Bem. Você, Newton, cite alguns metaes. Qual é o distinctivo dos metaes, Mauricio? Fernando, que significa o vocabulo *combustiveis*?



ESCOLA MATERNAL — VISTA INTERNA.

Enumere varios exemplos desse typo, Lauro. O Oswaldo conhece um mineral não metallico? Muito bem! Conforme diz você, podemos vêl-os entre as amostras do Museu. E sabem que o amianto resiste á acção do fogo? As pedras preciosas... Ha algum, entre vocês, que não tenha parado ante a vitrina de um joalheiro? que não tenha apreciado o faiscar louro dos topazios, o tom violeta magoado da amethista, o azul-nevoeiro da agua-marinha, as gottas de sangue do rubi, os olhos verdes, encantadoramente verdes da esmeralda, o scintillar do brilhante? As pedras preciosas... Sim, meus amiguinhos, «as pedras preciosas vivem», disse o poeta, e dão cantos de luz a esta terra encantada que é o nosso Brasil. Dê o nome de uma pedra semi-preciosa, Sylvio. Que significa *semi*, Hugo? Logo, semi-preciosa, Carlos? Muito bem!

Iniciemos a lista dos nossos *metaes*.

O *ouro*, denominado *metal precioso*. Encontra-se em varios pontos do territorio mineiro: Gongo Socco, Morro Velho, Passagem, Itabira. Na 1.ª metade do seculo passado, a mina de Gongo Socco, situada a pouca distancia de Sabará, foi uma das mais prosperas.

O *manganez* é um minerio de alta importancia economica. Ha bons depositos no Brasil, especialmente na Bahia, no municipio de Nazareth e em Minas Geraes, perto de Lafayette. Em Minas, o manganez encontra-se abundamente não só em Lafayette, mas em Ouro Preto, Burnier, Congonhas, Santa Barbara, Gandarella, etc. etc.

Em Matto Grosso, tambem, ha uma notavel jazida de manganez, no massiço de Urucum.

O *ferro* é um metal muito commum no Brasil, e, como vocês sabem, de incomparavel vantagem.

Existem, em nosso Estado, as jazidas do Pico de Itabira, de Catta Branca, de Aguas Claras, de Sant' Anna dos Ferros, de Garandello, de São João Baptista, perto de Oliveira, e muitas outras, estudadas por Gorceix, Costa Sena, Gonzaga de Campos e varios profissionaes.

No Paraná, em Santa Catharina, Goyaz, Matto Grosso, ha deposito de ferro. Em São Paulo, encontra-se a afamada mina de Ipanema.

O nosso actual presidente dr. Mello Vianna tratou com a maxima solicitude do problema siderurgico, isto é, do aproveitamento dos minerios de ferro na obtenção deste metal. Augmentou-se o numero de usinas no Estado, continuando a funccionar a de Esperança e a de Burnier, etc.

— O *cobre* é encontrado no Brasil, existindo em Ouro Preto, no Maranhão, Ceará, Parahyba, Rio Grande do Norte, Bahia, Rio Grande do Sul e Minas Geraes. As jazidas da Bahia e do Rio Grande do Sul são as mais conhecidas. Na estrada de ferro de Bagé a Pelotas, encontra-se a de Camaquan, de grande valor. A exploração foi iniciada em 1901, com capitaes belgas.

O Brazil possue, ainda, outros metaes: platina, prata, zinco, nickel, chumbo, etc.

— Diga, Mario, alguma cousa sobre o ouro. Qual o Estado que o contém em maior quantidade?

E o manganez, Julio, é util? Porque? E o ferro Alberto? que diz você sobre elle?

Vejamos os *combustiveis*:

Carvão de pedra, existente em S. Paulo, Paraná, Santa Catharina e Rio Grande do Sul, com magnificas condições de exploração.

Petroleo: Em varios pontos do Brasil, maximé em S. Paulo e Paraná, nota-se a presença desse oleo mineral, extremamente inflammavel. Em caso de incendio produzido por elle, deve-se extinguir o fogo com terra, panno, e não com agua. O Governo Federal, a conselho de varios scientistas, tem mandado fazer pesquisas.

Shistos betuminosos: Constituem grande riqueza do Paiz. Submettidos á distillação, produzem oleo pesado, gazes combustiveis, apropriados á illuminação. São encontrados no Amazonas, Maranhão, Alagôas, Bahia, Minas, S. Paulo, Paraná, Santa Catharina, Rio Grande do Sul, Goyaz e Matto Grosso.

Linhito: E' outro combustivel que se encontra no Amazonas, Minas e S. Paulo o possuem.

Turfa: Ha alguns depositos em Minas e Rio de Janeiro.

Gaz natural: Uma sondagem feita no municipio de S. Pedro, em S. Paulo, obteve um deposito de gaz combustivel, uma das mais valiosas substancias do mundo.

— Enumere, Milton, os productos combustiveis do Brasil. Falta alguns, Paulo? Muito bem!

Passemos aos *mineraes não metallicos*:

O *amianto:* de grande alcance commercial, é achado em Minas; a *argilla*, empregada na fabricação de tijolos e telhas, encontra-se nos Estados do Sul; o *feldspatho*, que entra no fabrico de louças, vidros, porcellanas e azulejos; a *barytina*, usada nas tintas, na manufactura da borracha, do papel, do cortume, dos fogos de artificio e na refinação do assucar de beterraba. Ha occorrencia dessa substancia na Bahia, Maranhão e Minas; a *graphite*, muito util na fabricação de lapis, na pintura e como material electrico, é encontrada em Minas e Matto Grosso.

Marmores: Ha varios depositos no Ceará, Espirito Santo, S. Paulo, Minas e Rio Grande do Sul. Os mais bellos exemplares são encontrados em Minas.

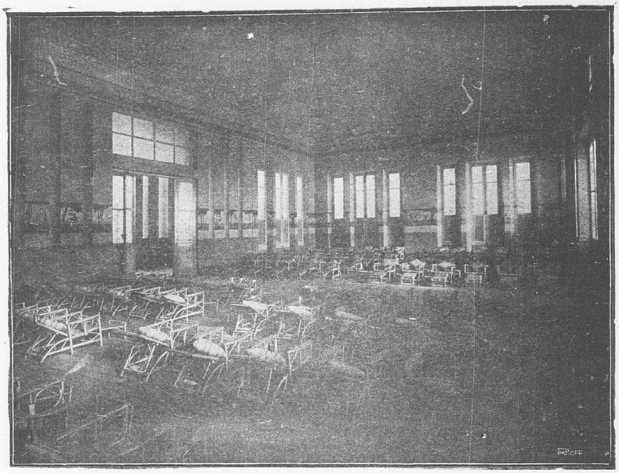
O Brasil contém *mica*, *monasito e pedras de amolar*, onde se afiam instrumentos, e o *quartzo*, substancia espalhada no Brasil, usada no fabrico do vidro e do sabão. Ha os coloridos, como o amarello que imita o topazio.

O *salitre*, de que se faz a polvora, é encontrado na Bahia e em Minas.

Repita, Newton, os nomes dos mineraes não metallicos do Brasil. Está bem. Mais um pouco. Vamos falar das *pedras preciosas*.

O *diamante* se encontra ao longo da serra do Espinhaço, principalmente em Diamantina, e nos leitos do Jequitinhonha e do rio Pardo, na Bahia, na Chapada, Diamantina e em torno da cabeceira do rio Paraguassú; em Goyaz, Matto Grosso, S. Paulo e Paraná.

A *esmeralda*, na Bahia; *turmalina*, de varias das côres, *andaluzitos* dichroicos, isto é, de diver-



ESCOLA MATERNAL. — SALÃO DE REPOUSO DAS CRIANÇAS MAIORES.

sos tons, *agua marinha*, *topazio* azul ou branco, em Minas; a *aghata* e a *amethista* no Rio Grande do Sul.

Então, Julio, qual o Estado mais rico em pedras preciosas?

Entre as pedras *semi-preciosas*, citam-se a *cimophana* e a *triphana*, existentes em Minas; o *quartzo amarello*, em Goyaz.

Ultima pergunta: O Brasil possue recursos naturaes? Principalmente em que reino?

Tomem agora o quadro synoptico, o esboço do Brasil e o schema que vou escrever no quadro. Capricho e attenção! Façam outro mappa egual ao modelo, em papel avulso.

Na proxima aula, entraremos no «Brasil economico».

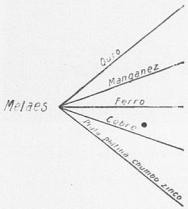
PARA OS ALUMNOS

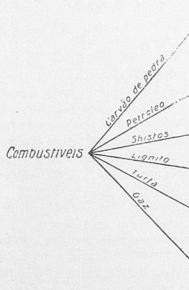
Fig. 1 — Quadro synoptico dos mineraes do Brasil

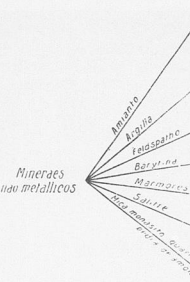
Mineraes do Brasil	Metaes	Ouro, ferro, manganez, cobre, platina, prata, zinco, nickel, chumbo.
	Combustiveis	Carvão de pedra, petroleo, shistos betuminosos, linhito, turfa, gaz natural
	Mineraes não metallicos	Amianto, argilla, feldspatho, barytina, graphite, marmores, mica, monasito, pedras de amolar, quartzo, salitre
	Pedras preciosas	Diamante, esmeralda, turmalina, andaluzitos, agua-marinha, agatha amethista.
	Pedras semi-preciosas	Cimophana triphana quartzo amarello

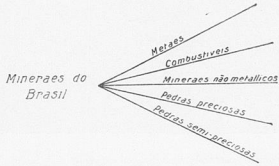
Fig. 2 — Esboço do Brasil, com a divisão administrativa e os nomes dos productos mineraes, com localisação propria.

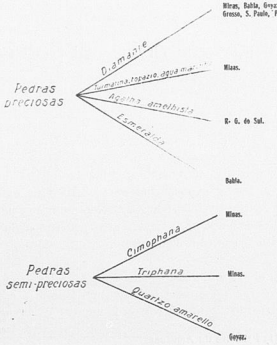
SCHEMA











Este diagramma, que a Secretaria do Interior mandou organizar, mostra as diversas phases de desenvolvimento da matricula em Minas, a partir do anno de 1822, e põe em evidencia o salto magnifico que os numeros apresentam na administração Mello Vianna.

Como a noite appareceu, segundo a lenda tupy

A PRINCIPIO não havia noite: havia dia somente. A noite estava adormecida no fundo dos lagos tranquillos.

Não havia animaes: todas as coisas falavam. E como não houvesse noite propicia ao somno reparador, não se podia dormir. A filha da Colera Grande, conta-se, casara-se com um joven. Este moço tinha 3 vassallos fiéis. «Não ha noite, ha dia somente, disse a moça ao marido: meu pae tem a noite presa em sua morada, disse a filha da Colera Grande.

Então, aconselhado pela esposa, o joven chamou os tres vassallos e ordenou-lhes fossem á casa do sogro buscar um caroço de tucumã (1*), devendo elles, para lá chegar, descer, de canôa, um grande rio. Chegados á casa da Colera Grande, deu-lhes um caroço de tucumã, perfeitamente fechado, dizendo-lhes: «Aqui está: levem-n'o com cuidado e não o abram, pois em caso contrario serão punidos». Os vassallos foram-se. Pelo caminho, porém, ouviram um barulho extranho que sahia de dentro do caroço de tucumã: *ten-ten—ten-ten*. Esse barulho era dos grillos e dos sapinhos que com elles cantam pela noite a dentro.

—Que diabo de barulho é este? disse um delles. Vamos abrir o caroço para verificar?

Ao que retrucou o que servia de piloto: «Não! Do contrario nos perderemos. Remai e vamo-nos embora! E lá se foram, impressionados sempre por aquelle barulho, cuja causa não sabiam explicar. A

(1) Palmeira do Amazonas.

curiosidade, porém, era nelles mais forte do que o temor. Não resistiram e, quando já iam muito longe resolveram abrir o caroço da tucumã para verificar o que dentro delle se continha.

De pé, no meio da canôa, um delles accendeu fogo, com que os companheiros derreteram o breu que fechava a porta do caroço de tucumã. Mal o abriram, fez-se para logo noite cerrada e densa. Então, disse o piloto: «Estamos perdidos!»

A essa hora, em sua casa, a moça já sabe que abrimos o caroço da tucumã.

Seguiram sempre. A moça, em sua casa, disse ao marido: «Elles soltaram a noite. Vamos esperar agora a manhã». Então, todas as coisas que se achavam espalhadas pelo bosque se metamorphosearam, umas em peixes e outras em passaros e outras em animaes. O paneiro transformou-se em onça. O pescador, com sua canôa, converteu-se em pato: sua cabeça em cabeça de pato; seu remo virou as pernas do pato e a canôa o corpo do pato. A filha da Colera Grande, quando viu a estrella Venus, disse ao marido: «Está chegando a manhã. Eu vou dividir o dia da noite». E, enrolando um fio, accrescentou: «Tu serás *cujubim* (2), para cantar quando a manhã vier». E fez assim o *cujubim*, branqueou a sua cabeça com tabatinga e avermelhou-lhe as pernas com urucum, dizendo-lhe: «Cantarás para todo o sempre quando vier a manhã».

Depois, tornando a enrolar o fio, disse. — Tu serás inambù! Tomou cinza, poz-se sobre elle: «Tu inambú serás». Cantarás á tarde, ao baixar a noite, á meia noite e noite alta até vir a madrugada».

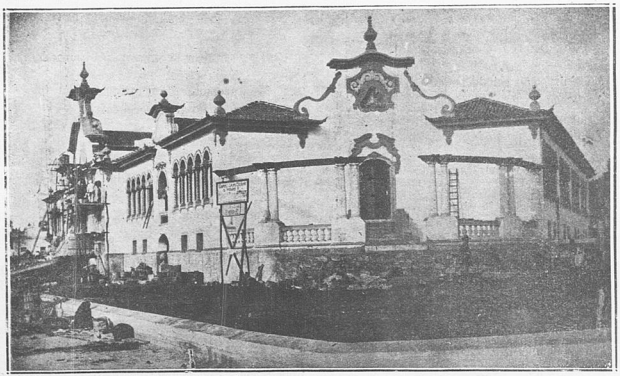
De então para cá, os passaros cantam em tempos proprios, á noite e quando a manhã vem, para alegrar o dia.

Quando os tres vassallos chegaram, o moço lhes disse:

«Vassallos infieis! Fostes a causa de todas as coisas se perderem. Virareis, por isso, macaquinhos e andareis para todo o sempre trepados pelos galhos das arvores».

H.

(2) Especie de jacú, que canta pela madrugada.



FACHADA LATERAL DO GRUPO ESCOLAR D. PEDRO II, EM BELLO HORIZONTE, CUJA CONSTRUCÇÃO ESTÁ A TERMINAR E QUE É O PRIMEIRO EDIFICIO PUBLICO, EM ESTYLO COLONIAL, NO ESTADO.

O mentiroso arrependido

(COMEDIA INFANTIL)

D. MARGARIDA—Senhora de 30 annos presumiveis.
CARLITO—Filho de D. Margarida, 9 annos.
VICENCIA—Velha creada.

SCENA UNICA.

D. MARGARIDA (zangada).

Que feia coisa é a mentira!
Lucro algum della se tira,
E de mentir tu não deixas. .
Vais me dizer a verdade:
Onde puzeste as ameixas
Vindas da confeitaria?
Vamos, Carlos, por piedade
Hoje, ao menos, neste dia
Que é o dia natalicio
De teu pae, dize a verdade!

CARLITO (choramingando).

Mãesinha, não sei de nada
Acabo agora de entrar.
Creio que foi a criada...
Eu não fui, posso jurar!

D. MARGARIDA

Oh! foste tú que as tiraste!
Como ainda juras por cima?
Estás a sahir-me um traste,
Indigno da minha estima!
De que vale o juramento
Si quem o faz não faz fé?
Mais que feio, é abjecto
Tirar sem consentimento
Do dono, qualquer objecto...
Chega a ser um crime até!
Mas, emfim, na tua edade,
Póde mais a gulodice
A's vezes que a honestidade
Isto ainda é desculpavel,
Tolera-se, como disse:
Mas o que é imperdoavel
E' negar o que se fez.
Sabes disto a consequencia,
Pois surda, já uma vez,
Aos seus brados de innocencia
Tive de mandar pr'a rua
Uma pobre empregadinha
Por culpa que ella não tinha
Pois eras tú o culpado.
Não tens remorsos, Carlito?
Suspeita de ter furtado
Um collar que, está provado,
Foste tu que consumiste!
Achas tu isso bonito?
Pois eu acho muito triste!
E não te emendas, birbante!

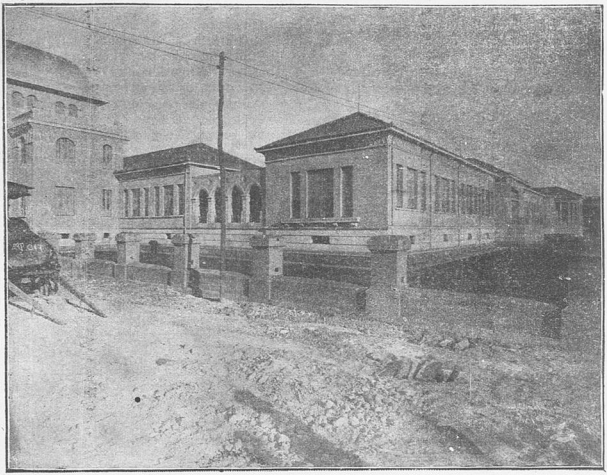
CARLITO (com ar arrependido, abraçando-a)

Mãe, prometto d'ora avante,
Não mais faltar á verdade.

D. MARGARIDA

Pois vamos ver, está feito!
Mentir é grande defeito
Até mesmo em tua edade!

Apenas Carlito se afasta, ouve-se, vindo do interior da casa, um rumor fragoroso, como terremoto, — barulho de louças e vidros quebrados. Depara-se a D. Margarida um quadro desolador: terrinas e pratos, Sévres, compoteiras e copos de crystal finissimo da Bohemia, tudo por terra em pandarecos. D. Margarida chega ainda a tempo de surprehender Carlito a se esgueirar por detraz de uma porta. Seu primeiro impeto e' castigal-o alli mesmo, severamente; melhor refletindo, porém, contem-se, mudando de resolução.



ESCOLA MATERNAL. — FACHADA E PARTE DA PRINCIPAL.

D. MARGARIDA (pensativa).

E si uma experiencia tento?
O que não póde a razão
Talvez possa o sentimento...
Falemos-lhe ao coração,
Tentemos a experiencia,
Soffra embora um innocente...
Trata-se de um caso urgente.

(Chamando resoluta, para dentro)

Vicencia! olá, Vicencia!

(A' criada, que acode, esbaforida)

Não és mais minha empregada!
E' arranjar a trouxa e fôra!

VICENCIA (com humildade).

Que fiz eu, minha senhora,
Para ser assim tratada?

D. MARGARIDA (com vehemencia).

Ainda perguntas? Não vês
O prejuizo que causaste?
Nem mesmo um anno, talvez,
Do teu ordenado baste
Pra pagar o estrago feito.
Nada! nada! não tem geito!

(Apontando, com o dedo, severa, para a louça em estilhaços pelo assoalho.)

Não vês esses estilhaços
Toda essa louça em pedaços?

Contempla, anda, esta tua obra,
E dize si tenho, ou não,
Motivos até de sobra
Para te mandar embora
Te escorraçar, como a um cão!

VICENCIA (em tom que implora, enxugando as lagrimas no avental)

Mas... tantos annos, senhora,
Que sirvo, como copeira,
Nesta casa, sem razões
De queixa dar aos patrões...
Bem obediente, ligeira,
Sempre querida e estimada...
Para agora ser tratada
Assim, de modo tão duro...
Quem quebrou toda essa louça,
—Que Deus, ó senhora, me ouça!
Não fui eu, por Deus o juro!

D. MARGARIDA (com energia)

Si não foste, és responsavel!
Está lavrada a sentença,
Fria, crúa, irrevogavel!
Põe-te já, mas sem detença,
Quanto antes no olho da rua!

Vicencia sáe, de cabeça baixa, e volta, pouco depois, sobraçando uma magra trouxa de roupas. Despede-se, sempre chorando. Carlito, que desde o começo desta scena, tudo presenciara por detraz da porta, com crescente emoção, não podendo mais conter-se, ao ver assim tão barbaramente despedida, por sua causa, uma creada de tantos annos, salta do seu esconderijo.

Detem-te minha mãesinha,
Pois a culpa é toda minha!
Si alguem, pois, ser castigado
Merece, sou eu somente!
Não posso deixar, mãesinha,
Que por mim pague o innocente!
Pois quem tudo isso quebrou,
Fui eu, eu, só, que aqui estou!

D. MARGARIDA (abraçando-o e fitando-o com infinita ternura, os olhos cheios de lagrimas, quasi balbuciando).

Meu filho, já o previa,
Sim, tinha um presentimento,
Não sei o que me dizia
Já o sabia, pois não,
Que em ti, emfim, falaria,
Filho, a voz do sentimento,
Filho, a voz do coração!
Que grande prazer me invade!
Senhor, que dia grande é este!
Perdôo-te tudo, tudo.

CARLITO (vendo sobre a mesa uma taça, ergue-a num brinde a seu pae, que entra neste momento, carregado de embrulhos).

Meu paesinho, eu te saudo,
Neste dia em que nasceste
Em que nasci p'ra verdade!

H.

ESTE numero da «Revista do Ensino» se reveste de uma significação especial por ser o ultimo que publica o governo que a creou e, por isso mesmo, apparece com perto de cem paginas, excellente feitura, collaboração a mais variada e, para requinte de esthetica, com tres trabalhos em trichromia. A capa, em pequeno quadrilatero, mostra a primeira dessas producções em um bello pedaço de nossa natureza tropical e no texto se depara a reproducção de duas telas historicas: uma já celebre — «A primeira missa no Brasil» — e o «Julgamento de Felippe dos Santos», de Antonio Parreiras, quadro executado por ordem do governo de Minas. Mas a «Revista do Ensino» ao dar, nesta edição, em esplendidas trichromias, quadros que relembram a nossa Historia, não visou, apenas, tornar-se mais interessante: a «Revista» endereça, especialmente, essas reproducções coloridas, ás professoras do Estado, para que estas, tirando-as de suas paginas e emuldurando-as discretamente, as colloquem á parede de suas salas de aulas. E, graças ao valor historico de suas trichromias, a «Revista do Ensino» irá, feliz, viver, em uma de suas paginas, nas Escolas de Minas, para as quaes foi ella creada e pelas quaes procura aperfeiçoar-se, cada vez mais.